

PUCRS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

MARCIA LUISA BASTILHO GONÇALVES

EU VIVO À BEIRA

Porto Alegre
2020

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

MARCIA LUISA BASTILHO GONÇALVES

EU VIVO À BEIRA

Porto Alegre
2020

Ficha Catalográfica

G643e Gonçalves, Marcia Luisa Bastilho

Eu vivo à beira / Marcia Luisa Bastilho Gonçalves. – 2020.
186.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Altair Teixeira Martins.

1. Escrita Criativa. 2. Fantasia. 3. Metaficção. 4. Memória. I.
Martins, Altair Teixeira. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO - ESCRITA
CRIATIVA

MARCIA LUISA BASTILHO GONÇALVES

EU VIVO À BEIRA

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Área de concentração: Escrita Criativa.

Orientador: Prof. Dr. Altair Teixeira Martins

PORTO ALEGRE
2020

MARCIA LUISA BASTILHO GONÇALVES

EU VIVO À BEIRA

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Área de concentração: Escrita Criativa.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Dra. Aline Conceição Job da Silva - UCS

Prof. Dr. Bernardo José de Moraes Bueno - PUCRS

Prof. Dr. Altair Teixeira Martins - PUCRS

PORTO ALEGRE

2020

Para Debora, Marcus e Will:
Eu sei que um dia eu volto para vocês.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Agradeço a minha família que embarca comigo em aventuras sem entender muito bem aonde eu pretendo chegar, mas me ajudam sem hesitação, e me trazem de volta para a terra firme sempre que minha bússola quebra, principalmente minha mãe, Cássia Bastilho, que, sem ela, nenhuma fantasia ou realidade minha poderia ter sido inventada.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Altair Martins, pelas ideias fantásticas e o entusiasmo compartilhado durante nossa jornada heroica.

Aos meus amigos, os de dentro da academia e aos de fora, que sempre me esperaram com um abraço ou uma bebida. Teriam sido anos mais difíceis sem a companhia de vocês. Obrigada, obrigada!

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS por sempre incentivar e apoiar aos pesquisadores e, principalmente, por receber cada um de nós em um ambiente de acolhida e respeito.

RESUMO

O presente trabalho, dividido em duas partes, traz em seu conteúdo o romance *Eu vivo à beira*, narrado por Luisa, uma escritora em crise por não conseguir escrever porque acredita não ser capaz de fazê-lo sozinha, agora que os personagens que viu durante a vida desapareceram, aqueles que compartilhavam de sua mesma realidade, sempre pairando ao seu redor, e que inspiravam suas histórias. O romance traz, além da história de Luisa, nove primeiros capítulos de histórias de fantasia que foram escritas e publicadas por Luisa. Na segunda parte deste trabalho, temos um ensaio-reflexivo sobre a criação do romance, a jornada percorrida durante sua escrita, permeado por elementos teóricos.

Palavras-chaves: Escrita Criativa. Fantasia. Metaficção. Memória.

ABSTRACT

The present work, divided into two parts, contains in its content the novel *Eu vivo à beira*, narrated by Luisa, a writer in crisis for not being able to write because she believes she is not able to do it alone, now that the characters she saw during her life have disappeared, those who shared her same reality, always hovering around her, and who inspired her stories. The novel features, in addition to Luisa's story, the first nine fantasy story chapters that were written and published by Luisa. In the second part of this work, *A desconstrução de Luisa*, we have a reflective essay on the creation of the novel, the journey taken during its writing, permeated by theoretical elements.

Keywords: Creative Writing. Fantasy. Metafiction. Memory.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
Eu vivo à beira	7
A DESCONSTRUÇÃO DE LUISA	141
1. Te dou um nome, te faço real então	141
2. A realidade de Luisa	142
3. A fantasia de Luisa	144
4. A invasão no mundo de Luisa	148
5. Com quem Luisa fala	150
6. Luisa, tu também és personagem	153
7. A jornada de Luisa	154
8. O passado de Luisa	162
9. A Luisa do subsolo	164
10. Os livros de Luisa	165
11. A despedida de Luisa	170
REFERÊNCIAS	175

APRESENTAÇÃO

Este trabalho está dividido em duas partes: uma parte criativa, que traz o título *Eu vivo à beira*, cuja história é sobre Luisa, filha de pais separados – o pai abandonou a família quando o irmão mais novo nasceu –, a garota “visitada” constantemente por pessoas que apenas ela é capaz de ver e que lhe contam histórias. Em todas elas, a personagem central é a Alana, que assumiu a forma de uma caçadora de dragões, bruxa, vampiro, fantasma ou sereia.

Na primeira vez que Alana aparece, Luisa tem dez anos e é a primeira vez, também, que fica sozinha em casa, encarregada de cuidar de seu irmão menor, Raul. Percebendo que o irmão não consegue enxergar a cena fantástica que se desenrola bem a sua frente, Luisa resolve contar o que está vendo para ele, em forma de história para dormir, e isso acaba virando hábito: sempre que Luisa vê Alana representar um dos mais diversos papéis, nas minhas diferentes histórias, ela escreve e depois lê para o irmão. Tal hábito acaba virando profissão e a acompanhando por toda a vida.

Agora, já adulta, morando sozinha em um apartamento em Porto Alegre e com um relativo sucesso com os livros publicados – histórias que vira Alana representar –, Luisa se vê sozinha pela primeira vez, verdadeiramente sozinha, pois nem Alana ou os outros personagens que a acompanharam durante toda a vida não aparecem há dias e ela começa a entrar em desespero, pois sente que não consegue escrever sem ver o que eles podem mostrar a ela. Não se considera uma escritora, mas, sim, uma contadora de histórias.

Resolve, então, percorrer os lugares em que os personagens apareceram durante sua vida, os lugares que mais lhe marcaram e lhe renderam histórias que acabaram por virar livros publicados, por exemplo, a cozinha na casa da sua mãe, onde apareceram quando ela era criança, na escola em que ela e o irmão estudaram, na praça perto de sua casa, na praia em que passavam as férias, e ainda a casa do pai ausente. Cada lugar trará consigo lembranças que farão com que o leitor conheça Luisa de maneira mais profunda.

Todo lugar trará também, além das lembranças da vida de Luisa, uma amostra do que se tornaria cada um desses livros publicados por ela mais tarde. A cada dois capítulos ocorridos no presente vazio de Luisa, temos um primeiro capítulo todas essas obras de fantasia, começando por *Alana e a maldição dos dragões*. O objetivo é que, a cada primeiro capítulo de algum livro da escritora Luisa, as histórias cresçam como ela e o irmão cresceram

– o objetivo é que esse possível leitor acompanhe a trajetória deles e veja sua evolução e maturidade através das histórias de fantasia ali contadas. História de dragão para uma criança, história de vampiro para um adolescente, e assim por diante.

Na segunda parte deste trabalho, discorro sobre o processo criativo de *Eu vivo à beira*, e busco analisá-lo a partir de textos teóricos ou ainda de outras obras literárias. Começo com um pequeno capítulo explicando a escolha do nome e da sua importância; passo, então, para um conceito de realidade para, mais tarde, explicar os elementos fantásticos encontrados no romance. Discorro sobre o fenômeno da Metalepse Narrativa e analiso, também, a voz narrativa utilizada por Luisa e suas nuances de focalização. Também falo a respeito da criação da obra a partir da teoria de *Fantasy* de Rosemary Jackson (1981). Ainda, faço uma análise mais detalhada da obra relacionando-a com os doze passos da *Jornada do Herói* de Christopher Vogler (2015), assim como com os cinco estágios do luto de Elisabeth Kübler-Ross, e falo também sobre como utilizei lembranças da personagem como recurso para humanizá-la.

Eu vivo à beira

Marcia Luisa Bastilho Gonçalves

PUCRS

2020

Se você pudesse, aprovaria uma lei para abolir todas as pequenas tarefas, as pequenas coisas. Mas, então, não lhe restaria nada a fazer entre as grandes tarefas, e você passaria o diabo pensando no que fazer para não ficar louco. Em vez disso, por que não deixa a natureza lhe mostrar algumas coisas? Cortar grama e arrancar mato pode ser um modo de vida, filho.

Ray Bradbury — Licor de dente-de-leão

O real eu atinjo através do sonho. Eu te invento, realidade.

Clarice Lispector — Água Viva

UM

A primeira vez que eles apareceram eu tinha dez anos e meu irmão não parava de chorar. Eu o amava muito, mas, naquela noite, desejei matá-lo com uma de suas meias de super-herói enfiada na boca até que tudo ficasse em silêncio. Ele tinha apenas seis anos e estávamos sozinhos em casa. As amigas de nossa mãe finalmente a tinham convencido de sair, ir a algum barzinho na área boêmia da cidade, ver pessoas e ser vista. Palavras de uma delas. Eu queria muito ser amiga da minha mãe naquela época e parecer adulta, compreensiva. Dizíamos uma para a outra “você é minha melhor amiga” o dia todo e, para uma garota de dez, isso significa muito. Significa trancar o choro e cuidar do irmão mais novo que chora por qualquer bobagem. E foi o que eu fiz quando ela bateu mais cedo na porta do meu quarto e disse “filha, preciso contar contigo esta noite, *tá* bem? A mãe vai tentar voltar cedo, mas tentem dormir, *está* bem?”. A forma como ela disse “*tá* bem” e depois “*está* bem”, me lembrou meu pai indo embora e nunca mais voltando. “Papai *tá* indo, mas volta, *tá* bem? *Está* tudo bem”. Mas eu não podia abrir o berreiro e chorar até meu pulmão enfraquecer como meu irmão fazia com o medo que eu estava de ser abandonada. Eu tinha que ser forte porque eu era a melhor amiga da minha mãe. Não queria, também, que ele viesse deitar comigo porque sempre acordávamos em uma poça gigantesca de urina e ele chorava de uma vergonha masculina que nem sabia que já possuía. Às vezes, eu chegava a mentir que era eu quem mijava em tudo só para ele não chorar, mas nossa mãe sabia. As mães sempre sabem. Só que ela nunca soube — porque nunca descobriria — é que aquela noite mudaria toda a minha vida e como eu veria o mundo dali em diante.

Aquela noite tinha sido a última vez em que eu tive que trancar o choro pelo medo de ser abandonada.

Até agora.

Alana foi a primeira a aparecer. Recorrendo ao clichê, ela surgiu como um furacão na cozinha de casa enquanto eu fazia pipoca de micro-ondas. Os cabelos eram tão revoltos que era como se uma janela tivesse sido aberta por um vento arrasador.

Levava uma espada em uma das mãos, braços e pernas arranhados e sujos de terra vermelha. Havia sangue na roupa de amazona dela e nos lábios que formavam um grito silencioso, já pela metade. Ela era a criatura mais linda que eu já tinha visto e parecia tão de carne e osso ali no meio dos nossos azulejos engordurados e armários um de cada cor que

nem tive coragem de me mexer para não quebrar o encanto. A mulher dizia alguma coisa para alguém invisível a sua frente, falava baixinho, com a voz rouca e raivosa. Não tive medo como meu irmão teria, nem me parei a chorar nem me mijei nas calças. Só fiquei parada, assistindo. Me apaixonando.

Fiquei assistindo à mulher lutar com seres invisíveis até o micro-ondas apitar desesperado, me fazendo pular de susto. Antes que Raul viesse correndo para queimar os dedos no saco de pipoca quente e desse de cara com toda aquela cena, ou pior: antes que ele aparecesse e não visse nada e eu apenas confirmasse que estava imaginando tudo, tirei a embalagem do micro-ondas e fui até o quarto dele, onde assistiríamos a qualquer filme que ele quisesse pela centésima vez.

A mulher não sumiu como pensei que faria, mas me acompanhava pelo corredor com a voz raivosa e espada hasteada, concentrada demais na sua luta para prestar atenção em uma garotinha que a assistia de olhos arregalados. Os pés imundos não deixavam um rastro vermelho de terra no chão, então pensei que minha mãe não me mataria quando chegasse.

Parei na frente da porta, equilibrando o pote de pipoca em uma mão e a outra repousei na maçaneta. Não queria compartilhar aquilo com meu irmão ainda, queria aquela cena toda só para mim. Queria Alana, que eu nem sabia que esse era seu nome ainda, só para mim.

— Você vai sumir? — perguntei, a voz baixinha, mais infantil que minha idade, porque sentia que, se eu falasse ou fizesse qualquer gesto abrupto, a realidade voltaria e a guerreira sumiria para sempre e eu não podia perdê-la agora que a tinha encontrado.

A mulher me ignorou, mas o ser com quem ela vinha lutando finalmente apareceu. Era grande demais para caber na nossa casa minúscula, mas, de alguma forma, ele cabia. Seus chifres nem batiam no gesso do teto enquanto eu podia jurar que ele deveria medir, no mínimo, uns três metros de altura, mesmo não tendo nenhuma noção de proporção no alto dos meus dez anos. As asas eram ainda maiores, de um couro vermelho como a terra que a guerreira trazia pelo corpo. Cada articulação saltada na pele parecia pulsar, um coração vivo feito a chama que ameaçava sair pela boca, entre os dentes que deveriam machucar aquilo que teriam que ser seus lábios, mas era apenas um corte no rosto entre narinas ofídias e olhos mais vermelhos que sangue.

Sangue.

Havia um rasgo enorme em uma das asas, cortando de ponta a ponta a cartilagem que ele arrastava, sofrendo com o peso do membro sem vida. *Por isso ele não pode voar*, percebi.

Por isso ele não foge. Eu também era incapaz de fugir ou me desviar daquilo. Estava eu de frente a um dragão, a uma mulher com espada, segurando um balde de pipoca, enquanto tudo que conseguia fazer era olhar fascinada, com a certeza no peito de que poderia passar a vida inteira parada exatamente ali fazendo exatamente apenas aquilo.

Acho que os amei desde essa primeira vez.

— Sinto muito — disse a mulher, levantando a espada em direção ao tronco de couro e pedra do dragão — Eu amo você, Sebastian, mas não posso mais vê-lo matar a todos que eu amo, pessoas que um dia você também amou. Eu te amo — ela terminou a frase ao mesmo tempo em que cravava a espada na carne que parecia tudo exceto carne da criatura e ele gritou tão alto que, para mim, toda a casa tremera. Ele era o terremoto depois do furacão que a guerreira havia sido. Ela chorava enquanto o monstro desfalecia, diminuindo, mas eu não. Eu estava firme ali, com pipoca na mão, agarrada à maçaneta, não queria perder nada.

A mulher ainda chorava quando meu irmão me chamou daquele jeito dele, aumentando o “i” no meu nome, “Lu-ii-sa”. Entrei no quarto cautelosa, sem querer fechar a porta para não deixar de ver a guerreira que abraçava o ar tanto quanto antes eu me agarrara à maçaneta. Analisei o rosto redondo de Raul, meio azulado pela luz da televisão. Ele não parecia diferente como eu me sentia; tudo com o qual ele se importava era em pegar o pote de pipoca e enfiar uma mão cheia na boca, criando uma cena nojenta demais para que eu ainda conseguisse achá-lo fofo como nossa mãe achava. Pelo menos de boca cheia, era mais difícil gritar quando ele visse o que eu via.

Deitei na cama ao lado dele, catando entre os travesseiros o controle-remoto, um olho sempre na porta, na guerreira ao chão. Mas ela havia desaparecido. Antes que eu me desesperasse por tê-la perdido, ela se materializou aos pés da cama em que estávamos deitados. Vestia agora uma capa de pele de algum bicho que fedia e percebi que eu era capaz de sentir o cheiro de tudo: do sangue na pele dela, do pelo do animal morto recentemente que cobria seu corpo inteiro, da chuva que ensopava os cabelos da mulher, da pipoca que meu irmão comia ao meu lado, do cheiro de urina entranhado no colchão da cama dele.

Tudo tinha cheiro de casa, mas, ao mesmo tempo, não.

Raul me chamou de novo, implorando para que eu colocasse *play* no filme de uma vez. *Você não está vendo nada disso? Como você não vê? Como???*, eu quis sacudir meu irmão pelos ombros, agarrar a cabeça dele em direção a guerreira na capa e ao homem velho com quem ela conversava agora. *Como você pode simplesmente não ver?*

Antes de sentir pena do meu irmão por não ser capaz de ver tudo que eu via, eu me senti tendo, pela primeira vez desde seu nascimento, uma coisa que pertencesse só a mim. Eu nem precisaria guardar tudo aquilo dos outros, esconder para que ninguém pegasse na mão e acabasse estragando, como tudo que ele pegava que era meu. Eu não precisava cuidar de nada daquilo porque já me pertencia. E pertencia somente a mim.

Perguntei a Raul se ele queria ouvir uma história no lugar de assistir ao mesmo filme de sempre, prometi que também teria dragões. Ele pareceu meio desconfiado, não gostava muito de ouvir histórias porque alguém sempre se dava mal e ele tinha pena. Pensei no dragão que a guerreira acabara de matar e que, apesar de ter tentado atacá-la, ele pareceu ser alguém que um dia fora muito amado. Nesta história, alguém também acabara por se dar mal, mas, me dei conta que já conhecia tudo que acontecera com ele, mesmo sem saber como.

Eu já sabia quem era Alana, quem era aquele homem velho de barba suja e quem era o dragão que ela tivera que matar e por que. Eu os conhecia.

— Alguém se dá mal nessa história também — eu disse a Raul — Mas não é culpa dele.

Meu irmão não parecia muito convencido que eu seria uma boa contadora de histórias e, para ser bem sincera, eu também não estava. Nunca antes tinha contado história nenhuma, mas, ali naquele momento, naquele quarto cheirando a pipoca, a sangue e à pele de bicho morto, eu sabia que conseguiria.

— Era uma vez uma princesa chamada Alana e, ao contrário de todas as princesas que conhecemos, é ela quem guerreia pelo seu povo — comecei, mas Raul me interrompeu logo em seguida:

— Por que todas as histórias começam com “Era uma vez?”.

— Não sei, me deixa continuar:

“Era uma vez uma princesa chamada Alana e, ao contrário de todas as princesas que conhecemos, é ela quem guerreia pelo seu povo, já que seu pai, o rei, está muito doente desde que todo o reino começou a ser dizimado por...”

— O que é “dizimado”, mana?

Não queria destruir os sonhos de uma criança de seis anos e dizer que “dizimado” significava “todo mundo morto”.

— É *destruído*. E agora me deixa terminar se não nunca mais conto história nenhuma.

Foi a coisa errada de dizer porque Raul começou a chorar e até eu conseguir acalmá-lo, a cena da guerreira e seu pai, que era o homem barbudo, se desenrolava na minha frente e eu tinha medo de perder qualquer detalhe. Quando ele finalmente se acalmou, eu estava impaciente para contar tudo e para limpar todo o ranho dele de cima de mim.

“... o rei, está muito doente desde que todo o reino começou a ser destruído por dragões, criaturas gigantescas que rondam o céu, cospem fogo e levam embora as pessoas que mais amamos. Alana teve seu melhor amigo levado pelas criaturas e jurou trazê-lo de volta, nem que fosse a última coisa que fizesse na vida.

O que nem Alana nem ninguém sabia é que as pessoas que são levadas pelos dragões nunca mais podem ser trazidas de volta. As pessoas que são levadas pelos dragões acabam se transformando em dragões”.

Raul exclamou muito impressionado, apenas refletindo exatamente como eu me sentia. Não sabia que conhecia a história de Alana assim tão bem, que já a conhecia, que eu conseguia contar uma história.

— Conta mais, conta mais — meu irmão pediu, deixando de lado a pipoca e limpou o nariz com a manga do pijama. Ele não choraria mais, o gesto era uma promessa.

Eu nunca mais parei de contar porque Alana, nem Rei ou o Dragão, nunca mais pararam de aparecer para mim e só para mim, na forma das mais fantásticas criaturas. Eu era capaz de assistir o que eles me contavam por horas e horas, trancada no meu quarto, papel e caneta na mão, anotando cada detalhe, cada toque suave do vento no rosto de Alana ou a agressividade de seu primeiro “eu te amo”. Não houve um dia sequer em quinze anos que eles não vieram me sussurrar histórias que eu anotaria para contar para meu irmão depois.

Até agora.

Há três dias eu acordo e não há no meu quarto nem amazona, nem dragão, nem nada. É a primeira vez que estou sozinha.

E eu não consigo escrever sozinha.

Onde vocês estão?

DOIS

Eu levantei no sétimo dia como em um ato bíblico, disposta a resolver tudo aquilo, a achar alguma explicação para Alana ter sumido. Obviamente eles já haviam desaparecido antes, mas não desta forma e nunca completamente. Mesmo nos meses em que me deixavam em paz, eu sempre era capaz de ver algum deles pelo canto de olho, ou ouvir alguma frase solta ao entrar em algum lugar. Às vezes, me deparava com Gabriel atrás de mim no espelho do banheiro, como em qualquer filme de terror. Privacidade nunca foi o forte de nenhum deles e por isso era tão estranho estar sozinha, *sozinha* no meu apartamento. Mais estranho ainda era não ter ninguém do outro lado do boxe do chuveiro durante meus banhos, horário em que eles adoravam aparecer com seus diálogos em discussões acaloradas que eu repetia em voz alta enquanto a água batia e queimava na pele.

Meu celular tocou duas vezes enquanto eu me vestia e eu apenas ignorei como vinha ignorando já há algum tempo. Sabia que era minha agente, desesperada por algumas páginas do que quer que eu deveria estar escrevendo e não estava. Mas era impossível simplesmente dizer a ela que eu não escrevia uma linha sequer porque meus amiguinhos mágicos não queriam mais aparecer para brincar.

Eu me encontrava tão desesperada quanto ela.

Imaginei que talvez Alana estivesse escondida no primeiro lugar em que apareceu, mas ao chegar na casa da minha mãe, quis desistir daquela palhaçada, dar meia-volta e esquecer.

Era difícil estar ali naquela cozinha onde os azulejos não eram mais tão gordurosos como na minha infância; os armários eram outros, nada amarelados, e tudo agora combinava e tinha lugar certo para guardar, até as pequenas coisas se encaixavam perfeitamente umas às outras. Minha mãe trabalhou demais nesses anos que separavam aquela primeira vez para aquele momento, para que tudo entrasse no padrão que considerava aceitável, só que tudo mudara tanto que o que não parecia mais se encaixar era eu.

Eu não cabia mais naquela cozinha e por isso mesmo nem Alana nem nenhum dos meus outros personagens caberiam.

Caminhei pelo corredor recém-pintado, ignorando a porta que não abrimos mais, e fui direto ao meu antigo quarto, agradecendo o fato de minha mãe não estar em casa para me

perguntar o que eu queria vasculhando por aí, mesmo que aquelas coisas ainda fossem minhas.

As caixas meio abertas espalhadas por todo o quarto mostravam apenas relances das capas dos livros que lancei ao decorrer dos anos, todos com Alana como a personagem central. Cada livro me espiava entre o papelão e eu quis tanto, mas tanto, que ela voltasse para mim, porque estava ficando cada dia mais e mais difícil. Já me parecia impossível respirar e não eu não sabia como ficaria se ela demorasse a voltar, quais membros eu pararia de saber usar na sua ausência.

Os pôsteres enrolados me encaravam, todo aquele material de divulgação para eventos que eu apenas jogava por ali ao chegar de viagens intermináveis, feiras em vendia bem menos do que as editoras gostariam, escolas cujos alunos me ignoravam nos quarenta e cinco minutos que eu desperdiçava tentando fazê-los entender por que me ler seria mais interessante que conversar com outros alunos também desinteressados pelo Facebook. Tudo aqueles marcadores de página, lápis personalizados, *bottons*, tudo aquilo me encarava, me julgava.

Você não vai escrever mais?

Sem a Alana, quem é você?

Fora dessa história, quem é você?

Quem é você?

Um dos pôsteres estava estendido na parede bem na minha frente, trazia a capa do primeiro livro, Todos os dragões estão mortos, em que Alana, uma mulher de cabelos negros, esvoaçantes, a roupa medieval, capa vermelha esfarrapada depois de um combate, aparecia com uma espada suja de sangue na mão... O rosto firme, resoluto.

Alana sempre soube quem era e o que queria, não importava como aparecesse, em que forma viesse ou em que criatura se transformasse.

Naquela primeira vez, você apareceu matando dragões. Eu não sei matar dragões, Alana, prefiro vê-los como moinhos de vento, e passar reto por eles, sem tirar foto, sem me maravilhar feito turista.

E se eu não mato dragões, Alana, é porque foi você quem sempre os matou por mim.

A woman with long dark hair, wearing a black cape and silver plate armor over chainmail, stands in a forest. She holds a long sword across her chest. The background is a dense, green forest.

LUISA GONÇALVES

ELA O
ENCONTRARIA E
JUNTOS TRARIAM
A PAZ DE VOLTA
AO POVOADO

ALANA

E A MALDIÇÃO DOS DRAGÕES

Para Raul,
Que parou de chorar para ouvir.

I

Houve um tempo em que o povoado deles era seguro.

As crianças corriam entre as bancas de frutas e pães, atrás das galinhas e dos patos que eram tão livres quanto elas. Os homens eram todos saudáveis, com suor de trabalho escorrendo por suas testas. As mulheres os esperavam com sopa quente no inverno e sempre havia carne na mesa. Na taberna, nunca faltava cerveja e alguém disposto a conversar madrugada a fora, mesmo nas noites mais frias.

Por isso que quando a primeira pessoa desapareceu ninguém conseguia acreditar. Achavam que o camponês simplesmente tivesse ido embora, deixando a família, duas ovelhas e uma vaca para trás. Nada de mal poderia ter acontecido com ele. Nada de mal não acontecia há muitos anos; não mereciam aquilo. Eles eram um povo abençoado, unido e próspero. Sabiam ser felizes, mas gratos, assim, os ventos sempre trariam apenas coisas.

Porém, apenas três noites depois do desaparecimento do camponês, o povoado foi acordado por gritos de socorro e choro de criança. Os cachorros nunca antes tinham latido tão alto, nem os pássaros piado de maneira tão desesperada.

Os homens pegaram suas armas enferrujadas dos baús, sopraram a pólvora endurecida, e foram para fora lutar, porque era isso que faziam.

Não se sentiam capazes de acreditar em seus próprios olhos. A noite os estava enganando, era a única explicação. Fizeram sinais da cruz, oraram e pediram, mas os ventos não os atenderam aquela noite.

A boa sorte havia ido embora.

Primeiro, pensaram que se tratava de pássaros gigantes, com chifres de demônio, pele mais dura que a de uma cobra, e garras que lembravam presas. Das narinas ofídias, saía fumaça. A única coisa minimamente humana naquelas criaturas, eram os olhos, ainda que vermelhos.

— Dragões — disse um dos homens e cuspiu no chão. Sentindo-se amaldiçoado apenas por proferir aquela palavra.

Os dragões cortavam o céu, rasante às casas, levando com eles os telhados de palha e barro, quebrando as chaminés de pedra. Rugiam alto, inquietos, odiando as tochas acesas dos homens que, paralisados, apenas assistiam, sem saber o que fazer para salvarem seus rebanhos, suas mulheres e crianças. Foi quando uma das criaturas soltou fogo pela boca. Um

fogo que não era natural porque era apenas azul e tremeluzia no ar como se dançasse, não feito apenas para queimar e aquecer, mas para destruir.

Foi o fogo que acordou Alana, ainda mais que os gritos. A claridade quente invadia o frio das paredes de pedra de seu quarto, no andar mais alto do castelo. Não demorou mais que dois minutos para vestir sua capa, botas e empunhar a espada da bainha. Espada que nunca antes foi usada, apenas nos treinos durante as tardes de verão com Gabriel, filho do ferreiro e seu melhor amigo.

Gabriel que já a esperava no final das escadas, com sua própria espada a tiracolo e um arco nas costas, com flechas que brilhavam na escuridão.

— O que aconteceu? — ela perguntou, atravessando ao lado dele as portas do castelo vazio. Todos os guardas já haviam saído para proteger o povo. Não olhou para cima, onde seu pai, o Rei, estaria seguro como todos os reis. Sabia que não precisava se preocupar com ele. O povo precisava dela.

— Dragões — respondeu seu amigo, as feições ruivas ainda mais vermelhas contra o calor azul das chamas — Estão destruindo o povoado, comendo nossas ovelhas e matando nossos homens.

Alana não pode fazer nada além de rir. Aquilo era impossível, e os dois já não eram crianças para esse tipo de brincadeira.

— Isso não existe.

Mas seus olhos lhe provaram que existia. O povoado brilhava em fogo e sangue. Homens desesperados, lanças e armas nas mãos. As mulheres correndo, crianças no colo, bebês escarlates de tanto chorar. Os cachorros latiam, pulando no ar, tentando alcançar as patas ou asas daquelas criaturas, apenas para serem arremessados longe. Era o terror.

— O que vamos fazer? — perguntou Gabriel, o medo em seus olhos refletia o de Alana — Eles estão levando pessoas sabe-se lá para onde para fazer sabe-se lá o quê.

— Nós vamos lutar.

Mas não havia muito o que fazer. Lutar com criaturas aladas era sempre uma luta injusta e eles já não tinham muitas pessoas para perder.

Alana guiou as crianças para dentro do porão da igreja, para longe do fogo e dos dragões. Convenceu os homens a pararem de lutar. A prioridade era conter o fogo. A água gelada do poço queimava tanto quanto o fogo, mas era o que eles tinham. Homens e

mulheres baixaram suas armas e encheram qualquer recipiente que encontraram com água. O fogo diminuía, mas as criaturas não pareciam querer ir embora.

— Vão embora, vão embora — murmurava Alana em uma prece aos ventos.

— Eles estão se multiplicando — gritou Gabriel dentro da noite infinita.

Antes que pudesse dizer que aquilo era impossível, Alana percebeu que era verdade.

A cada pessoa que eles levavam, outro dragão aparecia.

Dragões transformando pessoas em dragões?

Como aquilo podia ser possível?

Mas, finalmente, as preces começaram a ser atendidas, junto com o sol que desabrochava no horizonte. A pele de escama dura daqueles seres refletia a aurora e seus olhos cor de sangue brilhavam em um misto de raiva e medo. O tempo deles havia acabado e eles deveriam ir embora com a lua.

Havia um dos dragões, o maior deles, de pele vermelha e de garras ainda mais afiadas, que continuou a rondar por cima do povoado, certificando—se do estrago que sua espécie fizera.

Ninguém se atrevia a respirar nem fazer movimentos bruscos enquanto ele ainda voava por suas cabeças, mas o alívio saía pelos poros cansados. Era apenas um. Contra um, poderiam tentar lutar. Enquanto fosse um, eles seriam mais fortes, se unidos.

Logo ele sumiu no céu, batendo as asas, fazendo todos tremerem em seus pés pelo vento forte. Assim como ninguém se atrevera a respirar, ninguém teve a ousadia e inocência de comemorar. Estavam vivos, mas os mortos haviam sido muitos.

Perderam homens, crianças e mães. E todos sabiam que as criaturas voltariam assim que anoitecesse.

Gabriel sorria ao virar-se para Alana, as mãos manchadas de fumaça e as roupas queimadas. Parecia o menino que a empurrava nos lagos gelados e a desafiava a correr mais rápido que ele. Ela sempre ganhava.

Ele estava prestes a dizer alguma coisa, mas o que seria, Alana nunca descobriu. Pois a criatura voltara antes do previsto, aquele maior deles, de pele e olhos vermelhos.

Tudo que Alana conseguiu assimilar naqueles milésimos de segundos, foram as garras do dragão cravando fundo no peito de Gabriel que, aturdido, ainda levava um meio-sorriso, o comentário irônico despontando na língua. A criatura o levou para longe, cortando o alaranjado do amanhecer.

Cortando também o peito de Alana em pedaços que, ali entre seu povo, jurou encontrar seu amigo, nem que fosse no inferno, e trazê-lo de volta. Gabriel era bom demais para transformar-se em um ser maligno, ele seria mais forte que qualquer encanto ou magia negra.

Ela o traria de volta e, juntos como deveria de ser, trariam a paz de volta ao povoado.

TRÊS

Eu estava há umas cinco horas encarando a página em branco no computador. A luz já havia se apagado e voltado e eu continuava ali. Minhas costas doíam e eu precisava encher minha taça de vinho fazia algum tempo. Eu não aguentava mais. Queria que fosse fácil como quando Alana, Gabriel e Sebastian piruetavam ao meu redor, quando a fantasia saltava dos meus dedos para as teclas e tudo era simples. A frase vinha inteira porque eu estava vendo o que viria a seguir. Eu assistia às cenas como em um filme já assistido muitas vezes, porque as falas estouravam pelos meus lábios e eu as falava em voz alta, rindo, eufórica, em um transe que ninguém nunca entendeu e o medo era apenas de não conseguir capturar tudo aquilo com a velocidade que eu precisava. Esse era o único medo, de perder qualquer detalhe, de perder a forma como que a mão de Alana prendia na de Gabriel enquanto corriam por campos verdes que eram meu apartamento, a rua ou qualquer lugar em que eu estivesse.

Quando criança, minha mãe me encontrava com a cabeça enfiada em algum caderno, lápis recém-apontado entre os dedos e rindo para o nada. No início, ela se preocupou, mas não tinha muito tempo nem dinheiro para lidar com a minha loucura. Me deixou ser. Enquanto eu não me machucasse, nem machucasse Raul, estaria tudo bem. E ela gostava de me ver contando ao meu irmão todas as histórias dos caderninhos depois.

Depois que os vi na cozinha aquela primeira vez, eles me acompanharam pela vida toda. Durante a escola, as outras crianças me deixavam ser a aluna esquisita, sentada em um canto, caderno sempre aberto e rabiscos rápidos. Não se importavam em me ver falando sozinha porque já haviam desistido de falar comigo. Os professores chamaram minha mãe algumas vezes, mandaram bilhetes, me achavam “dispersa”, mas nada nunca afetou meu rendimento, então não tinham do que reclamar.

Ninguém nunca tentou nos separar.

E, mesmo naquela época, eu nunca antes havia me sentido tão sozinha como agora. Porque, quando criança, depois adolescente, mulher, eu sempre os tive por perto. Nunca precisei de amigo nenhum porque meus melhores amigos estavam comigo o tempo todo.

E agora, para quem eu ligaria reclamando de saudade de Alana e dos outros?

Para quem eu diria que meus amigos haviam me abandonado?

Que médico eu deveria procurar?

Era uma dor que eu tinha que enfrentar sozinha, um luto que nunca seria compartilhado e muito menos entendido. Não haveria palmadinhas em meus ombros, cabeças inclinadas em pena, olhos mostrando solidariedade.

O vazio do meu apartamento me sufocava. Não havia mais mágica nenhuma por ali. As paredes, uma de cada cor, apenas me mostravam o quão ridícula eu havia sido a vida toda. Caleidoscópica. Louca.

Eu havia aceitado a minha loucura há tanto tempo que agora não saberia viver sem ela.

Ali, em frente ao computador, a tela em branco queimando minha retina, aquele maldito tracinho piscando e piscando, dedo na minha ferida aberta, eu me sentia afundar em mim mesma. Na minha própria solidão. Eu não sabia escrever sozinha e estar naquela mesma posição há tanto tempo só provava o que eu já imaginava.

Eu nunca havia criado nada porque toda minha escrita fora sempre presente dado em formato daquelas três pessoas que me viram crescer e que eu vi em tantas formas... Só quem continuou imutável fui eu.

Ao finalmente levantar, arrastando o corpo dolorido até a cozinha, a taça vazia nas mãos, vi algo reluzir no reflexo da janela, bem atrás de mim. Me virei rápido demais, o sorriso nos lábios, olhos brilhando.

Alana, pensei. Alana.

Mas estava sozinha.

E começava a ter medo de fantasmas.

QUATRO

Eu sempre odiei aquela praça no final da rua de nossa casa. Raul que gostava dela, eu não. Era quando as crianças me viam correr com pessoas que elas não eram capazes de ver também, então apontavam, riam, davam apelidos.

Eu nunca me importei porque o que eu via e elas não, era algo tão maior que elas, tão maior que eu mesma, que eu não precisava de nada aquilo, nada de balanços, de gangorras ou gira-gira, castelos de areia onde gatos e cachorros haviam cagado horas antes. Não, muito obrigada. Eu estava bem sozinha.

Nossa mãe me obrigava a ir ali sempre que Raul queria brincar para que eu ficasse de olho nele. “Luisa,” ela dizia, “não deixe ninguém empurrar seu irmãozinho, ouviu bem? Se ele começar a chorar, traz ele de volta na mesma hora”.

O problema era que Raul começava a chorar assim que pisávamos na grama. Ninguém dava muita bola, ele parava, secava as lágrimas, o ranho, e ia pular com os outros meninos, jogar bola, arremessar garrafas ou bater bolinhas de gude.

Eu me sentava em um dos bancos de pedra, ao lado de alguma mãe que era mais responsável ou neurótica do que as outras, o caderno no colo, o lápis no espiral de plástico.

“Você não brinca, não?”, sempre havia alguma que me perguntava.

“Já estou grandinha”, respondia, e queria que me deixassem em paz, porque Alana e Sebastian estavam sempre fazendo alguma coisa por ali.

Na época, o lugar em que aqueles dois mais apareciam era naquela pracinha. Mas estava sempre tão cheio de gente, de barulho, que eu perdia o que eles falavam, os gestos, as expressões.

“Por que está tão mal-humorada?”, a mãe da vez perguntava.

“Porque com essa barulheira, eu não consigo ouvir o que a Alana está falando para o Sebastian e eu não sei onde o Gabriel se meteu”.

A mulher olhava séria para mim e depois para as crianças no gira-gira, todas prestes a vomitar a qualquer momento.

“Quem são esses? Seus amigos? Eu não os conheço. Pode me mostrar?”, pedia.

“Só eu consigo ver”, eu respondia e, não sem certa satisfação, via cada uma daquelas mulheres se afastar um pouco no banco, o máximo possível, e virar a cara. Logo se levantava

e buscava seu filho pela mão, levando-o embora, para longe da guria louca, não sem antes me dar uma boa olhada.

Como era o lugar em que Alana e Sebastian mais gostavam quando eu era menor, me encontrei sentada naquele mesmo banco de pedra depois de desistir de escrever de vez. Já era noite, tudo silencioso, e eu tinha bebido mais vinho do que gostaria. Se cada gota de álcool pudesse ser transformada em palavra escrita, eu teria bíblias e bíblias com meu nome na capa.

Onde vocês estão?

Por que raios gostavam tanto dessa maldita praça?

Eu sabia que não deveria estar em lugar como aquele depois das dez da noite, mas era a primeira vez que eu sentia paz ali. Não havia gritos nem crianças correndo. Não havia uma mãe para que eu tivesse que dividir o banco. Tudo que havia era uma quase escuridão, a luz de um poste piscava, mas o farol dos carros que passavam me dava claridade o suficiente para que eu reconhecesse todos os brinquedos.

Não havia um sequer que não estivesse com sua tinta descascada nem enferrujado. Nos balanços, faltavam correntes. Uma poça de lama se estendia aos pés do escorrega. O gira-gira estava caído, claramente quebrado há muito tempo.

Por que vocês gostavam tanto daqui?

Ao fundo, eu era capaz de ouvir o barulho das rodas metálicas de um carrinho de supermercado contra os paralelepípedos da rua. Talvez um morador de rua fizesse daquela praça a sua casa, como eu desejei que Alana, Sebastian e Gabriel também fizessem. Mas eles não estavam lá, e eu finalmente entendia o perigo que significava estar parada no meio de uma praça à meia-noite de um dia de semana.

Mesmo percebendo o perigo, eu não conseguia me mexer, na esperança de que algum deles pudesse surgir entre os brinquedos quebrados; Alana com uma espada talvez, como naquela nossa primeira história.

Foi nessa praça em que Raul quebrou o braço aos sete anos. Eu estava sentada naquele mesmo banco, assistindo Sebastian correr de Gabriel, que, na história, tentava matá-lo por algum motivo que logo se faria claro. Primeiro eu ouvi o choro do meu irmão e ignorei, como de costume, sabendo que ele pararia em seguida como se nada tivesse acontecido. Mas o choro não parou e a mãe ao meu lado correu para o montinho de crianças em volta de alguma coisa no chão. Descobri que aquilo no chão era Raul, agarrado ao braço esquerdo, o rosto

sujo de terra. Tinha caído do escorrega e usado a mão para conter a queda. Ele me viu e conseguiu sentar-se para se agarrar ao meu pescoço com o braço bom.

“Lu-ii-sa”, ele chorou no meu ouvido, “Tá doendo”.

“Eu sei, eu sei” e o levantei no colo apesar de eu mesma não ser muito alta nem muito forte, mas havia conseguido. Deixei meu caderno para trás e levei meu irmão para casa, onde minha mãe se desesperou e começou a vesti-lo decentemente para irmos ao primeiro hospital que aparecesse.

Quando me dei conta que meu caderno ficara no banco da praça, foi minha vez de me desesperar. Corri até ali e constatei que já o haviam levado. Passei noites com pesadelos em que usavam minhas páginas para fazer fogueira, para enrolar cigarros, pães, mortadela, ou limpar a bunda.

Aquela história havia se perdido e eu me sentia como se tivesse traído Sebastian, Alana e Gabriel, porque eu os tinha deixado para trás. Eles demoraram para voltar a aparecer daquela vez, então minha esperança era a de que que agora não seria diferente. Mas já fazia quase um mês.

Mesmo sabendo que era impossível, e culpando o vinho por estar fazendo aquilo, vasculhei cada canto daquela praça, a procura de um caderno perdido quinze anos atrás. Tudo que existia era sujeira, latas de cerveja, camisinhas usadas, bitucas de cigarro e tudo que as pessoas achassem que deveria ser descartado em uma praça.

Eu precisava sair dali, mas não podia sem antes encontrar meus amigos. Eu precisava deles, precisava tê-los comigo. Não queria voltar para casa sozinha, para encher mais uma taça, e passar mais sabe-se lá quantas horas diante do computador ou qualquer página em branco, na frustração de não saber usar mais palavras, coisa que mais usei a vida toda, a única coisa que eu sabia usar, que sabia fazer.

As pontas dos meus dedos que deveriam estar batendo em teclas, doíam por cavar e futricar bancos, brinquedos, árvores, cestos de lixo.

Se eu encontrar esse caderno, vocês voltam?

Vocês nunca vão me perdoar?

Onde vocês estão, onde?



LUI SA GONÇALVES

VOCÊ SABIA QUE ELAS
VIVEM PARA SEMPRE?

ALANA

E O PÓ DA LUA

Para Raul,
Que eu queria guardar num frasco de vidro e levar por aí.

I

— Você sabia que elas vivem para sempre? — o garoto novo perguntou. Sebastian apenas rolou os olhos.

— Isso é impossível.

— Não, é verdade — o garoto sacudiu o pote de vidro que trazia nas mãos e aquilo que parecia um inseto lá dentro balançou, soltando pó colorido até fazê-lo sumir — Meu avô conta que temos essa aqui há séculos.

Sebastian não quis rolar os olhos de novo porque sua mãe sempre o alertara que aquilo era falta de educação, entretanto, sua mãe também nunca falara que vagalumes tivessem rosto, mãos e pés humanos.

— Isso não é um vagalume — repetiu o garoto e, ao verem a professora se aproximando, escondeu o frasco na mochila, fingindo procurar por outro lápis.

Sebastian não gostava muito desse menino, Gabriel, ele entrara na escola há alguns dias e já andava por aí como se soubesse de tudo, sempre com alguma história mirabolante iniciada toda vez com “meu avô conta que...”. Sebastian já odiava o velho que nem conhecia. A última de Gabriel era sobre pequenos seres que brilhavam e soltavam pó colorido por onde passavam ou, no caso daquele ali, no frasco tampado. Quanto mais ele olhasse para aquele serzinho, mais estranho aquilo parecia, pois lembrava um inseto, mas com olhos humanos... E ele podia jurar que os olhos haviam falado com ele, quase como em um pedido de ajuda.

— Por que vocês mantêm esse negócio preso? — Sebastian perguntou quando a professora não estava prestando atenção a eles.

Gabriel pareceu inflar o peito antes de responder, finalmente encontrando alguém interessado em suas histórias, dando-se uma importância que mal cabia em seu corpo de garoto de dez anos.

— Meu avô diz que essa aqui foi tipo herança de família, que antigamente representava riqueza e poder, sei lá, essas coisas importavam, sabe?

Não, Sebastian não sabia. O único tipo de herança que ele conhecia tinha sido o que seu pai ganhara do avô que morrera quando ele era ainda menor, um carro que ninguém nunca dirigia, que ficava escondido por debaixo de um pano empoeirado na garagem. Um carro antigo era uma herança aceitável, agora uma criaturinha que brilhava?

— Do que vocês chamam essa coisa? — perguntou, cedendo à curiosidade. Aquele pedido de socorro silencioso ficava se repetindo em sua mente.

— Fico feliz em ver que conseguiu se enturmar, Gabriel — disse a professora parando em frente à classe que os dois meninos dividiam — Mas vamos guardar qualquer assunto que não seja da aula para quando o sinal tocar?

Os dois assentiram com o rosto ardendo de vergonha. Levar repreenda da professora não fazia de Sebastian um aluno mais popular – coisa que não era, nem de longe – nem dava a chance de Gabriel fazer outros amigos. Infelizmente, estavam presos um ao outro, pelo menos, até o final do ano letivo.

— Você quer ir lá em casa depois? — perguntou Gabriel, bem baixinho, olhando para a frente, tentando disfarçar. Sebastian debateu sobre aquilo: se fosse, descobriria tudo sobre a criaturinha, mas também perderia qualquer chance de fazer outra amizade, já que o esquisito aluno novo servia de repelente. Porém, por outro lado, se não fosse, sabia que ficaria com a imagem dos olhos rogando socorro lhe perseguindo para sempre e, querendo ou não, sabia, também, que acabaria se sentindo mal por magoar Gabriel. Acabou concordando, então, apenas com um aceno de cabeça.

A primeira coisa que Sebastian percebeu que não era apenas o conceito de herança que diferenciava a família dele da de Gabriel: era como se vivessem em mundos distintos. O garoto chegou a pensar que até o ar que rodeava a velha casa entre as árvores era diferente. Nunca tinha estado naquele lado da cidade antes, mal sabia que ainda existia gente morando passando a ponte que supostamente separava uma cidade da outra... Mas quando Gabriel o guiou até ali, Sebastian percebeu que estava perdendo de conhecer um dos lugares mais bonitos que poderia imaginar no alto de seus doze anos. O crepúsculo fazia o vidro empoeirado das janelas brilharem feito chamas e a madeira descascada ganhava uma cor que ele não seria capaz de definir. Havia objetos esquisitos espalhados pelo quintal, máquinas cuja serventia ele não saberia dizer. A grama crescia livremente entre flores e algo que parecia muito uma horta, mas Sebastian jamais tinha visto aquele tipo de legumes... ou seriam verduras? O lugar todo parecia... mágico.

Em uma cadeira de balanço na varanda se encontrava um homem muito, muito velho. A pele era tão fina que Sebastian podia jurar que as veias e os ossos estavam tentando pular para fora do corpo dele. O cabelo branco era comprido de uma maneira que o garoto não

conseguia ver onde acabava, da mesma forma, suas unhas. Era a pessoa mais esquisita que ele já tinha visto e, se Gabriel não tivesse gritado “vovô!” assim que vira o velho, Sebastian poderia ter dito com muita convicção que estavam diante de um cadáver.

— Sua família não vai se importar de eu ter vindo? — perguntou baixinho. Não podia negar que ao mesmo tempo que aquilo tudo o fascinava, havia certo medo também.

— Não, que isso! Eles vão é adorar eu ter trazido um amigo — respondeu o outro garoto sorrindo, parecendo tão jovem quanto seu avô era velho.

O coração de Sebastian se torceu em remorso. Não é que não gostasse de Gabriel, mas tinha ido até ali mais pela criaturinha que vira no frasco de vidro do que por alguma amizade.

Ao se aproximarem do idoso na varanda, Sebastian percebeu que seus olhos eram tão brancos quanto seu cabelo, mas ele virava a cabeça em direção à voz dos garotos de tal forma como se os enxergasse, cravando seus olhos leitosos.

Sebastian conteve a vontade de ir embora, pois sentia a alma sendo analisada por aquele velho.

— Vê, eu trouxe um amigo! — Gabriel correu a distância que o separava do homem e Sebastian não teve o que fazer a não ser segui-lo.

— Estou vendo — a voz do velho era infantil, causando um contraste perturbador com sua aparência.

— Achei que o senhor fosse...

— Cego? Sim, sou sim — ele sorriu e seus dentes eram amarelos como ouro opaco, causava certa repulsa.

— Vê, ele quer saber sobre a fada.

— Você mostrou a ele?

— Eu levei para a aula, já que ninguém acreditava em mim...

O avô suspirou, parecendo mais divertido que contrariado e levantou-se com uma agilidade que não condizia com sua aparência.

— Vamos entrando, garotos, têm coisas que a floresta não pode nos ouvir contar.

Sebastian nunca tinha ouvido aquele ditado, mas já sabia que deveria se acostumar com coisas que não conhecia, inclusive, tentou não parecer muito surpreso ao entrar na casa. Se por fora já era como se outro mundo, por dentro era bem pior. Nada ali fazia sentido; cada parede de uma cor e material diferente, nenhum móvel combinava com o outro e ali havia

mais objetos estranhos espalhados por cada superfície visível. O ar cheirava estranhamente à água de rio e cera de vela, uma mistura que Sebastian decretou como sua preferida.

O avô de Gabriel andava pela casa como se enxergasse. Se afastando na hora certa para não esbarrar em nenhum objeto jogado pelo chão ou pendurado em lugares perfeitos para causar uma queda.

Do teto da cozinha, ele puxou um alçapão que veio junto com a escada mais frágil que Sebastian poderia imaginar. Seu cérebro não aceitava como aquele velho conseguia subir os degraus de madeira que entortavam com seu peso e ainda queria que os garotos também subissem. Gabriel simplesmente se pendurou e pulou a distância até o sótão, acostumado a fazer aquilo, já Sebastian relutou. Tinha sido muito bem instruído pelos pais durante a vida para não se colocar em situações exatamente como aquela, mas o lugar, o avô de Gabriel, a criaturinha no frasco, tudo aquilo o fascinava de tal forma que era mais forte que ele. Imitou Gabriel e pulou para o sótão também. A escuridão o confundiu por um tempo, até seus olhos se acostumarem com a única fonte de luz que vinha do fundo do cômodo. Demorou até reconhecer o brilho dourado, pois, na verdade, ainda não o tinha visto assim, em toda sua força.

Sentiu-se um inseto apaixonado pela luz indo sem ver mais nada diretamente para ao frasco com a criaturinha dentro.

— Você demorou, rapazinho — disse o avô de Gabriel assim que ele se aproximou. Não tinha reparado no quão comprido era aquele sótão; deveria cobrir toda a extensão da casa. Seus olhos não viam mais nada além do brilho. Era uma garota em miniatura, estava certo disso.

Mas...

Como?

— Vô, conta pro Sebastian tudo sobre essas coisinhas.

Sebastian não sabia por que, mas “essas coisinhas” o ofendeu como se tivesse sido dirigido a ele. Por que agia como se tivesse alguma ligação com a garota no vidro?

Eram os olhos, decidiu. Os olhos que imploravam por ajuda. Não conseguia decifrar a cor deles por causa do vidro sujo, mas pareciam brilhar tanto quanto a pele exposta, que também tinha uma cor indefinida. Tudo era dourado.

Era a coisa mais linda que veria na vida e não importava quantos anos vivesse, tinha certeza disso.

— Você está trancando a respiração há tanto tempo, rapazinho, que pensei que tivesse morrido.

Gabriel cutucou o colega diretamente nas costelas para chamar sua atenção, e Sebastian se lembrou por que toda a turma fugia do aluno novo quando ele aparecia, então deu apenas uma risada sem graça em resposta e sentou-se no chão de madeira ao lado do velho. Estavam sentados agora em um quase círculo e o pote de vidro no centro deles era uma fogueira de luz.

— Foi meu avô quem capturou essa aqui — o velho bateu no vidro com a ponta do dedo. Sebastian viu a criatura tremer lá dentro. A luz também bruxuleou — Viviam todos em guerra naquela época.

Sebastian queria perguntar “mas todos quem?”, porém não queria interromper o avô. E, quanto mais rápido ele contasse a história sobre a pequena criatura, mais cedo Sebastian poderia roubá-la.

Sim, era isso que o garoto vinha planejando fazer desde que aceitara o convite para visitar aquelas pessoas estranhas. Ele precisava salvar a garotinha.

— Minha família vem de uma longa e longa linhagem de caçadores, sabe, rapazinho — continuou o avô e Gabriel riu, levantando o braço dobrado para mostrar seus músculos inexistentes — E essas fadas aqui, essa criaturinha de luz e olhos tristes, são uma praga, menino. Isso eu lhe digo: uma praga.

— Mas...

— Dizem o que brilho delas vem da lua, algo como um pó encantado — o homem seguiu — Não sei se isso é verdadeiro, mas as asas dela soltam uma poeira brilhosa que confunde quem é atingido.

— Confunde...? — Sebastian, apesar de desejar entender tudo aquilo, era muito distante da sua realidade para compreender.

— Vi homens e gigantes serem derrubados por esses insetinhos apenas por um bater de asas.

— Isso não faz sen...

— Deixa ele contar, Sebastian! — Gabriel cutucou o colega mais uma vez.

— Mas meu avô era o mais esperto de todos; destruía titãs com armadilhas improváveis, cravava estacas em criaturas da noite, capturava lobos e todas as outras bestas... Até que um dia, se deparou com um ninho de fadas.

O velho fez silêncio para causar suspense e Sebastian aguardou, contendo a vontade de fazer mais perguntas ou roer as unhas, mas a voz de sua mãe na cabeça falando para ele não colocar a mão na boca que nem um bebê era o que o continha.

— Meu avô prendeu fogo contra a floresta em que elas viviam, sem se importar em ser queimado, mas conseguiu fugir antes que o fogo o atingisse. Puxou uma pelas asas e a prendeu nesse vidrinho aí, como medalha. A guerra parou logo depois — o velho voltou a bater no vidro — Os tempos eram outros, sabe, hoje em dia nós entendemos que é errado manter algum ser vivo dentro de um pote por tanto tempo, mas ela é a única que restou da família dela, diria até da raça. Está melhor onde está.

Sebastian não concordava.

— Então por que não a libertam? — perguntou.

O avô e Gabriel balançou a cabeça. Seus olhos leitosos eram dourados pela luz que a fada irradiava. Não era a visão mais bonita que o garoto já tinha tido.

— Ela juraria vingança, meu filho — ele respondeu depois de mais um tempo em silêncio — Encontraria um jeito de começar uma guerra. Estamos bem assim.

— Mas...

O velho levantou a mão, calando Sebastian antes que pudesse falar mais alguma coisa. Sua voz infantil ficou ainda mais séria:

— Você não tem noção do que uma guerra contra a magia pode causar no mundo atual.

Gabriel assentia com entusiasmo a tudo que o avô falava.

— Vovô acha que as pessoas não entenderiam e todo mundo ia acabar se matando.

Mas não são todas as guerras assim?

— Vamos descendo, garotos — o velho levantou-se, fazendo todos os ossos de seu corpo estalarem no silêncio do sótão — A minha limonada, também herança de família, é capaz de fazer trasgos sorrirem. Pelo menos era o que dizia meu pai.

Gabriel levantou-se também, mas Sebastian não conseguia aceitar aquilo tudo. Não poderia viver em um mundo em que deixar uma criatura dentro de um pote de vidro era a única solução. Era ridículo.

— Posso ficar aqui mais um pouco? — perguntou. O velho e Gabriel concordaram e desceram para a cozinha. Logo, ruídos da preparação da poderosa limonada começaram e Gabriel tagarelava sem parar.

Sebastian encarou a criatura no vidro mais uma vez e ela o encarou de volta. Ficaram assim por algum tempo. Ele pensou em guerras, em seres fantásticos que não deveriam existir, mas existiam, em caçadores, em destruição. Mas também em luz. Porque era isso que via.

Era apenas o que via.

Então Sebastian abriu o frasco.

CINCO

Eu sabia que não deveria me sentir tão ressentida, pelo menos, não o tempo todo, mas eu só conseguia ficar mais e mais puta a cada hora que passava. Já havia superado a primeira fase do luto, negação, e tudo que eu sentia agora era uma raiva que fazia doer todo meu corpo pela parte de dentro, que queimava como se eu tivesse jogado ácido em cada um dos meus órgãos na tentativa de curar uma coceira que pinicava e me fazia gritar.

O apartamento me sufocava, todas aquelas paredes brancas ou coloridas, nenhuma cor conseguiria expressar tudo que eu sentia dentro de mim e tudo que eu precisava vomitar para fora, jogar em alguém, como eu sempre jogara no papel.

Eu já odiava Alana, Sebastian e Gabriel, e queria mais era que eles se fodessem e nunca mais voltassem mesmo, me deixassem viver em paz, me devolvessem todo o tempo perdido em função deles.

Se eles nunca tivessem aparecido, eu nunca teria sido a criança esquisita que falava sozinha, a adolescente reclusa que nunca podia sair por estar “sempre ocupada” ou a adulta sonhadora que eu era, sempre vendo o que ninguém mais era capaz de ver.

Por causa deles, eu deixava de ir à porcaria de um cinema com os poucos amigos que fizera na escola. Não respondia mensagens, nem ligações. Eu tinha tanto, mas tanto medo de que Alana, Sebastian e Gabriel desaparecessem e de que eu perdesse algumas de suas palavras. Tinha medo de me distrair e perder o relance de suas figuras. Eu tinha medo de que se sentissem traídos. No meu medo, abdiquei de tudo que podia, cada saída nos fins de semana, as festas de pijamas com outras as garotas para comer brigadeiro e falar dos meninos que gostaríamos de beijar, mas que nunca admitiríamos. Eu deixei para trás cada calafrio na boca do estômago que eu pudesse vir sentir por esses mesmos meninos. Cada experiência que eu deixei de viver por estar com meu caderno no colo e a caneta entre os dedos, assistindo afoita, bebendo da cena que os três me proporcionavam. E sempre me senti muito melhor que todas aquelas garotas estúpidas e aqueles meninos nojentos. Eu via o que eles não viam. Eu tinha algo que adolescente nenhum da minha idade tinha nem jamais teria.

Enquanto eles saíam, corriam pelas pistas de skates vazias, fumavam escondidos pelas praças do bairro, roubavam bebidas dos pais, beijavam e se deixavam tocar onde foram ensinados a não se deixarem tocar, eu estava em casa, a porta do quarto trancada, aguardando

Alana, tentando segurar Sebastian em uma frase perfeita e tentando decifrar o que Gabriel me mostrava.

E eu vivera bem até então. Eu era feliz. Eu tinha tudo que precisava. Mas agora eu os odiava com toda a força que podia conter em mim, uma força que eu acreditava existir só porque eles existiam.

Eu realmente desejava que não voltassem. Eu abandonaria essa coisa ridícula de passar minha vida os assistindo, escrevendo e tentando vender para alguém que se interessasse depois. Eu tinha vinte e cinco anos, dava ainda para começar alguma carreira, voltar a estudar, arrumar um namorado, visitar minha família mais vezes.

Eu podia simplesmente os esquecer como eles pareciam ter me esquecido e ter ido lá fora, ver o que a vida podia me dar. Ver o mundo como todos viam. Me adaptar.

Eu os odiava tanto, mas tanto, que por causa desses três, eu nem conseguia lembrar qual havia sido a última conversa que eu tivera com meu irmão que não tivesse sido sobre a maldita Alana e seus poderes mágicos. Eu não lembrava se ele me contava coisas de sua vida porque eu estava ocupada demais contando coisas da vida *dela*.

E a única vez que eu conversara de verdade com a minha mãe foi quando ela me perguntou se era isso mesmo que eu gostaria de fazer, escrever. Se eu sabia que talvez isso não fosse dar em nada. Ela não falara exatamente com essas palavras, mas eu sentia isso. Era quase como se ela desejasse me proteger, mas não soubesse exatamente como pudesse fazer isso nem do que teria que me proteger. Na defensiva, lembro de ter batido a xícara de café na mesa, implorando para ser ouvida para poder continuar ouvindo Alana, Gabriel e Sebastian. Eu dissera que sim, era isso mesmo que eu gostaria de fazer durante a vida toda; eu queria continuar contando histórias, melhorando cada uma delas, passando adiante o que eu tinha privilégio de ver e o resto do mundo não. Acho que foi a primeira vez que minha mãe me respeitou como uma outra mulher. Eu tinha dezoito anos e era óbvio que só tinha vontade de continuar escrevendo as histórias de Alana porque simplesmente não sabia fazer mais nada e, na verdade, nem queria aprender.

Porém agora percebo que talvez toda minha vida tivesse sido melhor se eu tivesse procurado alguma profissão de verdade, tentasse fazer Direito como minha mãe gostaria que eu fizesse, já que dizia que eu deveria usar minha boa maneira de falar para algo mais útil. Talvez eu devesse ter saído toda vez que me chamaram. Talvez eu devesse ter beijado todo cara por quem eu senti o mínimo de atração e me retraí, afinal, não tinha tempo para aquilo.

Talvez eu devesse ter gastado meu tempo aprendendo outros idiomas, assistindo aos programas de televisão da moda e soubesse puxar assunto com as pessoas da minha idade. Talvez eu devesse ter tentado, ao menos, ser um pouco normal.

Se eles não tivessem aparecido, ou se eu não tivesse dado vazão a cada historinha de criança que eles tinham para me contar, eu não seria essa mulher adulta de vinte cinco anos que está sempre meio bêbada, que fala sozinha com as paredes do apartamento cujo aluguel está atrasado e que está desesperada porque os filhos-da-puta de seus amiguinhos imaginários sumiram.

Eu deveria saber lidar hoje com despedidas porque, no final, todo mundo vai embora.

Porque depois que vocês se foram, eu me pergunto por que ainda estou aqui, se eu já não tenho mais nada para falar, nem para sentir. Depois que todos vocês foram embora, eu já não sei mais por que ainda preciso continuar aqui.

Eu existia por causa de vocês, nunca foi o contrário, mesmo vocês vindo depois de mim.

SEIS

Se eu não gostava de estar ali quando criança e adolescente, gostava ainda menos agora. A escola sempre me sufocou de uma maneira que nunca consegui entender; as paredes em tinta-esmalte do pior tom de verde me faziam querer pular a janela, o muro, portão, qualquer coisa que me desse a sensação de liberdade. Ainda que Alana, Sebastian e Gabriel tenham desaparecido e eu esteja sofrendo como não acreditei que pudesse vir a sofrer um dia, posso dizer com certeza que os anos na escola foram os piores da minha vida.

Ninguém nunca tentou entender o que se passava comigo ou por que eu não conseguia prestar atenção em nada do que os professores insistiam em me ensinar. Eu só queria sair dali porque sentia que todos me atrapalhavam, roubavam de mim o tempo que eu deveria passar com meus personagens, o tempo que eu tinha para escrever.

Eu nunca quis saber como funcionava a mitose e a meiose, o que raios era o Pi ou aqueles números infinitos elevados a mais números infinitos. Nada disso nunca me disse nada comparado ao tanto de infinitos que Alana conseguia me dar em apenas alguns segundos de sua presença.

Na maior parte do tempo, os alunos e professores me ignoravam, coisa a que eu agradecia, mas, às vezes, pareciam acordar com a vontade de nublar meu dia com perguntas sobre o que eu tanto escrevia e, hei, tu tá falando sozinha de novo? Luisa! Vamos ter que chamar sua mãe mais uma vez? Luisa, deixa eu ver, deixa eu ver!

Todas as cenas terminavam comigo saindo correndo pelos corredores, o cabelo castanho ou, mais tarde, tingido de loiro, chicoteando meu rosto e grudando nas lágrimas que eu deixava para trás. Sempre chorei muito, mesmo que nada comparado ao tanto de Raul quando criança, mas eu sempre me senti extremamente vulnerável quando se referia aos meus cadernos. Tinha um medo mortal que me lessem e descobrissem ali meus segredos. Queria ter Alana só para mim tanto quanto possível. Ela era segredo meu, coisa que eu dividia com meu irmão apenas quando e por que queria. Ninguém podia tomar de mim. Ninguém era capaz de penetrar no mundo que eu ilustrava apenas para nós. No mundo que eu tentei proteger até, ironicamente, desejar publicar e dividi-lo com várias pessoas — não tantas quanto os editores gostariam, mas o suficiente para que eu publicasse um livro por ano.

Os alunos devem estar em aula, pois são poucos adolescentes atrasados que cruzam por mim enquanto eu entro pelo portão que tanto quis fugir na idade deles. Assim que coloco

os pés no saguão, uma das professoras me vê, copo de plástico descartável na mão com um café frio e uma pasta abarrotada de papéis embaixo do braço. O cheiro embrulha meu estômago, me fazendo lembrar que há dias não como nada de substancial e que ainda estou bêbada das garrafas de vinho da noite anterior. Eu devo estar com uma cara horrível, pois a primeira coisa que ela me diz ao me ver é o quanto eu pareço cansada.

Mas eu estou cansada, Alana, estou cansada o tempo todo.

Cansada de chamar e gritar e ninguém ouvir.

Cansada de estar sozinha, de bater a cabeça contra o teclado e não sair linha nenhuma.

Cansada de fingir que um dia eu voltarei a escrever.

— Tu está bem? — ela pergunta, colocando uma mão no meu ombro, equilibrando a pasta e tentando me consolar sei-lá-do-que-ela-acha que eu precise de consolo, mas o gesto faz com que eu me encolha, me deixa pequena, me torna uma aluna de novo.

Eu me esquivo não tão gentilmente quando acredito e talvez ela veja o desespero gritar nos meus olhos já que logo sorri daquela maneira que sorria sempre que Raul tirava alguma nota boa ou qualquer outro aluno que não fosse eu.

A última vez que a vi, foi quando fui convidada a palestrar na escola, falar dos meus livros, de Alana e da importância da leitura. Os alunos nunca pararam para ouvir, mas eu nunca me importei porque tudo que me perguntava a cada palestra ou conversa com os leitores era sobre o quanto eu estaria roubando o tempo deles, arrancando deles momentos que poderiam estar vendo cenas tão fantásticas quanto as que eu vi sempre que Alana ou Sebastian ou Gabriel apareciam.

Eu encarava cada aluno diretamente no olho, me questionando se ali dentro daquela cabeça tão jovem também brilhavam histórias a serem contadas. *Tu também guarda segredos? Também é capaz de ver o que ninguém mais é? E o que faz com isso?*

Se fosse hoje em dia, e eu percebesse que algum dos alunos tivesse a mínima vontade de escrever, eu o pegaria pelo braço, sacudiria seu corpo todo e imploraria para que corresse para bem longe de qualquer papel, caneta, folha em branco. Se ele enxergasse por aí personagens como eu costumava enxergar, eu gritaria para que aquela criança simplesmente ignorasse e fosse ser feliz sendo qualquer coisa, engenheiro ou advogado, como todo pai deseja de um filho. Qualquer profissão me parece menos dolorosa do que o sofrimento com o

qual me encontro agora, sem saber para onde ir, me encontrando em cozinhas da infância, praças escuras à meia-noite e em escolas abarrotadas de alunos que não deveriam precisar lidar com uma louca como eu.

A professora continua esperando uma resposta minha e antes que ela possa me dizer mais alguma coisa, tento a desculpa que criei no caminho até ali.

— Eu estou com um projeto novo, se passa numa escola muito igual a essa... Será que...?

Por um momento, chego a acreditar que a mulher está prestes a me abraçar. Talvez não seja apenas minha cara que esteja horrível, meu cheiro também, e ela recua. Me analisa por alguns minutos, a cabeça pendendo para o lado, os olhos tristes.

Todos conseguem ver o quão miserável eu estou, Alana. Por que vocês não voltam?

— Mas se for incomodar, ou atrapalhar os alunos, eu não preciso... — continuo já que ela segue em silêncio me analisando com aquele olhar desesperadamente de pena, me apequenando ainda mais.

— Está tudo bem, Luisa — ela acaricia meu braço e tudo fede a café frio e me vejo querendo sair dali como quando adolescente, quando seguravam meus braços como ela o faz agora, manchando minhas roupas pretas com giz, sempre me dizendo que estava tudo bem, mas eles nem sabiam o que acontecia dentro e fora de mim, como estaria tudo bem? Como poderia ficar tudo bem?

Vai ficar tudo bem, Alana? Vai?

— Nós sabemos o que aconteceu — ela prossegue e eu balanço a cabeça, não querendo ouvir aquilo, não agora, me desvencilhando mais uma vez — Sei que vocês devem estar sofrendo, mas fica tudo bem, sabe? Uma hora fica.

— Eu não sei do que a senhora está falando.

De novo aquele maldito sorriso que era para Raul e nunca para mim.

— Aproveite o pátio e os corredores tanto quanto quiser, querida. É uma honra ter uma aluna nossa tão famosa.

Ela não escuta minha risada que é meio bufo meio choro enquanto sobe as escadas para dar alguma de suas aulas intermináveis. *Tão famosa*. Se ela soubesse que minha carreira estava acabada e que a pilha de boletos fechados em cima da mesa de centro da minha sala não parava de crescer.

Tão famosa.

O Sol ainda é tímido quando saio para o pátio vazio e ando entre a grama alta que esconde bitucas de cigarro e canudos coloridos. A cantina ali adiante, passando a quadra mal cimentada de vôlei, ainda não está aberta. Lembro que talvez eu deva alguns reais aos donos, por bolachas e refrigerantes que comprava fiado no intervalo para dividir com Raul. Certos vestígios que deixamos pelo caminho e nunca mais pensamos neles.

Me sento na grama que continua úmida do sereno da noite e encaro o céu até arder meus olhos de ressaca, me fazendo enxergar pontos pretos quando baixo a cabeça que bem poderiam ser Alana ou Gabriel ou Sebastian, mas são apenas pontos pretos.

Não gosto da ideia de estar ali no meio do pátio da escola, onde tantas vezes precisei de paz e não encontrei.

Por que quando a gente cresce o mundo se torna mais silencioso?

Tudo que ouço é, muito ao longe, a voz de algum professor insistindo para que os alunos fiquem quietos ou um arrastar de cadeiras. Percebo, então, que não é o mundo que ficou silencioso assim do nada, é que sem a voz dos meus personagens eu posso ouvir tudo com mais atenção.

Mas eu não quero.

Lembro de dizer essas exatas palavras quando, no oitavo ano, talvez, a professora de Educação Física me perguntou por que eu não queria jogar handebol com as outras colegas quando estava fazendo um dia tão bonito. Eu mal ouvi seus argumentos, porque logo ali perto, Sebastian era um adolescente, um pouco mais velho que eu, tão bonito que soprava alguma coisa dentro de mim que era quente e frio ao mesmo tempo. Ele estava escorado à parede de tijolos que leva aos banheiros, nas sombras. Eu nunca tinha visto uma pele tão pálida que fazia seu cabelo ficar ainda mais escuro.

Logo chegaria Alana, eu podia sentir, e não podia perder aquilo. Eu já sabia o que ele era e o que ela seria quando aparecesse e tudo se formava na minha cabeça como se eles mandassem mensagens diretamente para mim, ninguém mais ouvia.

— Luisa, por acaso tu tá me ouvindo? — perguntou a professora, cutucando meus tênis com o pé.

— Não — respondi, ausente, encantada demais com Sebastian e a força que ele emanava, eu queria era chegar mais perto, ouvir sua voz mais alto, anotar cada nuance de seus movimentos.

Eu queria que ele soubesse que eu o amava.

A professora me chamou mais algumas vezes e eu continuei a ignorando, puxando da mochila meu caderno e uma caneta. Nem percebi que as outras garotas tinham parado de jogar para ver o que acontecia.

Alana tinha aparecido, um vestido preto cobria cada parte de seu corpo contra a pele pálida e, meu Deus, seus olhos eram ainda mais pálidos e a boca tão vermelha. Tão poderosa e livre, fugindo do sol, tentando fazer com que Sebastian a perdoasse sabe-se lá por que, eu não conseguia ouvir, tinha alguém me chamando, pessoas gritando.

— Cala a boca! — gritei para o que quer que estivesse me incomodando. A caneta furando o papel na minha ânsia de anotar cada detalhe. Por que Sebastian parecia tão fraco ao lado de Alana? Ele parecia com fome...

Então me dei conta de onde estava quando a professora puxou o caderno da minha mão, cortando meus dedos no papel, jogando a caneta para longe, para a grama alta que hoje escondia cigarros. Será que minha caneta continua ali?

Minhas colegas riam e a professora, geralmente já estressada, me encarava, o rosto tão vermelho quanto os lábios de Alana.

Talvez essa professora tenha sido a primeira a pessoa me odiar, mas eu não me importava, porque agora chegava Gabriel, também vestido de preto e, ai, levantava a manga do casaco, expunha o pulso com as veias saltadas, azuis no branco, e Sebastian, relutava, não queria aquilo, mas se aproximava...

— Já chega! — a professora finalmente gritou em resposta ao meu “cala a boca”, fazendo todo mundo aumentar o volume de suas risadas. Eu queria meu caderno, minha caneta, queria poder escrever sobre o que acontecia — Levanta, vamos para a direção — e, mais uma vez, cutucou meu tênis com o pé, com uma força que não condizia com a de uma professora.

— Não — repeti, agora com raiva, porque meus amigos haviam sumido e eu não sabia exatamente o que Sebastian tinha feito com o pulso de Gabriel.

— Ah, mas tu vai sim — agora ninguém mais ria. Estavam assustados, a louca da Luisa aprontava de novo, mas agora de uma maneira pior, confrontando justamente a professora mais brava.

— Mas eu não quero — rebati. Acabei sendo levada arrastada, minha mãe foi chamada e eu fui suspensa por alguns dias. Nunca fiquei tão feliz em estar de castigo, passava o dia com Alana em meu quarto, com outra caneta e outro caderno.

Quando Raul me encontrou aquele dia, deitada na minha cama, os dedos manchados de tinta, me perguntou, sorrindo com os dentes da frente muito separados.

— O que eles eram dessa vez?

— Vampiros, Raul!

E contei para ele a história, tudo que eu sabia até aquele momento.

Agora encaro aquela mesma quadra e espero que Sebastian apareça de novo na parede de tijolos. Ainda sou capaz de ouvir a risada das garotas e sentir o cheiro do suor da professora ao me arrastar pelos corredores. Espero que Alana surja, vampiro ou não, e que venha com Gabriel, me trazerem as gotas de alegria que me davam quando surgiam por ali, há tantos anos, quando me salvavam de pular janelas e muros, quando eram os únicos que me viam e me entendiam.

Quando eram os únicos que me amavam.

Eu preciso que vocês voltem para que eu possa perdoar cada pessoa dessa escola que me fez doer. Eu preciso que vocês voltem para que eu fuja com vocês para um mundo onde vampiros aparecem em escolas e fantasmas não me assustam.

Eu preciso de vocês.



LUIZA GONÇALVES

ÀS VEZES, A
MAGIA ESTÁ BEM
AO SEU LADO

ALANA

E O GATO ENCANTADO

Para Raul,
Que seria um irmão melhor se fosse um gatinho.

I

O gato de pelos queimados encarava Alana há algumas horas, claramente a julgando por ela estar tentando fazer o que fazia. Ela sabia que algo podia dar errado, mas precisava arriscar. A lua estava no alto, era a hora certa da noite, tinha arrumado as ervas perfeitamente, assim como as velas e incensos. Até usava o vestido apropriado, um branco bem largo como uma toga, e os pulsos reluziam com algumas pulseiras prateadas, herança da avó que falecera um ano antes. A mulher que a ensinou tudo sobre magia, sobre respeitar a natureza e todos os seres, quase uma utopia que a adolescente Alana tentava alcançar, mas honrar os ensinamentos da avó era a coisa mais importante de sua vida.

E era por causa de sua avó que agora tentava fazer um ritual que nunca antes havia feito — nem visto ninguém o fazendo. Precisava muito de um conselho que viesse do além, do plano astral, ou de qualquer lugar. Sentia-se perdida sem a avó, que saberia exatamente quais palavras usar, quais ervas misturar e como reagir se alguma coisa saísse do controle.

Mas sua avó não estava ali, Alana precisava lembrar disso. Sua avó tinha ido para sempre e ela precisava lidar com a dor. Transformar a dor em magia, em luz, como a mulher idosa sempre dizia.

Encarou o gato que ainda a julgava no olhar amarelo:

— Você vai ficar aí mesmo, Sebastian? — coçou as orelhas do bichano — Vai cuidar de mim se alguma coisa acontecer?

O gato nem piscou em resposta, mas Alana aceitou, respirando fundo e então pegou o velho diário da avó, a página marcada com um ramo de alecrim. A caligrafia era tão desordenada quanto a sua, mas ela sabia lê-la como ninguém, praticamente aprendera a ler.

Recitou os versos que ali indicavam, que deveriam convocar a presença de alguém. Não precisava de ninguém muito corpóreo ou incorporar nada, só queria alguma luz, um sinal do que seria sua vida agora que não tinha mais ninguém. Seus pais a amavam e ela os amava, óbvio, mas não era como com sua avó, almas gêmeas.

Nunca tinha pensado muito além e talvez fosse algo que sua avó não quisesse, pois sabia que não teria muito tempo a mais, mas agora Alana estava acabando a escola e não sabia o que fazer em seguida. Não tinha pensando em nenhuma carreira que realmente gostasse o suficiente para passar os próximos anos estudando. Não se via trabalhando com nada muito elaborado no momento... Queria apenas seguir vendendo as relíquias no

antiquário da avó, mas seus pais não aprovariam. Não viam a loja como um futuro muito promissor, o que era verdade, tinham mais prejuízo que lucro e a vida toda havia sido assim... Mas não conseguia pensar em se separar de mais essa parte da avó.

Eu só preciso de um sinal, vó, de quem eu sou e do que vou ser. Eu só quero uma palavra de sabedoria... Eu só preciso que toda a magia que a senhora deixou a minha volta se revele para que eu me revele também, desejava Alana de olhos fechados. As ervas queimavam seu nariz, assim como a cera das velas e os incensos. Mas aquilo era cheiro de casa.

Sentiu um arrepio percorrer suas costas de baixo a alto e o cabelo voar e bater no rosto. Forçou os olhos a permanecerem fechados e voltou a recitar os versos antigos. Que toda a magia a minha volta se revele, que toda a magia a minha volta se revele, que toda a magia a minha volta se revele. A pressão ao redor aumentava e Alana agora estava suando. A mão pegajosa no diário ensopava o pergaminho, o cabelo grudava no rosto e na nuca, o vestido não balançava mais com o vento que agora era apenas ar quente.

Até que parou.

Tudo ficou silencioso como se nada tivesse acontecido, até as velas e incensos se apagaram. Alana podia jurar que tudo estava tão calmo que até seu coração havia diminuído seu batimento.

Abriu os olhos.

E gritou.

A sua frente, onde antes se encontrava Sebastian, o gato idoso da família, agora havia um homem, se é que podia chamar de homem, não parecia nem ter vinte anos, de cabelos de um castanho quase dourado, parecia queimado, e os olhos, olhos amarelos e felinos...

— Ai, meu Deus — Alana ofegou e tropeçou para trás, a mão na boca. Não, aquilo não podia ser real.

O homem, que estava nu, puxou para ele a manta rosa que cobria a cama de Alana e estava tão aturdido e assustado quanto ela, movendo-se com dificuldades, como quem aprende a andar de pé.

— Ah, não, não pode ser — Alana agora tentava agarrar o que via pela frente na tentativa de criar uma arma.

— A... Alan... Alana — tentou dizer o homem, testando a própria voz até sair completamente e sem ser esganiçada como um miado.

— Não se aproxime de mim! — ela gritou e percebeu que empunhava uma vela apagada — Não sei quem é você ou como entrou aqui, como sabe meu nome...

— Alana — o homem conseguiu falar, agora já enrolado pela manta rosa — Sou Sebastian, o...

— O gato! — a garota ria, apavorada — Impossível, saia daqui, seu... Seu pervertido! — e jogou a vela nele.

Odiando a analogia, Alana percebeu que ele se esquivou como um gato. Aquilo era demais, maluquice até para ela.

Não esperava nada além de um ventinho, uma palavra brilhando em sua mente ou ainda um perfume no ar quando desejou que toda a magia ao redor se revelasse. Não esperava transformar o gato em um humano.

Aquilo não fazia sentido nenhum.

— Meu nome é Sebastian — continuou o desconhecido — Fui transformado nesse felino nojento há mais de vinte anos... Sua avó me encontrou aqui na frente da casa de vocês... Eu... Eu não sei, não consigo lembrar de muita coisa...

— Você está mentindo!

— Não, é verdade — e os olhos amarelos do homem brilharam quando ele lembrou — Gabriela!

— Quê? Não, Alana... Você...

— Não você, minha noiva... Gabriela.

— Moço, por favor, vá embora...

— Escute, Alana — ele tentou se aproximar, mas o movimento fez a manta que cobria seu corpo escorregar, então ele teve que agarrá-la e ficar onde estava — Eu estava prestes a me casar com Gabriela, meu amor desde a infância... Ah, minha linda Gabriela...

— Por favor, continue a história — Alana conteve a vontade de jogar outra vela nele.

— Então, tudo que lembro é de estar em direção à igreja... E uma luz forte me atingir... E eu acordar assim, um gato, quero dizer — O homem sentou-se no chão e tentou fazê-lo como um gato. Dando-se conta do que fazia, parou quieto no lugar mais uma vez.

— Que conveniente você não lembrar de nada...

— É verdade, Alana, é verdade.

— Mas por que alguém faria isso com você? Isso... É impossível. É coisa de filme. Não faz sentido.

— Eu lembro que havia alguém... Um homem...

— Um homem? Tudo que você tem é “um homem”?

— Eu lembro de quem eu sou, está bem? — na verdade, quem parecia nada bem era ele, mas Alana não diria isso em voz alta — E de sua avó... Me resgatando naquela noite de chuva... Testando todos os nomes até eu parecer feliz com um deles.

Ficaram em silêncio, um analisando ao outro; ele, querendo que Alana acreditasse no que ele falava, que entendesse que era real e que era verdade. Ela, por outro lado, não sabia se podia confiar... Tudo aquilo era loucura, mas... Ainda assim...

— Você esteve consciente até hoje? — ela perguntou — Por todo esse tempo?

— A mente de um gato funciona de maneira diferente... Eu lembro de coisas, de pessoas... Mais de sensações do que de tempo.

Voltaram a ficar em silêncio e Alana percebeu que ele se distraía com um fio solto da manta que o cobria. O corpo ainda não sabia que era humano de volta, pensou ela.

— Sua avó sabia que tinha alguma coisa errada comigo, que havia magia em mim, mas não sabia exatamente o quê, por isso ficou comigo — disse ele quando a percebeu olhando — Vocês nunca acharam estranho um gato durar tanto tempo assim?

— Não, nós nunca nem... Quanto tempo... gatos duram bastante.

— Alana, eu estou na sua família há vinte e cinco anos.

A garota suspirou, cansada. Sentou-se na cama e o encarou:

— O que eu vou fazer com você?

— Você vai me ajudar, Alana, a pegar o feiticeiro que fez isso comigo, para que possa, finalmente, me casar com minha amada Gabriela.

— Mas...

— Por favor, eu prometo que serei eternamente grato e, pelo o que me lembro, minha família era muito rica, então...

— Eu não quero seu dinheiro — a garota suspirou de novo — Vou ajudar você, é claro. Porque isso é o que minha avó faria.

Talvez, Alana pensou enquanto encarava Sebastian, seja alguma mensagem da minha avó, algo que ela gostaria que eu fizesse, que eu aprendesse...

Mas Alana não fazia ideia do que a esperava.

SETE

Ninguém nunca me disse “você tem que continuar escrevendo”, nem mesmo Raul. Eu sempre fiz tudo sozinha apenas porque acreditei que assim nunca estaria completamente sozinha, mesmo que nada disso fizesse sentido. Por muito e muito tempo, eu não tive com quem conversar e Alana estava lá, matando dragões e lançando feitiços. Então eu não precisava conversar com ninguém. Podia me trancar no quarto, repetir diálogos que ouvia e ler tudo em voz alta depois, ainda que ninguém estivesse lá para me ouvir.

É esse não escrever que me assusta em cada célula do meu corpo porque é a primeira vez que estou sozinha e eu nunca soube que seria do tipo que tem medo da solidão. Pelo visto, tenho. E isso só joga na minha cara a inutilidade de tudo que eu sempre fiz: não estou em um hospital, com a mão enluvada em um coração, tentando fazê-lo voltar a bater, nem retirando balas de órgãos ou tentando curar o câncer. Não estou lá fora defendendo direitos humanos, xingando o presidente nem fazendo barreiras com o meu próprio corpo, protegendo qualquer que seja a minoria. Não. Sempre estive protegida em casa, ar-condicionado ou roupa quente, cadernos e computador para escrever. Nada do que eu fiz mudou alguma vida.

Que diferença então faria se eu parasse agora mesmo e nunca voltasse a escrever? Se Alana, Gabriel ou qualquer outro desaparecesse de vez e eu jamais fosse capaz de encontrá-los, para escrever sequer mais uma linha?

Todas as vezes em que eu terminei de escrever um livro, uns meses depois havia um evento de lançamento, em que eu fazia as unhas antes e usava um vestido novo, mudava a cor do cabelo para combinar com algum elemento do romance, e andava pelo local como se estivesse prestes a ganhar um Nobel da Paz, e todos me beijavam pela minha genialidade enquanto eu escrevia dedicatórias engraçadinhas repetidas nos livros das pessoas que eu sabia não se conhecerem.

Será que poderiam fazer um evento para mim agora? Para celebrar o fato de eu nunca mais escrever?

Quem se importaria se eu parasse agora?

Quem estaria lá para lembrar um dia de qualquer uma das minhas palavras?

Por isso, ao voltar da escola sem respostas, decidi que não escreveria mais. Já que não tenho Alana nem qualquer outro personagem por perto, prefiro me calar. Não é como se tivessem milhares de pessoas do lado de fora da minha casa implorando por cada uma das

minhas palavras. Não é como se eu mesma fosse me importar de nunca mais escrever. Não é bem da escrita que eu sinto falta, é da mágica. Palavrinha clichê que me neguei a usar durante a vida toda, mas é a única que descreve o que acontece quando sinto no rosto um sopro que não é divino nem natural e me pego assistindo à Alana invadindo minha cozinha com uma espada em punho e as roupas sujas de sangue. Eu me sinto suja de sangue, como se tivesse matado alguém. Ou muitos. Matei cada história que deixo agora de escrever, mas quem se sente morta sou eu.

Preciso me reencontrar de novo e sei que só posso fazer isso quando me deixar seguir pela mão de Alana, pelo braço quente de Sebastian e o sorriso nem sempre gentil de Gabriel. Sinto falta do barulho deles pela casa, até nos cômodos em que eu não estava. O arrastar de correntes de um fantasma, a fumaça de incensos e velas da bruxa e das escamas de dragões pelo chão do banheiro. Sinto falta de ser *habitada*.

Mas ao contrário do que todos pensam, escritor nunca é pátria. Por isso, a refugiada hoje sou eu, já não me sentindo em casa em lugar nenhum, e talvez seja por isso que ronde a cidade por lugares ridículos que eu sei, não tão subconscientemente assim, que Alana nem Sebastian nem mesmo Gabriel estarão lá. Eu me sinto fazendo alguma coisa, porque eu não aguento mais a solidão da página em branco.

Meu celular toca em algum lugar pela casa e eu já não o olho há tantos dias que nem sei como ainda funciona. Talvez eu o tenha deixado ligado direto na tomada. Deixo que toque enquanto encaro a janela da sala. Não existe agitação nenhuma às três da tarde, como se uma cidade inteira coubesse numa maior em que todos os carros e pessoas aparecem do nada. Eu nunca antes havia prestado atenção na minha vizinhança nem que havia tantos velhinhos passeando com cachorrinhos àquela hora do dia. Queria que minha única responsabilidade fosse essa: passear com o cachorro e juntar a merda depois.

Talvez seja isso mesmo que eu esteja fazendo: juntando a minha merda espalhada pela cidade. E, se for isso mesmo que eu precise fazer para que meus personagens voltem para mim, sei que tenho muitas coisas a resolver ainda... Não que eu queira qualquer uma delas.

O celular volta a tocar e eu saio em sua procura; depois de derrubar alguns livros da mesa de centro da sala, quebrar uma taça vazia e bater a canela no sofá, encontro o aparelho ligado no carregador da tomada de trás de uma poltrona. Não lembro de tê-lo deixado ali. O nome no visor que vibra me faz travar, como se eu meu corpo todo entrasse em pane e eu já não soubesse mais como executar qualquer movimento. Me sinto jogada mais uma vez

naquela noite... Numa das últimas aparições de Alana — eu bebia uma taça de vinho, ouvia Glen Hansard baixinho, e ria diante de uma piada para a tela do computador. O cursor do mouse era batida de coração que eu nem via na minha ânsia de colocar tudo que eu assistia ali... Alana e Sebastian brilhando em tantas cores e tudo que eu pensava era “eu não sou digna de vocês”. Mas a ligação mudara tudo. As cores sumiram para o branco e talvez eu tenha derrubado o celular ao levantar como se pudesse fazer alguma coisa, mas não consigo lembrar de muita coisa.

Só daquele nome no visor do celular. Um nome que raramente me ligava. Uma voz que era quase estranha aos meus ouvidos.

O telefone para de tocar apenas para voltar a tocar meio minuto de depois. Ausente de mim, penso que deva ser importante... Ele jamais tentaria tantas vezes se não o fosse. Mas o que poderia ser agora?

Não sabia que tremia, mas demoro até conseguir deslizar o indicador pela tela e atender.

A voz queima como daquela vez, mas parece mais tranquila, quase como se não desejasse de maneira genuína que eu atendesse, no pior “alô” que eu poderia receber. Ficamos em silêncio por alguns segundos, respiração contra respiração, e tudo que faço é voltar a assistir a uma velhinha a passear com seu cachorro pequeno demais para ser chamado de cachorro.

— Tô tão cansada — digo sem saber se a ligação ainda segue, a cabeça contra o vidro da janela, pele oleosa deixando uma marca que poderiam ser palavras no papel, mas talvez esse mundo já não me pertença mais.

Ele não responde nada e eu desligo. Não preciso de respostas dele. Eu e Raul nunca precisamos de nada dele. Ou foi o que nos obrigamos a acreditar.

Desisto da janela. Desisto do telefone. Recolho os cacos de vidro do chão da sala, não me importando muito com a dor de leves cortes, porque, *assim*, eu sinto alguma coisa. E me pego decidindo que vou limpar toda a casa. Tirar o cheiro de vinho impregnado nos tapetes, lavar e guardar toda a louça na pia e retirar o lixo... Estender a minha cama e jogar fora todos as embalagens vazias de salgadinhos e balas de café. Raul sempre odiou minhas balas de café, mas, assim como minha escrita e personagens, era algo que eu podia chamar de “meu”. É difícil ter algo só seu crescendo junto à outra criança, ainda mais uma mais nova. Nunca

houve grandes brigas entre a gente, mas eu gostava de imaginar um mundo em que eu não precisasse dividir nada com ele.

Se eu soubesse que seria assim, nunca teria desejado coisa alguma.

Olha, Alana, tem sido difícil sem vocês aqui. Eu sabia que esse dia chegaria, em que nos despediríamos e viveríamos cada um para um lado, mas não sabia que seria assim, do nada, que vocês desapareceriam sem me contar uma última história. Não acredito que nunca pude tocar em vocês. Eu sentia o calor, a respiração, o perfume... Vocês também me sentiam por perto ou eu sempre fui apenas um espectador invisível?

Talvez não seja apenas na tua história, Alana, que eu tenha sido apenas espectadora. E talvez, também, eu já não queira ser mais nada.

OITO

Depois de adulta, eu nunca mais havia caminhado pela cidade à tarde. Adultos não caminham se puderem evitar. Li uma vez que adultos seguem caminhos e crianças exploram, e talvez seja por isso que elas nunca saibam o nome das ruas ou como ir a algum lugar. Não se precisa prestar atenção quando está sendo guiado. Eu sempre fui boa em me perder exatamente porque nunca prestei atenção por onde andava — ainda mais porque geralmente estava ocupada demais olhando para Alana ou para qualquer coisa que não fosse o caminho em si. Raul, mesmo pequeno e mais novo que eu, era quem me guiava. Nem sempre contente em me salvar de ser atropelada ou pisar em alguma merda, mas sempre ali, uma mão pequena no meu braço, me puxando para o caminho certo.

Ele costumava dizer que não entendia por que as pessoas saíam correndo quando começava a chover, que tudo aquilo só servia para que se molhassem ainda mais. Então a gente não corria. Tagarelávamos por entre as gotas pesadas, nem sempre nos dias mais quentes, até que nossos dedos enrugassem. A gente andava de um lado e Alana por ali, representando qualquer outra coisa, sendo qualquer outra pessoa. Nunca molhando o cabelo se a história dela não permitisse. Era quando eu lembrava, assim, quando chovia no meu mundo e no dela fazia sol, é que eu lembrava que ela não era real.

Agora é dia de sol aqui e aí, Alana, seja lá onde você estiver, como está?

Na verdade, era dia quando eu saí, deixando uma casa ainda mais bagunçada para trás do que antes de tentar arrumá-la, mas agora já está escurecendo e eu começo a me arrepender de ter vindo até aqui. Eu nunca consegui deixar nada para trás e deu, fim de papo. Apagar os últimos segundos e ignorar para o resto da vida. Sei que têm pessoas que são capazes, que apagam outras pessoas das próprias vidas e simplesmente bloqueiam qualquer sentimento. Eu preciso, sempre, ir até o fim, apertar até a última gota se vejo que ali ainda há uma esperança.

O meu problema é que eu sempre enxerguei esperança onde não tinha. Eu sempre acreditei que se você quisesse muito alguma coisa, ela aconteceria. Ela seria sua. Bastava acreditar. Eu também nunca deixei que desligassem o telefone na minha cara e que a última palavra não fosse minha. Sempre vi necessidade de dissecar sobre cada frase, sobre cada suspiro entre as palavras e por que tudo deu tão errado. Eu sempre procurei o núcleo do erro como se pudesse mudá-lo para certo quando o encontrasse. Nenhum homem nunca me

aguentou, mas eu também nunca perdi muito tempo com nenhum deles. Sempre existiu tanta coisa para fazer... Tanta coisa para escrever.

E aquela ligação mais cedo tinha despertado em mim alguma coisa que entre a raiva e o vazio e não poderia viver *entre* quando eu queria tanto descobrir qualquer coisa sobre mim. Precisava ocupar minha cabeça até Alana voltar. Eu precisava...

Tentar organizar a minha merda pela cidade.

Eu tinha vindo àquela rua pouquíssimas vezes durante a minha vida e estar escuro tão cedo me dava a sensação de estar exposta, aberta a qualquer coisa fosse. Como se até o vento tivesse o poder de me machucar se soprasse com um pouquinho mais de força.

A casa é no final da rua e eu e Raul sempre brincávamos como aquela rua parecia infinita quando não queríamos estar ali. Um caminho longo demais para se percorrer e chegar onde não quer permanecer.

Toco a campainha com mais força do que deveria, esquecendo o dedo no botão. De fora, não se consegue ouvir nada do que se passa lá dentro, quase como eu e Alana. O mundo dela contra o meu, o meu contra o dela, quando tudo que eu quero é viver no dela ou que ela volte a viver no meu.

Ele aparece esbaforido pela porta da frente e então me dou conta que ainda estou apertando a campainha. Puxo meu braço com muita força e bato com ele no metal do portão. Venho tão anestesiada que nada dói.

— Luisa — ele diz como aquele “alô” ao telefone. A voz quase desconhecida, a voz que deveria ser uma das minhas preferidas do mundo inteiro desde que eu nasci — Luisa, o que está fazendo aqui?

Olho meu pai através das grades do portão que ele ainda não abriu para mim. Não faz tanto tempo que não o vejo, mas é sempre uma surpresa ver o quanto ele envelheceu desde que foi embora de casa, porque passei toda a infância e adolescência imaginando que ele congelaria ali, logo que Raul nasceu e ele sumiu. Ele envelhecer demonstra, joga na minha cara, que ele teve uma vida sem a gente.

— Tu lembra quando Raul fugiu de casa e veio para cá? — pergunto e vejo suas sobrancelhas tão iguais às minhas se juntarem em confusão. Claro que ele não lembra. O tapa nunca dói na mão que bate. Não que ele já tivesse batido em um algum de nós; não foi pai nem para isso — Hein, tu lembra?

Ele olha para os lados, a rua deserta, se remexe, e escuto a chave balançar em seu bolso. Ele realmente não pensa em me deixar entrar.

— Luisa — ele chama meu nome de novo, como se não fosse a versão feminina do dele, como se ele não conhecesse e tivesse que fazer esforço para lembrar — Tu está precisando de alguma coisa? Posso ajudar...?

Bufo como uma adolescente e controlo a vontade de bater os pés na calçada. Ainda estou do lado de fora. Que pai é esse que deixa a filha do lado de fora? Por que ele sempre nos deixou de fora? Por que ele sempre nos expulsou quando tentávamos entrar? Até que desistimos de entrar, até que desistimos de quem havia desistido da gente.

— Ele tinha dez anos e veio sozinho para cá, atravessou a cidade toda, a pé — eu falo. Não sei por que quero que ele lembre, mas ele precisa lembrar.

Ele precisa saber o que fez. Sinto que, pela primeira vez na vida, eu o culpo por tudo. Pela minha vida, pela de Raul, pela vida de minha mãe. E pelo sumiço de Alana.

Eu o culpo por não conseguir escrever porque ele nunca acreditou que eu poderia. Tanto fazia para ele. Meu pai é a prova viva de que se eu parar agora de escrever, ninguém vai notar. Podem me mandar algumas mensagens, alguns leitores mais fiéis, mas logo serei esquecida. Ele é a encarnação de todos os meus medos de contadora de histórias. O rosto dele é o vilão que sempre tentou matar Alana, que batalhou com Sebastian e apanhou de Gabriel.

Talvez ele tenha finalmente ganhado e por isso meus amigos sumiram. Sou pequena de novo e só quero um colo quente e uma mão desenredando meus cabelos. Não quero ser a adulta que cuida do irmão, que tem prazo para entregar cem mil palavras, opinar sobre capas de livros que são todas feias, coloridas ou sombrias demais, que precisa caber num vestido e prender uma caneta brilhante entre os dedos para assinar a folha de rosto com mensagens irônicas para que todos me batam no ombro, “boa menina, boa menina”.

— O que está acontecendo, filha?

É o “filha” que me puxa de volta. Que me traz uma raiva conformada e acaba deixando meu coração tranquilo. Não temos o que fazer aqui, Raul. Não temos o que fazer aqui, Alana.

Eu viro as costas e é quando ele finalmente abre o portão, se atrapalhando com as chaves como eu faço toda vez no meu próprio portão. Não muito mais alto que eu, me puxa pelo braço e tenta me abraçar, mas é um gesto que nosso corpo não reconhece, que será sempre estranho, como a voz dele.

— Eu sinto muito — ele diz como se espera que o pai da mocinha diga nos filmes e nos livros de romance. Mas eu sempre fui da fantasia e, na fantasia, eu viraria um lobisomem agora e o atacaria, eu me transformaria em uma bruxa poderosa e o amaldiçoaria, eu o encolheria como ele sempre me encolheu e o colocaria num pote de vidro onde teria que viver para sempre, sem poder ser ouvido, e jogaria o pote em um rio que o levaria para longe, como ele sempre quis estar.

Mas sem Alana e os outros, eu não tenho poder nenhum aqui. Eu sou apenas a mocinha perdida, crise dos vinte e cinco, tentando resolver as coisas com um pai ausente. A partida deles me fez uma pessoa comum.

Não era isso que eu sempre quis?

Aquele abraço me joga ao que eu tentei fazê-lo lembrar, da fuga de Raul, do desespero durante um dia inteiro, eu e minha mãe pelo bairro, nos perguntando como isso poderia ter acontecido.

Ligar para o meu pai foi a última coisa que passou pela nossa cabeça porque ele simplesmente não existia na nossa realidade, não era algo em que pensássemos ou que considerássemos para qualquer coisa. Uma vez ou outra, lembrávamos de sua existência... Um aniversário ou data comemorativa qualquer. Fora isso, nada. Não esperávamos que Raul tivesse fugido para a casa dele. Não fazia o menor sentido.

Não sabíamos, nem imaginávamos, que Raul sentisse certa necessidade por essa figura paterna em sua vida — coisa que até me ressentia um pouco, pois, quem deveria sentir falta do pai era eu, que havia convivido com ele. Como Raul podia sentir falta de algo que nunca teve? Que necessidade era essa de preencher um buraco que sempre esteve vazio?

Lembro de Sebastian e Gabriel correndo pela rua ao meu lado, fugiam ou buscavam por algo, eu não conseguia parar para prestar devida atenção. Alana tinha a pele escura quando apareceu, um tom amadeirado que me remetia à índias poderosas, conhecedoras de todas as lendas, mas não a mãe de um homem poderoso. Ela era a poderosa ali, eu via isso em seus olhos amarelos e na boca arregaçada, prestes a atacar...

— Luisa, estamos quase chegando — avisara minha mãe, a mão no meu braço como Raul também fazia, me trazendo para o mundo real.

Às vezes, Alana, você me fazia me sentir cega, nublando todo meu mundo para que eu fosse obrigada a apenas te enxergar. A ti e a mais ninguém.

Porém, naquele dia, meu peito doendo de preocupação, não sabendo por onde Raul poderia ter andado, se estava com fome, frio, sede... Se estivesse machucado, se estivesse vivo... Eu espantei a imagem dos três como a uma mosca na hora de comer e segui com a minha mãe. Meus tênis sujando com as poças de água da rua infinita do meu pai.

Talvez tenha sido uma das poucas vezes que te ignorei, Alana. Mas tudo que eu pensava naquele dia era “eu só quero meu irmão de volta. Eu não sei ser eu sem ele. Não quero viver num mundo em que ele não exista”.

Então eu e minha mãe batemos naquele mesmo maldito portão e foi Raul quem apareceu na porta da frente, sorrindo como quem pede desculpas por ser tão lindo e por estar vivo. E eu lembro que o abracei com tanta raiva, com tanto alívio, que eu chorava enquanto ele ria, me mandando, como de costume, deixar de drama, que estava tudo bem.

Era esse abraço que eu vim buscar na casa do meu pai hoje, esse mesmo alívio, esse mesmo me reconhecer ali, me sentir viva em algum lugar do mundo, pertencente. Existia, obviamente, uma esperança de que Alana aparecesse também, para me matar de raiva como Raul naquele dia, sorrindo, sabendo que já está perdoada desde que nasceu, que o importante é apenas a sua existência na minha.

Me solto do abraço inútil daquele estranho que só serviu para me dar sobancelhas bonitas, um senso de humor impertinente e nenhum senso de direção.

— Está tarde — eu digo e me despeço com um aceno de cabeça que nunca fiz antes.

— É, está — ele responde, mas nós dois sabemos que não é sobre o horário que estamos falando.

E até quando, Alana, você vai me deixar de fora? Porque eu estou cansada de ficar trancada aqui onde me colocaram sem minha permissão. Apenas me jogaram aqui nessa realidade na qual eu não quero viver porque é aqui que eu estou exposta, Alana. É aqui que a nudez da escrita me incomoda. A exposição que é uma página em branco e quem me dera poder chegar em casa e escrever palavras e palavras que virariam frases, que virariam parágrafos então um romance inteiro, mas eu não posso escrever sozinha, Alana, não posso porque sinto que cada palavra escrita seja uma peça de roupa que eu dispo até ficar nua e eu não gosto de nudez, ninguém gosta. Fui ensinada que a nudez excessiva afasta aos homens, que acaba com todo o mistério. Graças a Deus. Fui instruída sobre a quantidade certa de pele que eu podia mostrar e a quantidade exata de roupa que deveria usar para não andar por aí

como uma feira. Assim como me ensinaram quantas palavras eu podia falar e quais eram as palavras proibidas.

Só que agora eu não tenho mais palavra nenhuma.

Alana não se importava com a minha nudez e eu não me importava de me ver sem nada na sua frente. Nem de Alana, Sebastian ou Gabriel. Eu me despia de tudo e qualquer coisa por eles e nunca houve julgamento ou vergonha. Eles me conhecem melhor que eu, assim como eu os conheço, mesmo aparecendo nas mais diversas formas e criaturas. Eu sempre os reconheço como um pai deve reconhecer a um filho. Ou assim deveria ser.

A maior intimidade sempre foi eu ser a única a ouvir suas palavras para transcrevê-las do melhor jeito que eu conseguisse. A nudez aqui nunca me incomodou. E eu sinto falta de me sentir despida e segura diante deles. Perdida e salva.

Eu vim buscar salvamento e encontro, mais uma vez, solidão.

Não me faça caminhar mais, Alana, eu não sei quanto mais eu posso aguentar.



LUIZA GONÇALVES

AS MULHERES DA FAMÍLIA
DE ALANA SÃO
AMALDIÇADAS

ALANA

E A MISSÃO QUE VEIO DAS ÁGUAS

Para Raul,
Que não veio das águas, mas é minha missão.

I

Quanto mais tempo você gastasse olhando, menos você entenderia do que aquilo se tratava ou com o que se parecia, e, ainda assim, Alana não conseguia desviar os olhos daquela forma na água.

O problema era que as mulheres da família de Alana eram amaldiçoadas. Ninguém entendia por que ou como aquilo tinha começado, mas todas elas, sem exceção de nenhuma, acabavam sendo atraídas para o rio da cidade e apareciam grávidas logo depois. Nem adiantava sair da cidade, em algum momento aquilo aconteceria. Pelo menos, depois do seu aniversário de dezessete anos.

Alana conhecia a história desde pequena, mas nunca havia levado muito a sério. Era fantasiosa demais, até para a sua família excêntrica. Pensava que era bem mais fácil cada uma de suas antepassadas simplesmente ter admitido que havia transado sem proteção e que o cara havia dado no pé do que contar uma história dessas. Mesmo assim, ela era proibida de chegar perto do rio à noite.

Seu aniversário de dezessete anos havia sido na semana anterior, mas Alana sempre pensou que ela seria imune; seria a primeira mulher da família que correria para bem longe do rio assim que ele brilhasse contra a luz da lua. Entretanto, ali estava ela, sem conseguir se mexer, com os pés muito saudáveis, mas que agora não pareciam capazes de fazê-la andar ou sustentar o peso de seu corpo. Os joelhos indicavam cedência, mas ela não queria cair. Não tão cedo.

Se fosse passar por aquilo, passaria de olhos bem abertos.

Sabia que aquela festa na beira do rio era a pior ideia que a sua turma já tinha inventado, e eles eram donos um bom repertório de ideias ruins, contando com incendiar o carro de uma professora no ano anterior ou, como no oitavo ano, quando mentiram que um dos colegas havia morrido só porque ele não tinha ido à aula aquele dia. A mentira havia ido tão longe que a escola decretara três dias de luto e algumas meninas acenderam velas e caminharam pelo pátio da escola, olhos vermelhos de tanto chorar. Nenhum adulto havia se lembrado de ligar para a família do tal colega e checar a informação até que fosse muito tarde e os planos para o velório já estivessem sendo organizados.

Mas aquele era o último ano deles juntos. Em poucos meses, cada um iria para o resto de suas vidas e a maioria nem ficaria na cidade. Ela era uma das poucas que ficaria, alegava a

todos que precisava de um ano de descanso antes de se jogar em alguma faculdade qualquer, mas a verdade é que Alana não fazia ideia do que queria para a sua vida. Ela não se sentia preparada para ir embora e nem era boa em alguma coisa ou gostava tanto de algo para que passasse os próximos anos estudando sobre isso. Sempre tinha sido boa apenas em fazer seus colegas rirem e em causar problemas para a mãe, mas não era como se existisse algum curso para isso.

Desde que o último ano do ensino médio começara, vinha se sentindo deslocada ao ouvir todos os planos e sonhos de seus colegas, mas sabia que a culpa era apenas dela. Nunca foi uma menina mais sonhadora nem cheia de objetivos; vivia cada dia de uma vez, uma confusão por dia e era isso. Sua mãe e avó não lhe cobravam nada, e talvez isso tenha sido pior. Se fosse de uma família mais conservadora e linha dura, talvez agora ela já estivesse a caminho de uma faculdade de Direito no outro lado do país apenas porque a família queria. Mas nem isso tinha. E também não podia negar que o mais fazia aquela dorzinha no peito apertar era porque ela e Gabriel iriam se separar.

Não como se tivessem *algo* mais que uma amizade que durava a vida inteira deles, mas seria a primeira vez desde os quatro anos de idade que não estariam em casas uma ao lado da outra.

E se não tivesse sido aquele maldito quase-beijo há algumas semanas, ela estaria pronta para lidar com aquilo tudo com mais dignidade. Mas não, agora tudo estava confuso e só de pensar em não conseguir vê-lo todos os dias ou simplesmente saber que ele não estaria mais ao alcance de alguns passos já a deixava nervosa.

Precisava admitir que queria que o quase-beijo tivesse sido um beijo de verdade e que não conseguia pensar em mais nada desde aquela noite. Agora gaguejava quando Gabriel estava por perto e simplesmente parecia incapaz de desviar os olhos da boca do cara que tinha visto a vida inteira, inclusive na fase da troca dos dentes de leite para os permanentes.

Ele também andava esquisito, sempre se sentando mais próximo do que havia sentado antes, fazendo com que um lado de seu corpo estivesse completamente em contato com o dela, ou arrumando desculpas para tocá-la, como quando colocava alguma mecha do cabelo de Alana atrás da orelha ou limpando com o dedo algumas manchas de comida perto de sua boca.

Depois de treze anos de uma amizade pura e genuína, *algo* estava acontecendo e exatamente por esse *algo* que ela tinha concordado em vir para aquela maldita festa da

fogueira mesmo sendo à noite e tão próximo do rio. Ela sabia que alguma coisa mudaria aquela noite. Nem ela nem Gabriel havia falado nada, mas seus olhos se encontraram quando os colegas perguntaram se eles iriam à festa, e, quando ele assentiu e esperou pela resposta dela, haviam feito um acordo. Aquela noite era a última noite da amizade deles, e ela estava louca para saber o que viria depois.

Para provar que aquela noite seria diferente, foram separados para a festa. Ela havia saído à tarde para comprar um vestido, pois Gabriel conhecia todas as suas roupas e Alana se pegou querendo ficar bonita para ele. Quando chegou à festa antes dele, temeu que ele não fosse por quase uma hora. Não prestou atenção em nada que suas amigas diziam e, mais de uma vez, alguém comentou que ela estava estranha ou que havia algo de diferente nela. Era como se sentia. Então Gabriel apareceu e ela não pode deixar de sorrir, pois ele também estava com uma roupa que ela nunca tinha visto. Ele sorriu de volta e Alana tinha certeza absoluta de que ele nunca tinha sido tão bonito e que, ai, meu deus, era apaixonada por seu melhor amigo desde sempre.

Foi quando decidiu sair do meio das pessoas e ir para perto da água, porque sabia que logo Gabriel a seguiria e os dois já haviam perdido tempo demais. Ignorou completamente a voz da mãe que a mandava ficar bem longe da água.

Mas então estava sozinha ali e aquela forma na água, fazendo seus joelhos cederem até que agora estavam fincados na terra, machucando a pele e fazendo com que se arrependesse por estar de vestido como uma garota tola de filme encantado.

Sentia-se tonta, mas ainda não havia bebido nada e tudo ao redor pareceu sumir: as risadas dos seus amigos ao fundo, alguns animais entre as árvores, as estrelas no céu, e ansiedade de ver Gabriel e beijá-lo antes que a noite acabasse. Tudo que via era aquela forma emergir da água do rio como se puxasse a força dela para se erguer.

“Isso não pode estar acontecendo, não, não”, era tudo que pensava. Não passaria o ano seguinte carregando um bebê na barriga porque tinha sido estúpida o suficiente para chegar perto da água em uma noite idiota por não ter acreditado o suficiente no que as mulheres de sua família diziam.

Porém o que saiu da água a fez mandar qualquer pensamento para longe. Aquele era o cara mais lindo que ela já tinha visto e isso devia ser porque sabia que ele não era humano. Não tinha como ser. A pele escura brilhava como a água do rio, como se ele se camuflasse apenas para causar uma impressão ainda mais marcante. Os olhos eram de tempestade. Alana

não sabia muito bem o que isso significava, mas era o que conseguia pensar olhando para o rosto dele. Era forte e maior que qualquer garoto de sua idade.

Ah, bem, agora não culparia tanto sua mãe e avó e bisavó e todas as avós antes delas.

Merda.

Seu palavrão foi dito em voz alta e ela não tinha percebido. Assustou-se com a própria voz e aquilo foi o que a fez sair do transe. Conseguiu levantar-se e até limpar os joelhos. Não queria mais olhar o cara saindo da água. Queria ir embora dali.

Estava virando as costas para procurar por Gabriel e contar a todos como se tinha conseguido se livrar do cara das águas quando o ouviu chamar seu nome.

Não “hei, garota” ou “você aí”, mas “Alana”.

Antes de se virar ou falar outro palavrão em voz alta, ela respirou fundo e tentou se recompor. Não tinha sido ela que passara a vida toda dizendo que não cairia naquele feitiço? Que a maldição era apenas loucura das mulheres da sua família?

E daí que o cara tinha aparecido do nada? E daí que ele sabia seu nome? Estava tudo escuro, podia ser alguém que ela conhecia, só não estava enxergando direito, alguém nadando meia-noite, tudo normal.

— O que é você quer? — não existia muito bem uma regra de etiqueta a seguir sobre o que falar quando um cara surgido das águas, aparentemente o que seduzia todas as mulheres de sua família, aparecia, mas ela sabia que não estava sendo muito educada.

Como se aprovasse a rebeldia dela, ele sorriu e ela sentiu que caía de novo por causa daquele sorriso. “Era só o que me faltava”, pensou, “Cair por causa do sorriso desse cara e me tornar a mocinha idiota de um filme de vampiro”. Então aguentou firme. Não deixaria a maldição chegar nela. Seria mais forte.

— Alana — o homem repetiu. Estava mais próximo agora e ela percebeu que não dava para pensar nele como “homem” quando ele parecia ter a mesma idade que ela — Eu estava esperando por você.

É claro que estava, o perverso.

— E eu posso saber por quê?

— Seu pai precisa de sua ajuda — ele respondeu. Certo, aquilo não era *nada* do que ela estava esperando. Não fazia sentido nenhum. Que pai? E por que raios ela iria querer ajudar alguém que em dezessete anos nunca havia aparecido?

— Eu não faço ideia do que você está falando — Alana disse e tentou virar-se para ir embora. Precisava sair dali de uma vez. Não queria ouvir nada daquilo — E, de qualquer forma, não estou interessada.

— Tenho certeza de que a segurança da sua família é algo que te cause interesse.

Alana parou. Não podia acreditar que aquele cara estava ameaçando sua família. Conteve a vontade de se jogar nele e arrancar seus olhos bonitos.

Viu que ele sorria, vitorioso. Não respondeu, apenas esperou.

— Vou ser breve porque estamos ficando sem tempo — ele já havia saído da água. Era alto, usava roupas antiquadas e andava como se não soubesse como humanos se movimentavam — Há muitos e muitos anos, um acordo foi feito para que nosso povo continuasse a existir. Precisávamos de filhos humanos. Uma família composta praticamente apenas por mulheres foi escolhida e a partir daí, talvez você conheça a história.

Alana balançou a cabeça.

— Tudo que sei é que vocês engravidam as mulheres da minha família.

— É um bom resumo, mas é bem mais que isso — ele teve a audácia de sorrir e ela ainda se segurava para não pular e arrancar os olhos dele — Não sei se você me ouviu, mas precisamos disso para nosso povo continuar a existir.

— Isso não faz sentido.

— Não no mundo de vocês, mas no nosso sim. Antes de uma mulher da família de vocês completar dezessete anos, há uma cerimônia em que um homem do novo povo é escolhido para exercer o papel. Seu pai sumiu nesse dia, no dia vinte e três de outubro do calendário humano.

Tinha sido exatamente no aniversário de Alana. Aquilo significava alguma coisa? Era isso mesmo que ouvia? Que, há uma semana, um bando de criaturas estava escolhendo alguém para... transar com ela? Estremeceu em repulsa.

— Mas o que ele sumir afeta o plano nojento de vocês?

— Seu pai é nosso líder.

— E por que eu deveria me preocupar com ele sumindo? Ele sumiu da minha vida há dezessete anos...

— Você não entendeu, Alana, se seu pai não aparecer, vão perceber que nossa parte no acordo não foi cumprida e todos vamos sumir.

— Eu não me importo com o povo de vocês! — era mentira. Ela não tinha o coração tão frio assim, mas não entendia como aquilo podia ser problema dela.

— Você e sua família fazem parte do meu povo. Se nós desaparecermos, vocês desaparecem também.

Ah, bem, aquilo mudava as coisas. Ficaram em silêncio por um tempo. Ainda era capaz de ouvir a risada dos amigos ao fundo, mas tudo agora parecia distante demais de sua realidade. Em menos de dez minutos tudo havia mudado e agora sentia como se já não pertencesse mais aquele lugar.

— E havia alguém que não queria que o acordo fosse cumprido? — perguntou ela — Alguém para sumir com meu... com o líder de vocês?

— Sim. Ele mesmo.

— Eu vou soar repetitiva, mas preciso dizer que isso não faz sentido.

— Nosso líder me encontrou na noite anterior ao anúncio do Escolhido. Me contou sobre a sua mãe, Alana, sobre terem se apaixonado, sobre o desejo dele de largar tudo e viver no mundo humano com vocês. Ele não queria que isso acontecesse com você nem com o Escolhido. Ele disse que preferia acabar com tudo de uma vez.

A história balançou Alana mais do que ela gostaria e aqueceu partes escuras de seu coração que há anos não lembrava da existência. Saber que sua mãe havia sido amada aliviada tudo. Que ela também. Que seu pai era diferente e quis lutar por elas.

— Mas como vocês querem encontrar alguém que não quer ser encontrado?

— Nós temos duas opções: a primeira é que você aceite conceber por vontade própria e ninguém nunca saberá que o acordo foi quebrado. Escolhemos um novo Líder e tudo ficará bem.

— Isso está completamente fora de cogitação, menino das águas. Eu não quero um filho. Não de vocês, pelo menos, e não pelos próximos vinte anos.

— Depois que vi você, percebi que seria essa a sua resposta.

— Qual a outra opção?

— Podemos encontrar seu pai e fazer com que ele lute por um novo acordo. Apenas ele é capaz de fazer isso. Deve haver alguma brecha a que podemos nos agarrar. O acordo foi feito há tanto tempo, o mundo era diferente naquela época. — era a única coisa lógica que ele havia falado até então.

— E por que ele não tentou isso antes?

— Ele teve medo.

Ótimo, ela era filha de um covarde.

— Alana não vai a lugar nenhum sozinha.

Tanto Alana quanto o cara se viraram ao ouvir aquilo. Gabriel surgia por entre as árvores, parecendo mais determinado que nunca. Ela o amou ainda mais.

— Isso é impossível, ela... — começou a dizer o cara, mas Gabriel o ignorou, se aproximando de Alana e segurando suas mãos nas dele.

— Quando você me contou essa história sobre a sua família, achei que era a forma como vocês encontraram para lidar com o fato de serem sozinhas, mas eu sempre soube que havia algo de esquisito em você.

Alana sorriu, fingindo estar ofendida.

— Obrigada.

— Ah, merda, Alana, você sabe que eu quis dizer *especial*. Eu não posso deixar você enfrentar nada disso sozinha. Não posso dizer que entendo nem que acredito nisso tudo, mas eu não posso te deixar sozinha, entendeu?

— Mas, Gabriel, você vai embora daqui uns meses...

— A gente lida com isso depois, está bem? — ele se aproximou ainda mais. As testas dos dois se tocavam e não havia mais ninguém no mundo além deles — Eu não posso te deixar sumir, você entende isso, não entende?

Então ela voltou a se virar para o cara que fingia não estar prestando atenção a eles.

— Eu só vou com você se Gabriel for comigo.

— Qualquer coisa, princesa — ele ainda fez uma referência — Vocês vão entrar no meu mundo, então têm que me prometer que farão tudo que eu mandar, entendido? É pela segurança de vocês.

Alana assentiu sem vontade nenhuma. Aquilo parecia estar acontecendo fora de seu corpo. Nada daquilo era real.

Não podia ser.

Mas era.

— Você está dizendo que a gente vai entrar na água? — ela apontou para o rio, de onde ele havia saído.

— A princípio sim.

— Ah, meu Deus — Gabriel ofegou e Alana apertou a mão dele, respirando fundo.

— Está bem. Vamos.

Seguiram o homem até a beira do rio, sentindo a água morna nos pés, depois nas pernas. Tudo era silêncio, paz e medo. A mão de Alana na de Gabriel estava em um aperto forte e nada poderia separá-los agora. Lidariam com seus sentimentos confusos quando voltassem ao mundo real.

— E quem é você? — ela perguntou ao homem que ia na frente dos dois, guiando-os para a viagem mais perigosa de suas vidas.

— Meu nome é Sebastian — ele respondeu e, sem olhá-la, completou: — Aquele que foi escolhido para ser seu par.

NOVE

Fui me dar conta do que planejava já na rodoviária, comprando uma passagem para o litoral e, mais uma vez, me recriminando por não ter coragem o suficiente para dirigir, o que poderia facilitar minha vida. Se eu soubesse dirigir, àquela hora, estaria alugando um carro para, aos berros, atravessar cantando os nem 200km que me separam do litoral como em um filme americano. Para falar a verdade, eu nunca fizera questão de aprender por causa de Alana e cia.; morria de medo que aparecessem em algum momento e eu acabasse matando alguém por não estar prestando a devida atenção, concentrada demais na cena que desenrolariam a minha frente. Também não sei se passaria no exame psicotécnico. Assim que os avaliadores me percebessem olhando para o nada com a visão turva de quem está muito longe dali, me mandariam de volta para casa, de ônibus. Raul também nunca me deixara aprender, dizia que eu me mataria assim que tentasse. “Tu não nasceu com coordenação motora o suficiente”. Nunca nem tentei me defender, mas também não imaginei que teria que fazer aquela viagem sozinha.

Saindo da rua do nosso pai, percebi que eu simplesmente não podia voltar para minha casa. Meu corpo jamais se locomoveria para lá, havia algo em mim me bloqueando, me impedindo, e eu sabia que era a casa vazia, que era o silêncio sanguessuga e as páginas em branco.

Infelizmente, ao chegar na rodoviária, fui informada que o próximo ônibus para a cidadezinha no litoral em que eu e Raul passávamos as férias de verão, depois da fuga dele para a casa do nosso pai, era apenas às cinco horas da manhã, e não era nem onze da noite quando cheguei ali. Comprei a passagem mesmo assim. Passaria a noite na rodoviária, tomando café em qualquer lugar que permanecesse aberto e que não me mandassem embora.

Passo por uma banca já fechada e, surpresa, encontro a capa do meu último livro brilhando na vitrine. Uma modelo de longos cabelos ao vento, maquiada e usando muito couro me encara. “Alana e a hora mais escura”. O fundo preto da capa e o título em fogo foram bem elogiados na época. Gostaram de ver Sebastian como protagonista, mas alguns reclamaram do tom adolescente. Eu precisava de dinheiro e os vampiros estavam em toda a parte, que acabei pegando um rascunho esquecido de quando era muito novinha. Deu certo.

Agora eu não passo de nome em branco numa capa preta de um livro esquecido em uma banca na rodoviária. R\$9,90 indica o adesivo vermelho.

Procuro a lanchonete que sempre achei mais limpinha e peço um café e uma torrada, só para conseguir enrolar mais tempo. Mais por costume do que por inspiração, pego o bloquinho que sempre carrego comigo. A página vazia me encara e eu a encaro de volta. Quase digo em voz alta “vamos lá, Luisa, tu fez isso a vida toda, tu consegue”, mas a verdade é que eu não quero.

Não quero escrever nada inventado. Não quero forçar minhas palavras vazias no papel. Quero é Alana. Gabriel. Sebastian. Raul me ouvindo depois.

O problema é que eu já escrevi uma vez, e eu lembro da sensação. O clichê do drogado em abstinência: eu lembro de como era segurar uma caneta entre os dedos e fazer anotações aleatórias em papéis aleatórios. Lembro do poder, da euforia. Da risada louca que saía da minha garganta e meus olhos vidrados. Porém já faz tanto tempo que não lembro se foram rabiscos em uma folha qualquer ou palavras digitadas contra uma tela brilhante. Não sei por onde comecei e se deu certo. Não lembro que eu considerava “certo”. Não sei por que não escrevo, o que me prende aqui no mundo do real quando o do fantástico, do mágico, do outro lado, sempre me pareceu um lugar melhor para viver. Lugar cujo controle um dia foi meu. A realidade não fazer sentido era o que me fazia escrever... Mas faz tanto tempo.

Eu sempre pensei que a fantasia fosse o lado mais fácil da minha vida – estava ali, simplesmente desde sempre. Eu nunca precisei de esforço nenhum para encontrá-la, cresci em meio a monstros e espadas, à profecias e magos e agora me vejo presa no mundo real e tudo perdeu o dourado da magia e o verde da folha molhada. Não há cor nenhuma aqui. É tudo em várias nuances de cinza e do cinza vira preto como um luto que eu não quero viver e eu já não consigo mais contar histórias fantásticas porque não existe mais fantasia nenhuma no meu mundo.

A moça da lanchonete me traz meu café e eu queimo a mão ao tocar na xícara. Ela ri, me perguntando se meu ônibus ainda vai demorar. Digo que vou ter que ficar ali a noite toda e ela faz aquela expressão que venho recebendo há alguns meses: a cabeça levemente abaixada para o lado e os olhos em piedade:

— Que pena. E vai ficar aqui sozinha?

— Sim.

Esse “sim” foi a palavra mais difícil que eu já tive que falar, Alana, eu, a dona das palavras a vida toda. Eu que criei palavras, eu que inventei realidades, eu que sempre soube exatamente onde estava indo porque sempre tinha algo que me guiasse. O primeiro passo de

qualquer viciado é admitir o vício? Então eu admito, admito que dói, que queima e que eu odeio estar sozinha quando vocês podiam estar pulando entre as mesas engorduradas desse café, quando vocês podiam estar simplesmente discutindo ao meu lado ou fazendo alguém sangrar.

Quem sangra sou eu.

Meu telefone toca na bolsa e eu sou jogada de volta à realidade. Minha mãe me manda uma mensagem dizendo que meu pai a falou que eu estive por lá. Ótimo, nunca se falaram quando estávamos crescendo, mas agora podiam? Agora que já era tarde demais?

“Está tudo bem”, respondo, “Essa semana eu passo aí”. Ela me responde na mesma hora, perguntando se estou escrevendo. Rio para o telefone como a garçonete rira de mim. Nunca interessou a ela se eu estava escrevendo. Nunca. Tudo que ela fazia era comparecer aos eventos, tirar uma foto ao meu lado e dizer que se sentia orgulhosa. O mesmo texto de sempre.

“Super”, respondo de maneira ridícula, como toda aquela situação e desligo o celular.

Tomo mais dois cafés enquanto a folha em branco ainda grita na minha frente.

Queria eu que os gritos fossem teus, Alana, porque não sei te dizer onde é que eu termino e você começa, nem sei há algo em mim além do meu escrever, porque não pode ser só eu, Alana — eu não posso ser só eu.

DEZ

Antes das oito da manhã ali estava eu, com os pés na areia molhada. O inverno congelava meus dedos, mas eu não me importava, não depois de ter andado oito compridas quadras até chegar à praia. Ao contrário de Alana, mesmo enquanto amazona, eu estava sempre com os pés machucados por nunca saber usar o sapato apropriado para os lugares aos quais ir. Ela não, sempre pronta para chutar vilões ou correr para longe deles sem derramar uma gota de suor ou ter bolhas nos pés.

Ao sair de casa no dia anterior e sem planos de ir à praia, não levava comigo nada além da roupa do corpo. Estiquei meu próprio casaco na areia para sentar e observar o mar que nunca antes estivera tão marrom. Era uma cena deprimente: uma mulher sozinha sentada na areia da praia em pleno julho, quase roxa de frio, com a bunda no próprio casaco e as botas de salto ao lado do corpo.

Eu e Raul passamos a maior parte da nossa adolescência encarando aquele mesmo mar: a mãe nos mandava para ali no primeiro dia de férias e só voltávamos para Porto Alegre um dia antes das aulas começarem. Nossa tia gostava da companhia e sempre fomos “bonzinhos”, mas a verdade é que ela dormia cedo e sempre cuidávamos para chegar antes que ela acordasse. Ela não estranhava o nosso sono “porque adolescente dorme muito, não é mesmo?”.

Foi quando começamos a beber. Caipirinhas, vinho com refrigerante ou qualquer fruta com leite condensado e cachaça. Passávamos as noites no centro da cidade, com amigos de verão com quem não falávamos durante o ano todo, mas que, naqueles três meses, eram nossos melhores amigos. Mesmo com a diferença de idade, eu e Raul sempre ficávamos no mesmo grupo, curtíamos shows e comíamos crepes, era nossa época do ano preferida porque parecia uma realidade alternativa. Ali, as pessoas não reparavam que eu ficava distraída, olhando para o nada, e Raul não precisava mentir por mim. Ninguém ligava. Éramos livres, e Alana vivia solta, mais rápida que minha caneta conseguia acompanhar.

Sorriso para o mar me lembrando de cada mistura alcoólica que não deveríamos ter feito e cada amor de verão que parecia que duraria a vida inteira. Raul sempre foi mais discreto que eu nesse quesito e acabou ficando com a mesma menina vários verões seguidos. Eu não tinha muito tempo para perder com relacionamentos mais sérios, porque Alana

sempre estava fazendo alguma coisa importante, e logo que me via presa em algum, corria para o próximo.

Exceto por um verão.

Lembrar dele me faz voltar a sentir frio e uma leve garoa começa a ensopar minha blusa de lã. Eu realmente tinha escolhido o pior dia para ir à praia. Eu tinha acabado de fazer dezessete anos e era a primeira vez que eu passava a noite sozinha na rua. Raul tinha sido incumbido de ficar em casa e vigiar se nossa tia acordasse e perguntasse por mim. No verão seguinte, eu faria o mesmo por ele.

Eu vinha saindo com esse cara há quase um mês e finalmente ele me convencera a ir à praia de madrugada sozinha com ele. Eu me sentia apaixonada demais para saber que podia dar tudo errado. Ele causava em mim quase a mesma coisa que eu sentia ao ver Sebastian ou Gabriel, ou até mesmo Alana. Uma queimadura no peito que descia até o ventre e se espalhava pelo corpo todo. No início, eu acreditava que estava doente, alguma gripe ou virose. Não podia sentir aquela febre e aflição o tempo todo. Não podia ser normal. Meu corpo doía até ele me mandar alguma mensagem, perguntando se nos veríamos mais tarde. Eu mal conseguia comer e minha tia chegou a cogitar minha volta à capital, porque eu andava “estranha”. Lembro de Raul debochando que somente naquele momento nossa tia realmente tinha me visto.

Eu nem conseguia te ver direito, Alana, porque era apenas uma dor esquisita o tempo todo. Eu não me sentia eu mesma e, por não te aproveitar, vinha a culpa também. Meu caderno ficara quase vazio aquele verão e meus olhos vidrados no espelho me diziam que talvez você sumisse e nunca mais aparecesse. Que eu não te merecia mais.

Foi isso que aconteceu agora? Eu deixei de merecer vocês?

Eu caí para tão longe da margem?

Olho para o lado, em meio à garoa e areia molhada grudando em todo meu cabelo já muito sujo, e espero ver Sebastian ali, encarando o mar, encantado com o que apenas ele era capaz de ver, como o assisti fazer naquela noite. Um pescador esperando o mar amá-lo tanto quanto ele o amava. Foi aquela noite que percebi que sempre fui mais parecida com Sebastian do que contigo, Alana. Sebastian me apareceu toda vez o menino inocente, carente de amor e só desejando viver na tua fantasia, Alana. Ele te seguia por aí em todas as histórias, como um inseto na tua luz, e você o queimou em cada uma delas.

Vejo algo brilhar no mar marrom e desejo que seja você e teu canto de sereia para me levar para longe, como naquela noite, quando voltei para casa ao amanhecer e bati na porta do quarto de Raul. Eu nunca havia chorado tanto e a areia tinha arranhado toda a minha pele já sensível pelo sol de verão. Ele já era maior que eu e me abraçou, me colocou deitada com ele e ficou falando sem parar que tudo ficaria bem, que tudo ficaria bem, que tudo ficaria bem...Exatamente como eu fizera toda noite de pesadelo dele, sem me importar de acordar com a cama molhada e ranho no travesseiro.

Eu não sabia precisar de consolo até ser consolada por Raul, e sua voz, naquela época, engrossando e afinando na mesma frase, dizendo que tudo ficaria bem.

— Vai — ele disse, quando eu finalmente me acalmara — Me conta uma história.

— Eu não quero — respondi pela primeira vez e a culpa me fez voltar a chorar. Eu me sentia traindo vocês, Alana, por não os querer. Por não deixar espaço para vocês aquela noite.

— Vai, me conta — ele insistiu — O que Alana faria se fosse tu?

— Ela mataria todos os homens da terra com as próprias mãos.

— Até mesmo eu?

— Daqui a alguns anos, tu também merecerá a morte.

— Então me conta essa história.

E eu contei, porque eu precisava de vocês também, Alana. Do colo quente e mágico e de toda a luz que era vocês em volta de mim.

Talvez se, naquela época, eu já conseguisse admitir que há em Alana tudo que eu gostaria de ser, fosse mais fácil deixá-la para trás. Ela é uma guerreira. Uma bruxa. Enfrenta dragões e mata bandidos. Tudo que eu tenho é medo.

É o medo que me fez vir para tão longe de casa, passar a noite na rua, com frio e café ruim. É o medo de que eu nunca mais encontre um motivo para escrever que me prende aqui do lado de fora. Eu nem precisava ter viajado para descobrir que já não existe mais amor ou paixão no que eu faço por mais que eu ande por todos os lugares onde amor e paixão era tudo que eu tinha. Me pergunto se, caso eu me esforce, e invente histórias sem Alana, Gabriel ou Sebastian, alguém perceberia a mudança. Se daria para notar que aquilo não é natural, que não é minha voz, que é automático e sem cor alguma. Que é como o mar poluído em um dia chuvoso de julho.

Ah, Alana, eu preciso de vocês de volta porque eu não aguento mais ficar fora de casa. Não aguento mais me sentir transparente ou névoa úmida.

Alana, quando eu te escrevo, é quando sou real. Não te torno real através da minha escrita. Nunca foi assim. Foi você quem sempre me fez real através da tua existência.

Eu te escrevo e me torno real, Alana.

E eu nunca precisei tanto da realidade como agora.



LUI SA GONÇALVES

E NADA NA VIDA DE
SEBASTIAN SERIA A MESMA
COISA

ALANA

E A HORA MAIS ESCURA

Para Raul,
Que eu queria que fosse imortal.

I

Sebastian estava sendo seguido. Não podia dizer isso com certeza, mas *sentia*. Era algo na nuca que picava, um incômodo nas veias que o fazia pular ao menor barulho diferente ou uma voz mais alta. Sentia-se à flor da pele, não tinha expressão melhor para descrever, ainda que nunca tenha entendido direito o que isso significava, mas não havia outra explicação.

O único lugar em que se sentia realmente seguro era em seu quarto, porta e janela trancados. Não queria admitir, mas até tinha resgatado do armário seu cobertor infantil e se escondia embaixo dele também, sabendo que negaria isso até a morte para seus colegas se alguém viesse a descobrir.

Não queria contar para seus pais o que estava acontecendo, pois sabia exatamente como reagiriam: olhariam para ele através de seus copos de água morna, os pratos com alimentos de todas as cores, as unhas da mãe sempre pintadas e as do pai muito aparadas, dariam aquele sorriso condescendente que os adultos dão aos adolescentes e diriam “aaah, Sebastian, querido, é a puberdade. Fazer dezesseis anos é difícil, muitas coisas no seu corpo mudando ao mesmo tempo...”. Rangia os dentes só de pensar. Então não, contar aos pais definitivamente não era uma solução.

Mas sentia medo.

E não um medo de ser um adolescente de dezesseis anos e não entender o que são aqueles pelos todos em todos aqueles lugares e as espinhas, e a pele sempre oleosa, o cabelo sempre sujo e, meu Deus, *aquilo é uma garota?! Era um medo diferente, que gelava seu coração, deixando-se sempre alerta, paranoico era uma expressão melhor.*

Como naquele momento, percebia alguma coisa se mexendo no lado de fora de sua janela, mesmo que não conseguisse ver pelo reflexo do espelho contra à janela. Era a sensação de novo, o pinicar, o incomodar... Não queria ser como aqueles burros dos filmes que se levantam no meio da noite, pegam um taco de beisebol e saem perguntando pela casa “quem está aí?”. Se orgulhava de ser mais esperto que isso.

Um baque na janela o fez tremer, mas não quis gritar. Queria continuar fingindo que estava dormindo. Talvez eles desistissem e fossem embora... Talvez não fosse nada e fossem apenas os hormônios mesmo. Coisa de sua cabeça. A pressão de ter que começar a decidir sobre o que quer ser no futuro, se valia a pena chamar alguma de suas amigas para sair, só

para ver como era... Para não ficar atrás dos outros caras da sua turma... E todas elas falavam que ele era bonito, o mais legal dos caras...

Puxou o cobertor para cima da cabeça e esperou. A respiração quente umedecia seu rosto, não estava frio o suficiente para usar cobertor... Mas sentia-se seguro. Enquanto estivesse ali embaixo, estaria seguro. Eles não podiam entrar, podiam?

Na noite anterior, chegando da aula de reforço em química, foi quando a sensação havia sido mais intensa, a ponto de apertar o passo, puxar a mochila forte contra o corpo e apertar os punhos durante o caminho inteiro. Nunca antes havia sentido tanto medo e eram poucas quadras... Não era como se tivesse que atravessar a cidade, como vários de seus colegas o faziam, pegando várias conduções no caminho. Desde pequeno, gostava de caminhar, nem importava a distância, mas morar perto de tudo, só o ajudava. Mas as quadras não pareciam ter fim. Suor gelado grudava na sua camiseta e o peito queimava com a respiração. Não sabia do que corria, mas precisava... Só sentia que precisava sobreviver.

Chegou em casa e nem parou para cumprimentar seus pais, só precisava estar sozinho, em seu quarto, seguro.

Porém, agora parecia que eles estavam invadindo tudo. Não se sentia mais tão seguro dentro de casa, porque tinha algo *sim* fora da sua janela e não sabia que ficariam ali fora por muito mais tempo... Temeu não mais apenas por ele, mas por seus pais também. Por seu cachorro. Precisava levantar e enfrentar o que quer que fosse aquilo, porque apenas ele sabia que tinha algo de errado acontecendo...

Por que *justo* ele?

Sempre cuidando pelo reflexo do espelho, levantou-se. Por enquanto, não via nada, mas ainda estava ali, conseguia sentir. Foi lembrar-se do cachorro que ele começou a arranhá-la porta, rosnando, implorando para entrar. Sebastian controlou o grito com o primeiro arranhão, mas um pulo foi inevitável e pode vislumbrar através da cortina dois vultos parados do lado de fora.

Voltou-se ao espelho. Fingiria que não tinha visto nada. Fingiria que nada estava acontecendo. “Vão embora, vão embora”, rogava, o coração batendo tão rápido que era capaz de ouvir no ouvido seu sangue bombeando, chegava a doer. Simba, o cachorro, continuava a rosnar e arranhá-la porta. A luz do corredor foi ligada e Sebastian ouviu seu pai gritar para ele parar com aquilo. Um chorinho canino, a luz voltou a ser desligada, e tudo era silêncio de novo. “Vão embora”, continuou rogando para qualquer coisa que pudesse ouvi-lo, mas já não

tinha muitas esperanças. É isto, pensou, é aqui que eu morro. Aos dezesseis anos, sem nunca ter feito nada na vida. Nada. É isto.

O estranho de tudo aquilo era que no espelho não aparecia nada além do próprio reflexo. O cabelo castanho que parecia preto no escuro, a pele com o bronzeado do último verão na praia marcando a metade do braço e a metade da perna quase peluda, as tiras do chinelo o pé. A camiseta estava rasgada na gola, deixando metade de sua clavícula para fora, os ossos saltados faziam com que, naquela hora, sentisse ainda mais indefeso. Mesmo com quase um metro e oitenta completados aqueles dias, sentia-se pequeno, sentia-se uma criança de novo, com medo de monstros.

O que estava acontecendo com ele?

Por que não conseguia simplesmente virar-se para a janela, olhar lá fora e perceber que era apenas uma árvore? Uma ilusão, um erro dos olhos. Por que duas pessoas parariam justamente na janela do seu quarto quando a janela da sala era mais acessível? Quando sua casa parecia extremamente sem graça perto dos vizinhos e muito mais atrativa aos ladrões? Se fosse para serem assaltados, já teriam sido, não?

Se fosse um *serial killer*, já teria invadido a casa, certo?

Suava tanto que gotas de suor fizeram seus olhos arderem, a boca estava seca que teve que passar a língua pelos lábios várias vezes. Engolia alto, respirava mais alto ainda.

Era um ataque de pânico?

Percebendo o absurdo de tudo aquilo, ligou a luz do quarto, sem nunca olhar para a janela. A luz o deixou mais calmo. Tomou água de um copo que deveria estar há, pelo menos, uma semana sobre seu criado mudo. Respirou fundo, olhou uma última vez para o espelho e viu que não tinha nada lá. Respirou mais uma vez, rezou alguma coisa que já ouvira sua mãe rezar e virou-se.

As silhuetas estavam lá, pareciam pertencer a uma mulher e um homem, dava para perceber pelo cabelo volumoso da mulher, muito longo e volumoso, visível mesmo através da cortina. Aproximou-se com uma coragem que não parecia sua. Arredou a cortina e perdeu o que restava de sua respiração.

Eram realmente um homem e uma mulher, mas Sebastian só conseguia olhar para mulher. Nunca antes tinha visto uma pele tão lisa, tão pálida como aquela. Um rosto tão harmonioso que poderia ser medido e constatado toda sua simetria. O cabelo era preto e contrastava com a palidez... Os olhos também eram pálidos, quase brancos, ou...

Transparentes? Pratas? Um azul claro? Ele não conseguia desviar daqueles olhos... Não poderiam ser reais... Os olhos... A boca. A boca também pálida, de lábios cheios que formavam um meio sorriso de quem sabe exatamente o efeito que causa nas pessoas. *É isto,* pensou com convicção dessa vez, *é aqui que eu morro.*

A mulher abriu a boca para falar e foi quando ele viu uma dentição entranha, mas os olhos... Os olhos eram mais importantes que tudo... E a voz, suave, tocando diretamente na sua mente... Suave, doce... Então era seu aniversário de novo, era o dia em que foram campeões mundiais, era o beijo secreto de uma colega no ano interior, atrás da escola, era o abraço de sua avó que morrera, a pata do cachorro na sua mão... tudo estava ali, naqueles olhos... naquela voz.

— Meu nome é Alana e você vai me deixar entrar.

— Entre, por favor — respondeu com uma voz que não parecia nada com a sua e se viu destrancando a janela e a puxando aberta, permitindo a entrada muito delicada da mulher.

E nada mais na vida de Sebastian foi a mesma coisa.

Nunca mais.

ONZE

Eu nem fiquei surpresa quando me dei conta de onde estava. Sabia que em algum momento isso aconteceria. Alana e os outros têm me feito visitar lugares que mais doem que qualquer outra coisa, nessa minha busca inútil de reencontrá-los. Mesmo que eu saiba que talvez eles tenham se ido para sempre, não posso esconder muito bem o fiapo prateado de esperança que se remexe todo no meu peito a cada lugar novo, ainda que a praia pareça a pior ideia de todas.

O prédio havia sido pintado, primeira coisa que noto e, com assombro, percebo que não vinha ali nem passava por perto há quase cinco anos. Ignorar aquela rua e encontrar rotas alternativas tornara-se tão natural que meus pés já faziam o caminho contrário sozinhos. O corpo aprende a se defender, não quer se machucar de novo, ele, ao oposto de mim, lembra da dor.

Na época, o interfone não funcionava, então eu fico parada na frente do prédio encarando a tinta nova, um verde aguado que me deixa ainda mais enjoada. Eu não deveria estar ali. Fui eu quem disse que não dava mais, que eu precisava de espaço e que cada dia com ele era um dia a menos da minha vida. Por pouco, não falei que ele matava a minha arte porque parecia demais. Porém, falei que ele nunca entenderia como é não ser comum e ver as coisas, o mundo em si, como eu vejo. Falei que jamais teria tempo para amá-lo, genuinamente, porque todo o amor que eu tinha estava nos livros publicados e que ele nunca leu. Chorei ao falar isso porque eu queria compartilhar minhas histórias com ele porque só assim ele me conheceria por completo, entenderia cada segundo meu em silêncio e cada vez que eu me afastei de seus toques. Ele nunca me leu. Sequer uma palavra.

Nunca esqueço de tudo que eu disse ao sair porque Alana e Sebastian também discutiam ao nosso lado e a discussão deles era bem mais interessante. Ele tentava fazê-la entender que a garota sobre qual a profecia falava era ela. Alana que, daquela vez, vinha com os cabelos cacheados e revoltos, sardas, e corpo pequeno, batia pé e negava. Não queria participar de nada daquilo. Assim como eu não queria participar mais de nenhum relacionamento porque doía, porque tudo que eu queria era que me lessem e me entendessem, e pegassem minhas palavras quase na minha pele e ali me decifrassem. Eu precisava tanto ser adorada àquela época, que me batessem no ombro e me dissessem o quão genial eu era por criar mundos e personagens os quais as pessoas se identificavam, que era exatamente por isso

que estava o deixando. Prometia a mim mesma, naquele instante, que só me relacionaria com quem não tivesse preguiça de ler todas as histórias de Alana, pois aquele era meu mundo. Queria tanto, mas tanto, que ele tivesse chegado um dia e dito, “olha, eu te li”, porque aquilo significaria que ele me amava.

E, como se minha presença ali tivesse invocado a dele, ele abre a velha porta de ferro e se depara comigo. Minha respiração é fumaça contra meu rosto congelado. Meus olhos lacrimejam, mas é só o frio. *É só o frio de agosto*, tento me convencer na tentativa de convencer também a ele.

— Luisa — ele fala, testando meu nome na língua, como se já tivesse esquecido de falar meu idioma.

— Tava com medo de que tu não morasse mais aqui.

— Tu sabe que eu nunca vou me mudar.

Eu quis soltar “mas tudo muda”, mas não conseguia falar, muito menos asneiras.

— Eu fiquei sabendo — ele segue, colocando as mãos no bolso da jaqueta. Quero saber aonde ele pretendia ir àquela hora, quem pretendia encontrar... Um ciúme antigo é a única coisa que consegue me aquecer — Eu nem sei o que falar, que merda.

“Que merda”, sim, que merda, isso poderia resumir tudo.

Ele remexe no bolso, tira o celular, e o brilho ilumina o rosto que eu ingenuamente acreditei ter esquecido. Mas meus dedos lembram de cada detalhe daquele rosto, cada curva do nariz e queixo, testa e lábios. Meus dedos e lábios conhecem aquelas sobrancelhas e cada fio de barba. Eu posso desenhar aquele rosto de olhos fechados, apenas pelo tato, com minha própria saliva.

É quando eu percebo que não foi Alana nem Sebastian nem ninguém que me mandara ali. Meus pés haviam me traído depois de tanto tempo. Meu corpo podia se lembrar da dor, mas a queria.

Ele não precisa me convidar para entrar porque logo já estamos lá dentro e cada pedaço dele agora é meu. Eu nem reparo em todas as coisas que podem estar diferentes dentro daquele apartamento que também foi meu durante tanto tempo. Porém, o ar é diferente, o cheiro. Não cheira como casa, não me sinto em casa.

Mas não é pelo apartamento que vim.

E ele sabe disso.

Talvez o corpo dele também se lembre da dor que era nossas peles juntas, porque ele não faz nenhuma pergunta, não quer saber por que eu fui parar ali ou como. E eu não quero mais saber com quem ele poderia se encontrar ou se alguma mulher poderia entrar a qualquer momento, com sacolas de supermercado e um bebê no colo ou um cachorro que rosnasse ao me encontrar ali.

Eu precisava me sentir em casa depois de tanto tempo. Me sentir habitada. Cessar o silêncio nos meus ouvidos. Eu precisava me sentir encontrada porque já tinha cansado de ser perdida ou de ter perdido.

Não queria perder mais ninguém nem que ninguém se perdesse.

Meus dedos apertam os ombros que jurei nunca mais tocar e talvez minhas unhas e dentes o estejam machucando, mas não é por ele que eu vim.

E ele sabe disso.

Quando entramos no quarto que agora não é mais o primeiro ao chegar no corredor, mas o último, em que ficava toda nossa bagunça, é que percebo que está tudo errado, fora do lugar. Nossos corpos se conhecem, as mãos sabem exatamente onde apertar, mas não era para ser assim, não em um quarto vazio de hóspedes com uma pilha de roupa para guardar em cima da cama que ele joga no chão sem cerimônia. Não quero reparar se ali têm roupas de mulher... Não quero reparar em nada porque a ferida que eu abro é exatamente por onde ele vai entrar.

Eu o queria na nossa cama, mas talvez ele não me queira na mesma cama em que dorme seja lá com quem for. E eu preciso admitir que a *nossa cama* já não existe há anos, desde que eu saí por aquela porta e desejei nunca mais voltar.

— Tá tudo bem? — me pergunta quando já não temos mais roupa alguma e nossa pele é arrepiada contra nosso hálito que agora é o mesmo, e eu quase me sinto me misturando àquela pilha de tecido no chão. Um trapo, mas limpo.

Não.

—Tá — respondo e nada mais nos separa. Me sinto preenchida e esqueço, nem que por alguns minutos, de tudo que tenho carregado, da minha busca inútil por alguma coisa, qualquer coisa. Quanto mais esqueço, mais o aperto para mim. “Mais perto”, eu imploro e não sei se em voz alta, porque ele segue de olhos fechados e talvez eu também porque não quero não ver amor como via há anos. Não quero ver ali hesitação ou quase arrependimento, estamos longe demais disso, atravessamos mundos que não deveríamos, mas atravessamos.

Acho que ele responde a cada um dos meus suspiros ou então nossos corpos já conhecem a dança que dançamos mais vezes do que poderíamos lembrar e é quase como casa de novo. É quase como Alana em volta de mim. É quase como Sebastian e Gabriel discutindo, meus primeiros amores, os homens que habitaram minha vida, todos quase tão perto de mim ao mesmo tempo que eu quero gritar com a primeira fome e sou enfim saciada.

Ao descer as escadas que nem lembro de ter subido, de relance, avisto a silhueta de alguém. Um homem, cabelos castanhos, e alto demais para não pertencer a sonhos de meninas adolescentes. *Sebastian*. Corro, descendo cada degrau em pulo, quero alcançá-lo, saber se fala alguma coisa, se daqui a pouco aparece com Alana ou Gabriel. Eu preciso tê-lo como meu de novo.

Acabo esbarrando nele, que segue de costas. E congelo. Isso nunca antes tinha acontecido. O toque. A invasão, a fusão dos mundos.

Vocês voltaram de vez para mim, Alana? Assim tão fortemente?

O homem se vira e não é Sebastian. Dá uma risada meio mal-humorada enquanto eu peço desculpas. Lembro vagamente dele de quando eu morava naquele prédio, mas ele não se lembra de mim, assim como ninguém mais lembrará quando meus livros se tornarem datados, quando as páginas ficarem amareladas e as capas empoeiradas na estante, como os do homem que eu vim ver ficaram, mesmo enquanto estávamos juntos, intocados.

Alana, ele foi o único homem que eu amei e o abandonei por ti. Eu não fiz nada na minha vida além de te esperar aparecer e posso seguir com isso o que me resta dela. Apenas não entendo por que quer me causar tanta dor, como se eu já não tivesse o bastante.

Eu não aguento mais a página vazia.

DOZE

Eu odeio os dias bonitos. O céu azul e toda essa luz do sol tentando entrar pelas janelas fechadas. O cheiro de domingo e pessoas rindo nos apartamentos vizinhos. Não queria ser tão amargurada, mas a solidão me deixa mais próxima da imagem romântica de artista que sempre fugi; a ideia de ter um cigarro entre os dedos, olhos no vazio, noites insone. O mau-humor e o “ninguém entende minha arte, ninguém é assim tão evoluído”. Raul dizia que eu sempre pareci exatamente o contrário, até quando assistia à alguma aventura de Alana. “Teus olhos brilham e tu tá sempre sorrindo”. Mas eu acabei me perdendo no caminho, não sei exatamente quando foi, mas já não havia paixão e olhos brilhando. Ao invés de querer carregar o mundo daqueles que sempre me acompanharam, queria largar todo o peso e subir minha montanha sozinha. Até Atlas reclamou do peso do céu, e me vi reclamando também.

Tenho medo que você tenha sentido isso, Alana, que eu queria te abandonar, que eu passava horas e horas encarando o vazio e então vocês apareciam e eu continuava encarando, sem sentir coisa alguma. Vocês estavam lá e eu aqui. A parede invisível, mas inatingível, entre nós parecia mais densa. Eu queria correr nos dias de sol sem medo de tropeçar em Sebastian e queria me apaixonar de novo, sem ter que fingir que atrás de qualquer cara, eu estaria vendo Gabriel. Queria passar mais tempo com Raul e entender o que estava acontecendo na vida dele.

Eu queria, pela primeira vez, Alana, ir lá fora brincar sem vocês. Eu só não sabia que duraria tanto tempo e como eu me sentira com isso. Não imaginei me ver tão perdida que a única solução parecia sair andando por aí, em ruas que jurei não entrar e batendo em portas que jurei nunca mais bater.

No início, sentia que estava procurando por vocês, mas e agora? O que estão me fazendo procurar?

O que querem que eu encontre?

Que tipo de lição de merda é essa que tentam me passar?

Meu apartamento continua uma bagunça e tudo que faço é um café. Com a caneca quente numa mão, tento fechar as janelas já fechadas, puxando as cortinas até não haver mais nenhuma fresta. Não quero luz quando tudo é escuridão. Quando meu luto pulsa em cada veia do meu corpo. Eu não mereço sol e dias bonitos.

No quase breu da sala, rogo baixinho, coisa que nunca fiz antes, não tão abertamente, não como se realmente rezasse, olhos fechados e mãos juntas:

Alana, por favor, eu não aguento mais.

Mas eu não sei bem o que estou pedindo, se quero minha vida como era há seis meses, se quero que eles voltem para mim, se quero apenas uma saída, uma resposta, um sinal divino.

Então lembro de quando Raul inventou que queria fazer catequese. Alguns de seus colegas faziam e ele ansiava por passar o domingo com eles, cansado da companhia de uma irmã aérea e uma mãe cansada demais para brincar.

Compramos uma bíblia e eu era a encarregada de levá-lo à igreja todo domingo de manhã, para a missa, e depois ficar esperando enquanto ele assistia à uma hora de aula, aprendendo sabe-se lá o que. Eu gostava de ter uma hora de silêncio e de ficar sozinha sem que alguém me incomodasse, então podia esperar por Alana em paz. Em frente à igreja, tinha um pequeno lago em que peixes brincavam. Muitas vezes, eu colocava minha mão na água e sentia as cócegas de suas boquinhas em meus dedos, o corpo estranho invadindo o espaço que não era meu.

Eu fazia isso também com vocês, Alana? Ou era o contrário? Havia limite no que era meu e no que era teu? Se não houvesse, vocês não teriam sumido sozinhos e eu não continuaria aqui.

O café parece sal na minha língua. O computador na mesa da sala ligado há tanto tempo que eu nunca entendi por que havia necessidade de desligar. Apenas o pingo vermelho do monitor me lembrando que existe vida ali, mesmo que eu não o use mais. Sinto necessidade de falar com alguém, mas eu não saberia o que falar porque sempre me virei muito bem sozinha. Se eu falasse com Deus seria como falar com Alana, não seria?

Pego o telefone e clico na foto de Raul para perguntar o que ele aprendeu no tempo de catequese e missa. Ele saberia falar com Deus? Falar com Deus faz de ti uma pessoa menos ou mais solitária?

Me dou conta antes de mandar a mensagem de que Raul não pode me ajudar. Ele não ficou tempo o suficiente para aprender sobre Deus nem sobre o Universo e tudo mais.

É quando a realidade me bate, é quando me vejo, quase como se fora de mim, me jogando no sofá e me colocando em posição fetal, meio grito meio choro mudo trancado na garganta, com força de me quebrar ao meio.

É assim então que me sinto, quebrada.

Durante toda minha vida eu soube que era diferente por ver coisas que as outras pessoas não viam, mas eu nunca me senti quebrada. Deslocada? Sim, com certeza. Mas não como se houvesse um buraco dentro de mim com as bordas em lava e que aumentava a qualquer movimento meu. Nunca senti como se me houvesse faltando alguma coisa, que eu fosse errada.

Me deixo chorar mais um pouco com soluços que doem como vi minha mãe chorando apenas uma vez. Até aquele momento eu não sabia que chorar podia quase matar uma pessoa. Eu sempre vi o choro como libertação, não como ácido que revive a dor, espiral de trauma.

Minha cabeça chega a dor com a força que faço em tentar me conter para não quebrar mais nada.

Até que para.

Só o que fica é minha respiração ofegante e uma mancha salgada no sofá. Como o café que esfriou.

Alana, eu não venho chorado por ti, não de verdade. É por isso que vocês foram embora?

É porque minha dor é outra?

Tomo o café frio num gole só e saio para o dia bonito. — Um cavaleiro do apocalipse prestes a destruir aquele domingo.

LUISA GONÇALVES

MESMO QUE TENJE
ACORDAR, ELA NÃO
CONSEGUE

ALANA

E O FIM DO MUNDO

Para Raul,
Que, com certeza, sobreviveria a um apocalipse.

I

Alana estava acostumada a acordar com gritos. Não era algo de que gostasse, mas era a realidade. Só que aquela noite os gritos pareciam muito próximos. Próximos demais. Pulou da cama antes de se dar conta do que fazia. Seu irmão estava em frente à porta do quarto, de costas, como se protegesse a madeira com seu corpo. Fez sinal para que ela ficasse em silêncio.

— Não é aqui — ele falou, tão baixinho que ela teve que ler os lábios dele — É no apartamento ao lado.

Alana estremeceu. Conhecia a vizinha, Dona Helena, a vida inteira. Uma senhora de mais de sessenta anos que vivia sozinha. Quando tudo aquele começou, tentaram convencê-la a ir morar com eles, para defendê-la, mas ela havia insistido em continuar na própria casa. E agora isso.

— Merda — Gabriel resmungou quando ouviram o portão do prédio no primeiro andar bater. Já era tarde demais. Também não era como se pudessem fazer alguma coisa. Não podiam.

Ninguém ainda tinha entendido exatamente o que estava acontecendo nem se havia alguma explicação para os desaparecimentos. A primeira coisa a acontecer, cerca de três meses antes, tinha sido os meios de comunicação pifarem. Internet, telefone, televisão, nada mais funcionava. Então veio o apagão e toda a eletricidade parou. Na primeira noite, metade das pessoas de sua cidade havia sumido. Sabiam disso por boatos, informações sussurradas entre os vizinhos durante o dia. Ninguém mais saía de casa depois que o sol se punha. No início, muitos ainda tentaram seguir com a vida o mais normal possível, mesmo sem Internet ou eletricidade. Algumas empresas ainda funcionavam e uma outra escola ainda atendia alunos. Lojas e supermercados tentaram funcionar, mas logo ninguém mais tinha dinheiro vivo e as coisas começaram a estragar, então vieram os roubos e as brigas mortais por mantimentos. Pareciam todos viver em um mundo pós-apocalíptico de série adolescente em que não tinha acontecido apocalipse nenhum.

A mãe de Alana e Gabriel havia desaparecido na noite do apagão. Os acontecimentos daquela noite ainda eram confusos, a garota lembrava apenas de todo o apartamento ficar escuro, a mãe mandar os filhos ficarem onde estavam, abrir a janela da sala, ver que toda a cidade parecia também estar na escuridão e logo eles desmaiarem. Simplesmente assim. Ela e

o irmão acordaram quando o sol aparecia e entrava pela janela ainda aberta. Estavam deitados no chão e não havia rastro de sua mãe e nem de luta. A porta seguia trancada. Nem os porta-retratos em cima do aparador perto da porta haviam caído. Tudo parecia intacto. Exceto a mãe que não estava em lugar nenhum.

Rondaram primeiro pelo prédio praticamente vazio. Não tinha sido apenas a mãe deles que sumira. A maioria dos pais e das crianças pequenas também desapareceram. Alana queria andar com Gabriel pela cidade a procura da mãe, mas ele não deixou. Seu irmão era três anos mais velho e agora agia como se protegê-la fosse a missão da vida dele. Ele voltara algumas horas mais tarde naquele dia contando sobre os desaparecimentos. Aparentemente, as pessoas que sumiam eram adolescentes até os dezesseis anos e os mais velhos de vinte. Não fazia sentido nenhum, mas Gabriel sempre gostara de estatísticas, dizia que era algo que dava para acompanhar, algo em que pudesse confiar.

O problema era que Alana só completaria dezesseis em cinco meses. Ela estava no que Gabriel chamava de “lista de risco” e, todas as noites, eles esperavam que ela fosse levada embora. Não entendia por que tinha tido sorte até então, mas seu irmão já tinha planos para os dois.

— Precisamos ir embora daqui — ele disse assim que amanheceu enquanto fritava a última mistura de farinha e água que eles tinham. A comida nos armários consistia agora em dois pacotes de sal e um de açúcar. Não tinham sido rápidos o bastante para saquear nenhum mercado e tudo que usaram nos últimos meses era fruto de saques nos apartamentos vazios.

— Mas para aonde a gente iria? — Alana quis saber, passando a última colher de café. Na casa deles, pelo menos, ainda tinha água e cama para dormir. E, se não fosse por ela, seu irmão não precisava se preocupar porque, seja lá o que estivesse capturando as pessoas, não estava atrás dele.

— Eu não sei, só sei que está impossível ficar aqui — ele colocou no prato dela aquilo que parecia a panqueca mais triste do mundo — Praticamente só resta a gente no prédio depois de ontem à noite. Estamos muito visados.

— *Eu* estou muito visada, você quer dizer — ela o corrigiu.

— Não importa. Não tem como você fugir sozinha e nem vamos ficar aqui esperando por eles.

Alana estava com medo. Não queria fugir da casa em que eles cresceram. Ainda nutria certa esperança de que as pessoas desaparecidas simplesmente voltariam a aparecer. E se a

mãe deles voltasse e eles não estivessem lá para recebê-la? Enquanto ela e Gabriel estivessem ali, podia fingir que nada de errado estava acontecendo, tirando a parte de estarem sem comida e sem energia elétrica e sem comunicação com o resto do mundo.

Gabriel, como se soubesse o que a irmã pensava, fez a volta na mesa e a envolveu os ombros em um abraço desajeitado. Apesar da diferença de idade, sempre se deram bem, cada um no seu mundinho e no seu próprio círculo social. Mas agora eles estavam sozinhos, pois ele decidira ficar para trás para cuidar dela quando seus amigos partiram da cidade, todos velhos e novos demais para serem capturados.

— A gente vai dar um jeito, tá bom? — ele sorriu e pareceu tanto com a mãe deles que Alana se segurou para não chorar com a garotinha que era.

— Você quer ir embora hoje?

— Vamos nos organizar para sair de casa assim que amanhecer. Não podemos perder nenhum segundo de sol — respondeu Gabriel e começou a juntar alguns talheres e panos. Ela não entendia nada de sobrevivência fora de casa, mas ele parecia ter certa ideia.

— Você acha que são vampiros? Zumbis? *Aliens*? — perguntou. Era uma questão recorrente entre eles e as pessoas que ainda restavam. Ninguém nunca tinha sequer *visto* o que capturava as pessoas; ouviam-se gritos, portas batendo e elas desapareciam. Os dois passavam horas e horas teorizando sobre o que acontecia, reliam livros de fantasia, mangás, tentavam lembrar de filmes que já haviam assistido e de jogos que jogaram durante a vida, tentando chegar a alguma conclusão. O que ninguém falava sobre a vida sem energia elétrica e com vilões que apareciam apenas à noite é que a ela pode ficar muito tediosa depois de algum tempo. Porém Gabriel não parecia estar com humor para perder tempo com teorias naquele dia.

— Eu acho que a gente só precisa sair daqui, tá bem? — ele suspirou, procurando a maior mochila que poderia encontrar nos armários — Podemos fugir até seu aniversário e depois podemos procurar onde os caras estão. Eles me falaram que ouviram que tem gente se organizando em comunidades, tentando começar de novo...

— E por que não vamos para lá agora?

— Eles não deixariam você entrar — ela percebeu que o irmão não queria olhar para ela — Colocaria as outras pessoas em perigo.

Alana então preferiu ficar em silêncio e arrumar suas próprias coisas. Tentou pensar em tudo que poderia ser útil em uma aventura daquelas, mas se deu conta que só queria levar

sua camiseta preferida e algum vestido da mãe, algo que ela pudesse abraçar durante as noites incertas até completar dezesseis anos. Estava atrasando seu irmão, colocando-o em perigo, sabia disso, mas era egoísta o suficiente para não conseguir ir a lugar nenhum sozinha. Sabia muito bem que poderia fugir e se esconder ou deixar com que ele fosse encontrar os amigos, entretanto não era capaz de imaginar uma vida sem ele, já vinha sendo difícil o bastante viver sem a mãe.

Os dois dormiram durante a tarde para estarem despertos para a noite e para o dia que seguiria. Trocaram poucas palavras, apenas instruções. Ela caminhou por cada cômodo do apartamento, tocando cada parede, quadro, móvel e viu que Gabriel fazia o mesmo. Estavam se despedindo daquela vida, de tudo que conheciam.

E a culpa era dela.

Alana não conseguiria explicar mesmo se tentasse, mas sabia que tudo que estava acontecendo era culpa sua. Antes dos meios de comunicação pararem de funcionar, na noite anterior, ela tivera um sonho muito, muito estranho, tão real que ainda a fazia estremecer, mesmo depois de tantos meses.

Havia um rapaz parado no canto escuro de seu quarto, entre a estante de livros e a janela fechada. No início, ela não conseguiu decifrar a forma no escuro, acreditou que era sua visão lhe pregando peças para que tivesse medo. Mas ele deu dois passos para a frente e ela o enxergou com perfeição. O rosto dele era estranhamente familiar, como daquela pessoa que pega o mesmo ônibus que você durante anos, mas que nunca fora apresentada. Sentia como se o conhecesse a vida inteira.

— Alana — ele a chamou e ela se viu no sonho sentando-se na cama para ouvi-lo melhor. Ele era tão bonito que se sentiu envergonhada de estar dormindo com uma camiseta velha que possuía alguns furos bem constrangedores no tecido — Está acontecendo.

Ela ficou parada, esperando com que ele falasse mais alguma coisa, mas o garoto seguiu parado onde estava, como se quem esperasse fosse *ele*.

— Você vai ter apenas uma chance para salvar aqueles que ama — ele disse por fim — Fuja enquanto pode.

— Do que você está falando? — Alana se levantava da cama, ignorando a roupa que vestia ou que aquilo se tratava de um sonho. Sabia que estava sonhando, mas parecia real. Parecia real e imprescindível que entendesse do que ele falava.

— Quando começar, Alana, não vai ter como impedir.

— O quê? O que vai começar? Quem é você? — ela estava em frente a ele agora. Queria puxar a mão dele, fazer com que ele parasse de falar em enigmas. Queria tocar em algo para que parecesse real.

— Eu tenho tentado te avisar há anos... — soava frustrado. Os olhos castanhos queimavam feito tempestade — Acho que não fiz o suficiente.

Lembrou-se então de por que o rosto dele parecer familiar. Já havia sonhado com ele antes. Era difícil se concentrar, aquilo era um sonho, então era tudo nebuloso, visto através de névoa pesada. Percebeu que seu peito ardia com uma saudade que não conseguia explicar. Saudade dele.

— Primeiro eles vão levar todos que você ama — o garoto seguiu — Um por um. Eles querem que você se sinta sozinha...

— Eles quem? Por favor... — então lembrou-se do nome dele — Sebastian.

Algo aconteceu no corpo dele quando ela disse seu nome. A forma estremeceu e ele parecia evanescente ou embaixo d'água. Sorriu para Alana e ela sentiu que ele tinha saudade dela também.

Mas de onde se conheciam?

— A partir de amanhã, o mundo nunca mais será o mesmo.

— O que eu posso fazer?

— Eu devia ter te ajudado há anos, Alana, e não consegui. Falhei na única missão que me deram...

— Sebastian — finalmente ela pegou a mão dele. Era quente, percebeu. Fazia cócegas na sua palma, como se o tocasse de muito longe. Tanto em sonho quanto em realidade.

— Saia da cidade amanhã mesmo.

— Minha família...

— Você tem que acordar — ele sorriu mais uma vez e tocou seu rosto com a ponta dos dedos. Até seu toque era familiar a Alana — Lembre-se de acordar.

Então ela acordou. Lembrava-se de dar um grito e de sua mãe e irmão indo ao seu quarto saber o que tinha acontecido. Abraçou a mãe tão forte aquela noite, mas sabia que era apenas um sonho, por isso, ficou quieta e não falou nada para não soar louca. Nada daquilo aconteceria.

Mas aconteceu.

— Alana, acorda — Gabriel a sacudia. Não tinha percebido que tinha pegado no sono no sofá depois de arrumar tudo que precisava dentro de uma mochila. Já estava escuro lá fora e seu irmão era a seriedade em pessoa, franzindo as sobrancelhas grossas — Precisamos ficar acordados, tá bem? Saímos daqui a algumas horas.

Ela se sentou e esfregou o rosto. Precisava se manter acordada e ser forte. Não podia atrapalhar ainda mais seu irmão. Se tudo desse certo, aquela noite passaria rápido e logo eles sairiam de casa, encontrariam abrigo, seu aniversário chegaria e estariam fora de perigo. Nunca tinha contado a ele sobre seu sonho nem nunca perguntou se ele conhecia algum Sebastian ou se já a tinha escutado falar nele. Não queria colocar em voz alta a suspeita de que era sua culpa a mãe deles ter desaparecido e de tudo aquilo estar acontecendo. Não queria ouvi-lo dizer que já sabia ou a chamar de louca, pois era como se sentia.

— Você acha que vai dar tudo certo? — perguntou quando seu irmão sentou-se ao seu lado. Estava tenso, toda a postura de quem poderia pular a qualquer momento e enfrentar mil homens. Ela o amava por ser tão protetor. Queria ser corajosa que nem ele, mas tudo que tinha era medo e culpa.

Gabriel chegou a abrir a boca para responder, mas um barulho de explosão do lado de fora da porta do apartamento deles fez com que ele se calasse. Logo, estavam os dois de pé, ele na frente de Alana, protegendo-a com o corpo.

Tinha chegado a hora dela, era isso. Sua sorte tinha acabado.

A porta explodiu e, por alguns segundos, tudo era fumaça e estilhaço de madeira. Alana baixou os braços que cobriam seu rosto quando ouviu seu irmão ofegar ao seu lado. E passos.

Uma figura adentrava a sala. Era quase da altura de Gabriel, mas devia ter a idade dela. Alana conhecia aquele caminhar.

— Ai, meu Deus, é você — foi a fez dela de ofegar. Era ele. Sebastian. O garoto do seu sonho.

— Você conhece esse cara? — Gabriel perguntou ainda tossindo por causa da fumaça. Continuava na frente dela e agora segurava a faca de churrasco que a mãe deles nunca usava.

— Precisamos sair daqui — Sebastian falou, puxando Alana pelo braço. Vestia-se como ela esperava que alguém se vestisse em filmes de ação, roupas camufladas cheias de poeira e botas. Nas costas, uma aljava carregada de flechas pontiagudas — Descobri uma maneira de salvar tudo, Alana, mas precisamos sair daqui.

— Quem é você? — Gabriel se colocou entre eles, puxando sua irmã de volta para suas costas.

— Não tenho tempo, vamos embora — jogou as mochilas para eles e voltou pela porta que tinha explodido.

— Nós não vamos a lugar nenhum, é noite — seu irmão decidiu e apontou a faca para Sebastian — Eu não sei quem é você nem por que deveríamos ouvir o que você fala...

— Gabriel, eu acho que sei quem ele é...

— Você acha?

Então outro barulho fez com que ficassem em silêncio novamente. Vinha do quarto de Alana.

— Nós realmente temos que ir agora — disse Sebastian e puxou a mão dela de novo. Gabriel se deixou ir até a porta também,

— Para aonde? — ele perguntou e o outro garoto o ignorou, virando-se para Alana.

— Você lembra do que falei da última vez?

— Não, eu... — não tinha certeza. Tinha sido um sonho, não tinha? Então por que ele estava ali agora?

O barulho em seu quarto a deixava tonta, a respiração entrecortada de puro medo.

Se tinha sido um sonho, como ele estava ali, como ela sentia a mão dele tão quente na dela?

Sebastian a puxou para mais perto e colocou as duas mãos em seu rosto.

— Você tem que acordar, só assim nos salvaremos — disse a olhando fundo nos olhos. Nunca tinha visto aquele tom de castanho quase avermelhado. Era selvagem.

— Mas eu... — ela balançou a cabeça.

Aquilo não podia ser real.

Mas sabia que era.

— Alana, você tem que acordar agora.

Então ela tentou acordar.

TREZE

Eu não sabia que as pessoas realmente iam à missa ao meio-dia em um domingo. Ainda mais em Porto Alegre. Sempre vi o churrasco como a única coisa sagrada do dia. Minha família nunca foi ligada em nada relacionado à religião nenhuma, exceto por aqueles meses em que Raul quis fazer catequese, então vivíamos numa bolha cuja única coisa mais próxima de alguma crença era dizer “Meu Deus” quando algo acontecia, minha mãe ler o horóscopo no jornal e a gente comendo peixe na sexta-feira santa ou pulando as sete ondinhas no réveillon como qualquer outra família, por isso é tão difícil acreditar que muitas pessoas saíam de suas casas para entrar em igrejas antigas que cheiram a óleo de peroba e à cera de vela.

É um pouco depois da uma da tarde e estou sentada em um muro baixo de pedra em frente à igreja mais próxima de casa. Sei que as pessoas procuram por Deus quando estão desesperadas, a nossa necessidade humana de se agarrar a alguma coisa inexplicável em momentos difíceis. Mas não é por isso que estou aqui.

Raul me dizia que o silêncio da igreja o sufocava, que parecia que todos ali eram capazes de ouvir seus órgãos internos funcionando. Lembro que cheguei a usar uma frase parecida em umas das histórias de Alana, a dos vampiros e sua audição aguçada.

No momento, a única pessoa em silêncio era eu, pois todos já saíam pela porta gigantesca. Os homens conversavam entre si, vestindo todas as variações pastéis de camisa polo e logo atrás vinham as mulheres com as crianças. Não sei se eles pareciam em paz ou se eu estava em tamanho caos que já não saberia reconhecer um sorriso de educação. Eu os invejei por terem uma rotina. Por terem aonde ir aos domingos e terem companhia, obrigadas ou não. Eu os invejei por acreditarem em alguma coisa que não viam, como eu sempre fiz.

Teria eu perdido minha fé? Essa busca seria inútil então?

Espero todo mundo sair para entrar, sem me ajoelhar ou tocar na água-benta, não por falta de respeito, apenas por não saber exatamente o que fazer. Me sento em um dos bancos mais próximos ao altar e o sol que entra pelos vitrais coloridos me faz lembrar de uma época em que tudo era pó mágico que me ajudaria a voar se eu acreditasse. Encaro as frestas por onde entra luz e é a primeira vez que agradeço por ser um dia bonito. Se estivesse chovendo, nada daquilo daria para ver; O sol iluminando o que restava de fumaça de vela, gotículas de poeira voando e todos os perfumes misturados de pessoas que se importam o suficiente para

se arrumarem antes de entrar ali. Me sinto quase suja usando a mesma roupa há vários dias e a cara de uma ressaca insone.

Fecho os olhos e sou capaz de ver Raul, sentado ao meu lado como nas missas que assistimos, os olhos entreabertos, parecendo prestes a dormir, ou se incomodando com o colarinho da camisa em dias quentes. Sou capaz de ouvir sua voz desafinada de garoto de doze anos se perguntando em voz alta-baixa “o que eu tô fazendo aqui, meu Deus?”.

Agora, quase dez anos depois, sou eu quem faz essa pergunta e espero uma cutucada de cotovelo nas minhas costelas, como eu fazia com Raul para que ficasse quieto. Espero como quem espera um raio cair do céu em milagre ou aqueles vitrais se quebrarem apenas com a força do meu olhar.

Me dou conta, então, que não penso em Alana há algumas horas e não sei dizer se isso me incomoda ou se gosto do sabor da paz na minha boca de café frio. Talvez a versão dela que era um vampiro não possa entrar ali e eu a afugentei. Talvez eu seja um amuleto de alho, um crucifixo banhado naquela mesma água-benta em que as pessoas tocam delicadamente com os dedos e então levam primeiro à testa.

O chão marmorizado me joga de volta à histórias antigas, segredos não-revelados e magia. Não como feitiços de trazer a pessoa amada em três dias ou de conseguir mais dinheiro. Nada de empunhar varinhas de condão e recitar palavras em latim. Algo mais antigo que isso, milenar. Algo que eu tinha visto uma vez. Naquele mesmo lugar. Sebastian e Gabriel aparentavam ter a mesma idade de Raul na catequese e Alana... Alana era tão pequena que a deixavam presa num vidro.

E tudo brilhava em colorido como o sol nos vitrais que naquele momento eu encaro sem ver nada. E quase desejo ser tão pequena como a Alana naquela história, para que dois garotos me peguem e me levem por aí, para curtir o verão com eles, para ver cada uma das brincadeiras e cada uma de suas risadas.

Eu me afundo no banco de madeira que adormece minha bunda e desejo ser tão pequena quanto uma criatura que não existe e percebo que foi isso que fiz a vida inteira.

Alana, eu já cansei de te buscar em vitrais abençoados que não me dizem nada. Em ruas que eu jurei nunca mais passar. Em lugares que deveriam me jogar na cara “assuntos inacabados”, mas eu não me importo mais.

Eu preciso descobrir quem eu sou sem escrever sobre ti.

Eu preciso de um milagre.

Então me ajoelho, fecho os olhos, junto as mãos, e peço que nada, nada daquilo tenha acontecido e espero, quando abrir os olhos, ver todos ali na minha volta.

Não há ninguém aqui além de mim.



LUISA GONÇALVES

VOCÊ CAUSARÁ A MINHA
MORTE

ALANA

E A MÚSICA DO MAR

Para Raul,
Que nunca deixa que eu me afogue.

I

Sebastian sempre soube que as histórias que os mais velhos contavam eram verdadeiras, mas seus olhos podiam enganá-lo, porque nada daquilo parecia real. E estava tão cansado, só queria ir para casa, tirar todo o sal do corpo e tomar um bom prato de sopa que sua mãe já devia estar preparando, sem falar do pão recém-assado.

Mesmo que parecesse irreal, Sebastian tinha certeza absoluta do que estava vendo. Seus olhos não eram capazes de enganá-lo tanto assim. Lembrando-se da voz do avô ao contar as histórias ao anoitecer, em frente a fogo, quando o rum já o aquecera o suficiente, colocou as mãos sobre as orelhas, abafando qualquer indício de som que pudesse penetrar seu cérebro. Tudo que sabia é que não importava o que acontecesse, homem nenhum podia ouvir aquela música, mesmo que, no momento, não estivesse ouvindo nada além do repuxar e soltar das ondas do mar e de um ou outro pássaro que ainda se atrevia a voar tão tarde.

“Eu preciso ir para casa”, pensou, mas não se moveu. Talvez até tivesse parado de respirar enquanto o Sol se punha ao horizonte e tudo ao redor brilhava no fogo do crepúsculo. De onde estava, também era capaz de vê-la brilhando, mesmo que os tons de sua pele se confundissem com o azul quase verde do oceano.

Os peixes que pescara precisavam ser limpos e guardados até o amanhecer, quando seu pai os traria para vender na feira, porém, Sebastian não conseguia virar as costas para a imagem, sair dali, e ir para a segurança de seu lar. Estava fascinado. Mesmo que tão jovem, sabia que jamais voltaria a ver tamanha beleza nesta vida e talvez até nas próximas.

— Você causará minha morte — murmurou para o ar, na esperança de que o vento levasse suas palavras até a mulher que, no meio d’água, encarava cada movimento inexistente seu.

A mulher sussurrou de volta alguma coisa, mas ele não queria prestar atenção. Não podia. Conhecia bem demais as histórias. Cresceu em volta de famílias de mulheres e filhos sozinhos, viúvas de homens levados pelo mar. Sempre acreditou que não passava de desculpa dos homens para fugir de casa, mas ali estava ele.

Não sabia se era pelo anoitecer, mas a pele dela brilhava contra água. Não parecia com a pele de ninguém que ele já tivesse visto. Seriam escamas? Onde terminava a mulher e começava o peixe?

Percebeu que tinha baixado os braços e as mãos já não protegiam mais seus ouvidos. Havia saído do lugar, apenas alguns passos, mas seus pés já sentiam a água gelada na ponta dos dedos. Recuou com raiva de ter se deixado levar.

— Você não vai fazer isso comigo! — gritou, mas ainda não conseguia se virar, pegar suas coisas e partir. Havia naquela mulher na água um imã que o puxava pelo ventre, sangue e coração.

Forçou sua mente a pensar na mãe, no pai já de idade. Não poderia abandoná-los e deixá-los sozinhos por causa de uma música. Não importava se aquela música que a criatura cantava era capaz de tocar o mais fundo de sua humilde alma.

Balançou a cabeça com força. Não deixaria que nada daquilo acontecesse. Seria mais forte. Havia pessoas que precisavam dele. Não se tornaria mais um homem perdido no mar, um corpo inchado e flutuante que os peixes comeriam, não dando a chance de sua mãe ter um velório decente, um corpo no qual poderia se debruçar e chorar.

Levou as mãos aos ouvidos mais uma vez, apertando a cabeça contra as palmas. Sentia-se dentro de uma concha do mar, o sussurro ensurdecer direto no cérebro, o som que conheceu a vida toda. Conseguiu acalmar o coração e virou-se de costas para as águas. Naquela hora, o gesto pareceu uma blasfêmia a todos os deuses.

Tinha um plano, percebeu ao finalmente juntar os peixes na cesta de palha. Ignorava a música ao fundo que tentava envolver seu corpo. Todos os seus pelos arrepiados indicavam que a criatura se aproximava. Não estava preparado para voltar a vê-la; precisava organizar seus pensamentos e tomar coragem para o que pretendia fazer.

Limpo as mãos na calça e virou-se devagar e quase se arrependeu. Ela estava tão próxima quanto poderia sem sair da água. Conseguiu ver exatamente onde as espécies se misturavam e desviou o olhar como todo rapaz de família. A pele da sereia era de fato diferente, como se pequenas pedras preciosas, que Sebastian nunca tinha visto, cobrissem todo seu corpo humano, todos os tons de azul pareciam estar ali. Os cabelos molhados, compridos e escuros como a noite que já os envolvia, cobriam a carne dela que ele não podia ver.

Focou-se no em seu rosto, voltando a tapar os ouvidos. Tudo que sentia agora era o cheiro de peixe nos dedos e o aroma adormecido do mar. Mas havia algo mais ali, algo *selvagem*, algo que, como as pedras que pareciam cobrir o corpo da mulher a sua frente, que Sebastian não conhecia.

Os olhos dela eram mais felinos que humanos ou marítimos e foi isso que o chocou. Não que esperasse encontrar humanidade, mas as pupilas finas e enviesadas ratificaram o medo que vinha tentando controlar. Porém, percebeu, às vezes, é o medo que dá coragem.

Antes que ela abrisse a boca para voltar a cantar, Sebastian foi quem cortou a distância entre eles. Estava com a rede emaranhada entre os dedos e ignorava qualquer canto que pudesse sair por aqueles lábios que, com certeza, eram os mais beijáveis que ele tinha visto. Tudo nela era feito para encantar, enfeitiçar e enlouquecer. Mas Sebastian não cairia no encanto. Não enquanto seu amor por sua família fosse mais poderoso que qualquer canção amaldiçoada.

Os olhos felinos dela brilharam quando ele se aproximou, brilho de vencedora, de conquistadora de terras e corações, como quem diz “eu sabia que você viria”. Sebastian sentiu um sorriso surgir na própria boca. E avançou.

Num primeiro momento, ficou claro que a criatura não entendia o que estava acontecendo, pois sequer tentou lutar quando Sebastian jogou a rede sobre ela. Ele percebeu que nunca antes haviam tentado lutar com ela, nenhum homem havia resistido. A surpresa sempre era a melhor arma, seu pai dizia. Assim como a paciência, pelo menos para pescar.

Quando ela finalmente percebeu o que acontecia, passou a se debater, mas já era tarde, seus braços e mãos estavam enredados na corda e os olhos que o encaravam agora não eram sedutores nem demonstravam desafio; era puro terror e confusão.

— Por favor — a sereia murmurou. Suas palavras atingiram algo profundo em Sebastian, mais que o canto dela, mais que algo apenas físico. Chegava a ser doloroso vê-la implorar, ainda sentia como se agisse contra alguma religião. Balançou a cabeça novamente. Aquilo *não* ia acontecer.

Ignorou o sentimento de heresia e o olhar de desespero da criatura e tentou tratar aquilo como trabalho, como se ela fosse apenas mais um peixe a ser pescado, limpo e vendido na feira ao amanhecer.

Ela era mais leve do que Sebastian esperava, então não foi difícil terminar de enrolá-la. Ela não caberia na cesta em que usava para transportar os peixes capturados, então a jogou sobre o ombro e equilibrou a cesta na outra mão. Queimava onde suas peles se tocavam, mas era um calor bom, ele percebeu a contragosto. Quase como a sopa de sua mãe que o esperava, quase como calor de casa.

— Por favor — ela pediu de novo e ele sentiu as palavras dele contra o próprio corpo.

— Não fale comigo — Sebastian rebateu, arrependendo-se na mesma hora. Queria ter o mínimo possível de contato com ela.

— O que você vai fazer comigo?

— Pretendo tratar você como qualquer peixe.

— Eu não sou peixe — ela realmente soava ofendida.

— Pelo menos metade de você é.

Ela respondeu se debatendo com mais força, fazendo-o tropeçar e quase derrubar a cesta pesada. Deu uma sacudida nela. Desejou ter coragem de ser mais bruto e amordaçá-la.

Pelo o que sabia das histórias, fora d'água, sereias não possuíam poder algum. O problema sempre foi tirá-las de lá. Então por que ainda se sentia enfeitiçado?

Seus vizinhos que também voltavam para casa aquele horário prenderam a respiração ao vê-lo passar. Mães taparam os olhos das crianças, puxando-as contra seus colos e muitos se benziam. Sebastian sentia como se fosse um explorador trazendo a mais rica das descobertas. Mas por que, então, parecia tão errado?

— O que você vai fazer comigo? — a voz da sereia era uma prece, a mais linda de todas.

Ele já não sabia. Queria levá-la para casa e que seu pai resolvesse. Sabia que não seria capaz de machucá-la, mesmo que a espécie dela já tivesse destruído famílias e afundado navios.

Os boatos correram e chegaram em casa antes de Sebastian. Sua mãe já o esperava na porta da frente, um pano cobrindo a boca, sufocando um grito, os olhos não querendo acreditar no que viam. O pai com o cutelo afiado na mão, sobrancelhas franzidas em concentração.

— Bastian, por quê? — a mãe perguntou enquanto eles entravam em casa e fechavam a porta contra os olhares curiosos e aflitos dos vizinhos. Ele também se perguntava por quê. Queria provar algo, mas não sabia exatamente o que era nem para quem, não lembrava.

— Vamos, coloque essa coisa aqui em cima da mesa — instruiu o pai com a voz de quem já vira o mundo inteiro e sabia que agir era a única maneira de sobreviver.

A mãe tinha se afastado e os assistia de um canto. O pano havia voltado aos lábios e ela nunca pareceu tão pequena.

Os olhos da sereia pediam a Sebastian por liberdade e agora chegavam a parecer mais humanos.

Ele balançou a cabeça e praguejou baixinho. Não podia considerar aquela criatura nada perto de humano. Precisava se lembrar ao menos *disso*.

O pai apertava a rede na madeira da mesa para que não tivesse como se soltar pelos movimentos de luta da sereia e ele se juntou para ajudá-lo.

— É apenas uma menina — a voz da mãe de Sebastian chegou até a eles e os dois homens pararam o que estavam fazendo e a encararam — Ela não parece nem ter sua idade, Bastian...

Aproveitando a distração de Sebastian e seu pai, a sereia rebateu-se com mais força e a mesa quase cedeu. Ela caiu no chão, a rede enroscada em seu corpo, deixando marcas na parte humana e, na animal, profanações.

— Meu pai saberá disso! — ela gritou. Os olhos, que há poucos instantes pareceram até humanos para Sebastian, agora eram tão místicos e perigosos como poderiam ser — Vocês verão toda a sua ira no mar em que recolhem alimento sem respeito algum! Um por um morrerá de fome quando não conseguir pescar mais nada. Esse vilarejo miserável irá sumir como se nunca tivesse existido.

A mãe gritou e saiu de casa, incapaz de presenciar mais daquilo tudo. O pai de Sebastian pegou a cesta com os peixes que o filho havia trazido, colocando a sua melhor faca no cinto e se dirigiu para a porta por onde a esposa acabara de sair.

— Tome conta disso enquanto estivermos fora — ele disse sem sequer olhar para a criatura ainda no chão — Sua mãe e eu, a pobre coitada, vamos passar a noite com os outros moradores do vilarejo para descobrir o que podemos fazer.

— Pai... — Sebastian tentou falar alguma coisa, mas não sabia o que poderia falar; não sabia se pediria desculpas ou admitiria que não queria ficar sozinho com a sereia, porém, seu pai já havia saído. Jogou-se então em uma cadeira meio distante de onde ela estava e se perguntou como sobreviveria àquela noite.

— Meu nome é Alana e não “isso” ou “essa coisa” — a sereia falou e Sebastian forçou-se a olhar para ela. Doía ver uma criatura tão bela estirada ao chão, cabelos e escamas misturadas à rede. Via orgulho em seus olhos animais, maior que dor e medo, e aquela fagulha de sentimento quase o quebrou, mais poderoso que o canto dela.

Decidiu não responder e continuou onde estava. As horas passaram e Sebastian ouvia os passos na rua, vozes abafadas e rápidas de pessoas amedrontadas, mas fortes, que sempre tinham um plano para proteger suas famílias. Cada pessoa naquele vilarejo era uma extensão

de sua própria família e ele amava a todos que o assistiram crescer e se tornar o homem que era. Só de pensar que, por sua causa, alguém poderia passar fome, que alguém poderia sofrer, seu peito apertava e ele se sentia como quem se afoga no mar que sempre os alimentou.

Não percebeu quando pegou no sono, só quando acordou com o som de uma respiração ofegante e dolorida vindo do outro lado do cômodo em que estava. Abriu os olhos desorientado, tentando organizar as lembranças daquele anoitecer em sua cabeça enquanto acordava.

A sereia – recusava-se a chamá-la por seu nome pois isso seria humanizá-la – debatia-se, mas não mais em luta, parecia estar sofrendo de verdade dessa vez. Sebastian levantou-se e foi até ela. A pele, que antes brilhava, agora se apagara, e os olhos mal se abriam.

— Por favor — ela murmurou.

— Do que tu precisa?

— Sede — ela respondeu.

Sebastian procurou o jarro de água que sua mãe sempre deixava no balcão da cozinha e levou até a sereia ao chão. Sabia que precisava liberá-la da rede para que fosse possível salvá-la ou ao menos tratar dela, mas parou na metade do caminho. E se fosse um truque, uma armadilha para encantá-lo?

— Eu não tenho poderes fora do mar — Alana disse percebendo sua hesitação. Não sabia se aquela água bastaria para ela, mas era só o que tinha. Com a faca que sempre trazia no bolso, cortou algumas cordas. Seus dedos tremiam com a proximidade e ainda que a sereia estivesse debilitada, ele precisava admitir que já estava enfeitiçado e enfraquecido.

Colocou o jarro nos lábios da criatura e a ajudou a se colocar em uma posição minimamente confortável. A cauda de peixe dela se debatia como que por vontade própria. A noite havia avançado de tal maneira que todo o vilarejo era silêncio contra ondas do mar e pássaros ao longe.

Não sabia onde seus pais estavam nem o que os moradores planejavam.

— Você falou a verdade? — perguntou Sebastian quando ela terminou de beber e alguma cor voltava a acender em seu rosto — Sobre a maldição? Sobre não termos mais peixes?

Ela pareceu um pouco triste em acenar, confirmando que era verdade. Ele sabia que não se podia brincar com criaturas que humanos não entendiam, mas não imaginava que

houvesse algum ser capaz de causar algo como aquilo. Pelo menos, não por sua causa. Preferiria ter sido jogado ao mar, capturado por aquela sereia e teria morrido feliz, percebeu, nem se daria conta de que estava morrendo. Ninguém sofreria além de seus pais, mas o que era o sofrimento de uma família perto de todo um vilarejo?

Estava cansado e nada do que pensava fazia sentido. Não queria morrer, gostava de sua vida, amava sua família, ajudar o pai na feira, o pão de sua mãe e o sorriso de cada vizinho. Sonhava em, daqui a alguns anos, ter sua própria família para alimentar... Mas nada disso seria possível agora que tinha estragado tudo. Em seu peito havia o luto por uma família que ainda nem existia e por todos que conhecia.

— Se eu devolver você para o mar — começou ele, não acreditando nas palavras que dizia — Você consegue me prometer que não haverá nada do que me disse? Que a ira do seu pai não recairá sobre nosso vilarejo?

A sereia demorou para responder. Sebastian gostou daquilo, pois se ela respondesse rápido demais, aceitasse a proposta na hora, não soaria honesto. Dava para perceber que ela pensava a respeito, com sinceridade.

— Consigo fazê-lo com que lhe perdoe — foi a resposta dela. Era tudo que ele teria, mas era melhor que nada.

— E você acredita que consegue me prometer mais uma coisa?

— Não sei se você está na posição de fazer pedidos.

— Não, você tem razão — ele quase sorriu — Mas eu preciso tentar.

Então quem quase sorriu foi ela e Sebastian agradeceu a todos os anjos, terrestres ou marinhos, por ela não ter o feito. Um sorriso daqueles lábios o mataria. Era tudo que ele sentia: morreria.

— Você me prometeria que o seu povo deixaria de levar os nossos homens?

Mais uma vez, Alana ficou em silêncio antes de responder. Ainda respirava com dificuldade, mas parecia mais saudável agora que estava fora da rede.

— Você já parou para pensar, pequeno garoto, que nenhum homem que foi desejava realmente ficar?

Então Sebastian se lembrou do momento em que havia jogado a rede nela, da surpresa no rosto da criatura, pois nenhum homem antes havia sequer *resistido*. Não tinha tempo para pensar naquilo agora, não quando precisava agir logo.

— Vou levar você embora — decidiu levantando-se. Conhecía uma praia mais afastada em que raramente os moradores do vilarejo apareciam, ainda mais aquele horário. Confiam nele o bastante para ter não ninguém vigiando a casa, então sabia que poderiam sair sem serem vistos. Ao amanhecer, quando seu pai ou qualquer um que aparecesse para fazer o que haviam decidido com a sereia, ele já a teria largado no mar.

Percebeu que as pessoas deveriam ficar no lugar a que pertenciam e defendê-lo. Como ele acredita estar fazendo e sabia que era o que pai de Alana faria.

Alana.

Pensou nela por seu nome e ignorou que parecesse um erro. Os dois estavam apenas se protegendo.

Controlou a vontade de pedir licença ou desculpas ao jogá-la novamente sobre seu ombro. Como imaginava, não havia ninguém em frente à sua casa nem pelo caminho. Estava traindo a todos, sabia disso, mas sabia também que o perdoariam. Era a única forma de salvá-los.

Caminhou por algumas horas antes de perceber que Alana voltara a ofegar. Decidiu que podiam dar uma descansada, ainda que faltasse tão pouco para chegar à praia. Deu-se conta que pararia porque queria prolongar o momento, a pele contra pele, a magia em volta de si. Colocou a mulher sentada contra uma árvore e lhe deu mais da água que trazia consigo.

— Você não acredita que eles possam ter chegado a essa mesma conclusão? — Alana perguntou assim que parou de beber.

— Do que você está falando?

— De me devolver para o mar?

Ele havia pensado nisso, óbvio, mas conhecia cada pessoa no vilarejo bem demais. O que ele havia feito era uma vitória, queriam vingar os homens que se foram. Lutariam, mas jamais voltariam atrás.

— Não, se eles quisessem fazer isso, teriam levado você de volta assim que eu apareci — respondeu.

— Por quê?

— Porque eles têm medo.

— Então me matariam? — para uma criatura mística, ela muito chocada — Você acredita mesmo nisso?

— É isso que humanos fazem com o que lhes dá medo: matam.

— Depois somos nós os malvados.

— Bem, afogar homens não faz de vocês as melhores criaturas.

Alana pareceu titubear antes de falar de novo, como se guardasse um segredo e não soubesse muito bem se era a melhor hora de revelá-lo.

— Sabia que levamos apenas homens infelizes?

Sebastian congelou com aquela afirmação. Não, não sabia. Conhecia muitos dos homens que haviam sido levados e nunca nenhum deles pareceu infeliz. E, acima de tudo, *ele* não era infeliz.

— Eu não estou infeliz — viu-se na obrigação de se defender.

— Se você diz... — e então deu de ombros como uma humana adolescente. Não como uma sereia que atraía homens para o fundo do mar. Como uma criatura perigosa. Maligna até. Belíssima, sim, claro, mas fatal.

Ele precisava se livrar dela antes que seu coração doesse ainda mais. Não podia mais olhá-la nem ouvir sua voz.

— Precisamos ir — disse apenas e a segurou novamente, mas agora era diferente. Ela não era um peixe que precisava levar para casa e exibir a todos. Era a criatura mais fascinante que ele já havia visto e da qual se separaria, pois não era direito dele, nem de ninguém, prendê-la.

Quando chegaram à praia, os primeiros raios de sol inundavam a baía e o calor pinicou na pele de Sebastian, aquecendo algo mais profundo que ele sabia não ter nada a ver com o dia se aproximando.

Quando ela tocou na água, suspirou tão fundo que todo o âmago de Sebastian se remexeu em uma dor que não deveria ser boa de sentir, mas era como água morna em dias amenos, aquecendo apenas o suficiente para ser delicioso.

Imediatamente cobriu a orelhas como havia no entardecer anterior. Agora ela tinha poderes novamente e poderia se vingar dele e de todo seu povo.

— Eu não vou fazer nada — Alana prometeu e sua voz já soava mais sedutora apenas por estar na água. Porém, Sebastian acreditou nela — Entre na água comigo.

Ele deu dois passos para trás na areia. Os passos mais difíceis de sua vida.

— Eu não posso.

— Eu não vou levá-lo — ela disse, firme — Eu prometo.

Então ele foi. Caminhou pela água até estar submerso até metade de seu peito. A água era fria pelo amanhecer, mas ele não via nem sentia nada além dos olhos de Alana. Não eram mais felinos, ele compreendeu. Enquanto, há algumas horas, tudo que pensava era que ela causaria a sua morte, agora, pensava que só estava vivo para aquele momento.

A vida dele era ali. Era com ela.

Precisava ir mais fundo.

Precisava ir embora com Alana e ela sequer cantava. Não era feitiço algum, não era nada além dela.

E só ela.

Alana se aproximou e seus rostos quase se tocavam. Colocou as mãos nos ombros de Sebastian e o prendeu ali.

— Você não pode ir mais longe — ela falou e seus lábios quase, quase se tocaram. Ele não respirava. Acreditava que jamais seria capaz de respirar novamente.

— Alana — murmurou Sebastian porque aquele era o nome dela e ela nada mais que real.

Ela passou os dedos suavemente pelo rosto dele e deixou a palma contra a bochecha. Uma carícia que ele desejava que durasse para sempre.

— Você é um bom homem, Sebastian — a voz seria humana se ele fechasse os olhos, mas ele não perderia nenhum segundo da presença dela — Você não estava infeliz...

— Mas você disse...

— Eu fiz o que fiz porque precisava ver você de novo...

— O qu...

— Eu quis te deixar infeliz, Sebastian, para que você passasse a me ver de agora em diante, como seu sempre vi...

— Mas...

Alana sorriu e encostou a palma de sua mão nos lábios de Sebastian, fazendo com que se calasse. Tinha gosto de mar. Parecia uma promessa.

Então se foi.

E logo ele não era mais capaz nem de ver o brilho dela contra a água do mar que amanhecia e desejou com tanta força ter sido apenas um dos homens que foram levados embora...

Na noite seguinte, Sebastian já sabia onde estaria.

CATORZE

O apartamento vazio sempre me incomodou, mas tudo parecia pior agora. As caixas espalhadas pelo chão eram as únicas coisas que davam cor àquela branquitude toda... E o sofá. A primeira coisa que Raul comprou quando pegara as chaves do apartamento. Ele nunca tinha me dito nada, nem que queria alugar um imóvel nem que já tinha o encontrado, mas eu sabia que ele vinha escondendo alguma coisa, me fazendo perguntas sobre contratos de aluguel, fiadores, e se comprar uma máquina de lavar roupa era realmente necessário.

“Vou ser teu vizinho”, ele disse um dia ao chegar na minha casa e se jogar na poltrona da sala que ficava ao lado da janela para que ele pudesse fumar sem infestar todo o apartamento.

“Decidiu sair da casa da mãe?”, eu perguntei, levantando os olhos do computador. Estava fazendo a última revisão do meu último livro, algo com profecias e personagens sombrios que, assim como Raul, também pareciam buscar sua independência.

“Acho que tá na hora, mas não conta nada pra ela ainda”.

E eu não contei e se passaram meses e ele acabou não se mudando. Eu usava o apartamento mais que ele, pois Alana gostava de aparecer por ali. Acho que o vazio do lugar a chamava, como uma página em branco.

Meu irmão comprara o sofá em uma loja de móveis usados e eu não podia negar que sentia certo nojo de sentar ali e preferia ficar no chão gelado. A parte esponjosa do estofado saía por alguns rasgos no forro e, com certeza, o antigo dono tinha gatos, pois os “braços” não podiam estar mais destruídos, sem contar as várias manchas duvidosas. Mas Raul gostava. Dizia que era divertido. Que as listras coloridas do tecido davam certo ar de rebeldia contra as paredes brancas.

Sempre quis ser mais como Raul ao fazer as coisas. Ele não contava para ninguém, só nos avisava quando tudo já estava acertado. Eu sempre me vi morando em um mundinho só meu, mas ele também era assim. Eu, ele e minha mãe éramos planetas orbitando próximos, mas não exatamente na mesma galáxia. Era a maneira como funcionávamos, ou como descobrimos para sobreviver.

Chego perto das caixas espalhadas na sala, abro a primeira que encontro, e me deparo com alguns cadernos antigos. Meus primeiros manuscritos. Raul sempre disse que gostava de ler a primeira versão, antes da voz da Luisa escritora estragar tudo.

Alana, você também acha que eu estrago tudo? Que eu não sei contar direito tudo que vocês me mostram?

Foi por isso que você sumiu?

Estranhamente, me sinto invadindo a privacidade de Raul ao mexer naquelas caixas e é a primeira vez que sinto isso. Não é como se guardássemos segredos um do outro. Ou era o que eu pensava. Assim como eu tinha três amigos imaginários, ele também poderia ter coisas acontecendo em sua frente que eu não era capaz de ver.

Me pergunto o que mais deixei de ver porque via outras coisas. Me pergunto se tudo seria diferente se, naquela noite há tantos anos, fazendo pipoca para o Raul, eu tivesse apenas ignorado a imagem de Alana e de seu dragão Sebastian. Talvez hoje eu fosse a filha que minha mãe desejava, a advogada ou qualquer profissão de verdade. A irmã que Raul merecia, que prestava atenção ao que ele falava e que ficara feliz em tê-lo morando no mesmo prédio por ele estar próximo, não por ter mais um lugar para ver seus personagens idiotas brincando de faz-de-conta.

Talvez, talvez, eu pudesse amar outras coisas, outras pessoas, e deixasse de me sentir um mártir sendo tão saudável quanto posso ser, não comendo nem dormindo nem fazendo exercício algum. Eu deveria ser grata, não é mesmo? Mas por que sempre estou desejando outras coisas? Desejando estar em outro lugar? Por que o mundo parece errado agora que todos eles se foram? Eu me sinto assim por me sentir excluída e ter ficado? Ou a gratidão deveria vir exatamente por eu ter ficado?

Largo os cadernos para dentro da caixa de novo e caminho pelo corredor vazio em que já vira Sebastian atormentado por algo estar o seguindo. Faz tempo que não entro no que seria o quarto de Raul e fico triste ao abrir a porta e só sentir cheiro de tinta. E sinto falta de sentir cheiro de outra realidade ao lado da minha. Da terra nas botas de Alana, dos livros antigos de Gabriel e do almíscar de Sebastian.

Eu nem percebi que já era noite e a única luz que entrava no quarto era a dos outros prédios em volta. A janela sem cortina deixava o mundo lá fora muito próximo, íntimo, mas, ao mesmo tempo, distante, solitário. Duas realidades habitando o mesmo espaço, pendendo em um meio-fio invisível, quase perigoso.

Mais uma vez me vejo pegando o telefone para perguntar para Raul quando ele daria um jeito naquele lugar, mas desisto no último minuto.

Me sento no chão empoeirado, ainda com alguns plásticos respingados de tinta branca, e desejo ter nas minhas mãos uma garrafa de vinho ou uma lata de cerveja, como a vez que eu e meu irmão estreamos o apartamento, bebendo feito adolescentes até vomitar no banheiro limpo. Ali tem um cheiro do qual nunca vou sentir falta.

— Vinte e cinco anos, Lui-ii-sa! — ele tinha me dito, ainda que já tivesse passado um tempo do meu aniversário — Como tu se sente tão próxima dos trinta?

— Como se não tivesse feito dezoito ainda — eu lembro de ter respondido e soluçado, nos fazendo rir, não porque fosse exatamente engraçado, mas porque já estávamos bebendo há algumas horas.

— Tenho pensado em mudar minha vida — meu irmão disse e eu parei a garrafa em direção à boca porque ele parecia sério. Seus olhos castanhos estavam como quando íamos à missa, entreabertos, como se ele estivesse meio acordado e meio dormindo. Outro meio-fio.

— E exatamente o que tu pretende mudar no alto dos teus vinte e dois?

Ele demorou para me responder, brincava com o rótulo da garrafa, procurando por ali as palavras certas para o que ele queria falar.

— Tu já construiu coisas, sabe? Existe algo que vai ficar quando tu morrer.

Eu me senti bêbada demais para aquele assunto e precisei balançar a cabeça para prestar atenção.

— Do que tu tá falando?

— Dos teus livros. Eles são pra sempre, sabe? Tu deixou uma marca no mundo, sei lá, mana, tu tem algo maior que tu.

Eu dei risada porque não sabia muito bem como responder àquilo, porque não era nada, nada como eu me sentia.

— Fala isso pra editora que não curtiu nada a pré-venda do meu último livro.

Raul acabou me acompanhando na risada: — Eu te falei que o mundo não tá preparado pra ler sobre fadas, cara. Ninguém quer saber.

— Mas o que tu quer fazer?, insisti.

Não é como se Raul desenhasse, cantasse ou tocasse algum instrumento. Se bem que eu não entendia muito o que ele queria dizer com “deixar uma marca”.

— Aí é que tá: eu não sei.

Acabamos deixando o assunto por isso mesmo, concentrados demais em quem conseguiria beber uma lata de 450ml de cerveja mais rápido. Ele sempre me deixou ganhar porque eu fico chorosa quando bebo.

Então eu me sinto uma impostora porque a “marca que deixo no mundo” não é minha. Não criei nenhuma das histórias fantasiosas sozinha, elas simplesmente *apareceram* para mim. E, mesmo se fosse minha, que relevância tem no mundo? A maioria dos meus leitores nem lembra do meu primeiro livro. Logo, ele vai sumir porque a edição não foi tão grande e sei que restam poucos exemplares. Tudo que fiz deve ter sido feito alguém rir ou se emocionar em alguns trechos. Minhas palavras devem ter feito companhia a algumas pessoas por algumas horas e fim. Não deixei marca nenhuma, porra. Não escrevi sobre grandes figuras. Não escrevi “o grande romance do século”. Meus livros nem vão estar em listas obrigatórias de leitura de vestibulares nem professoras vão usar em aula. A marca que deixo é meu quarto na casa da minha mãe, com pôsteres e marca-páginas empoeirados. Uma caneta brilhosa para escrever na página de rosto preta. Uma assinatura pronta que repeti em centenas de livros, trocando uma ou outra palavra se acaso lembrasse da cara do leitor. Minha marca são vários links desativados de blogues que já não existem sobre uma escritora jovem que escrevia livros gigantes e que participou de algumas feiras em cidades pequenas. Minha marca no mundo é tentar vender dez livros no final de semana para pagar a conta de luz que já venceu. Minha marca é ter dito para cada jovem que passou por mim falando que desejava escrever “não desiste dos teus sonhos”, sabendo que, lá no fundo, eu queria ter dito coisas como “não entra nesse mundo, não. Vai ver teus amigos. Vai beijar tua mãe. Vai no cinema mais vezes”.

Era isso que Raul queria para ele?

As histórias de Alana podem não ter deixado marcas no mundo de ninguém, mas eram meu mundo.

E agora eu não sei o que fazer com o que sobrou dele.

Alana, eu simplesmente não sei.

A movie poster for 'Alana e o Caçador de Fantasmás'. The central image shows a young woman with long dark hair, wearing a white, long-sleeved, high-collared dress. She is holding a glowing lantern in her right hand, which is raised. The background is dark and blurry, suggesting an outdoor night setting. The overall mood is mysterious and somber.

LUISA GONÇALVES

ELA SABIA QUE
ESTAVA MORTA E
APENAS UMA PESSOA
PODERIA SALVA-LA

ALANA

E O CAÇADOR DE FANTASMAS

Para Raul,
Que, com certeza, voltaria para me assombrar.

I

Alana sabia que estava morta, não era nenhuma novidade, pois já fazia quase dez anos desde o dia em que acordou no sótão daquela casa e percebeu que ninguém era capaz de vê-la. Lembrava-se de quase nada da vida *vivida*, apenas de seu nome e de que algo terrível tinha acontecido com ela. Tinha certeza, também, de que aquela casa não era sua; apesar disso, nenhuma família acabava ficando muito tempo. Na verdade, ela fazia questão de que não ficassem muito tempo. Era um fantasma, no mínimo, muito chato. Arrastar correntes? Fazia. Bater janelas? Todos os dias, às duas da tarde. Empurrar móveis? Toda a quarta-feira. Abrir gavetas, esconder objetos, desenhar no vapor do espelho do banheiro, acender e apagar luzes. Ela fazia tudo isso e se divertia muito, sem culpa alguma.

Está certo que quando percebeu que ninguém conseguia vê-la, passou por tempos difíceis. Chorava boa parte do dia porque, bem, ninguém gosta de estar morto, muito menos ela, que se considerava uma jovem cheia de vida, sem trocadilhos. Ainda mais porque não entendia o que estava acontecendo, o que a prendia ali naquela realidade transparente, entre o lá e o aqui. Não sabia se tinha assuntos inacabados, acreditava que todo morto tivesse alguns, mas o que seria tão importante para prendê-la naquela sobrevida?

Em seu peito, uma dor apertava quando se via distraída. Uma vontade desesperadora de voltar para casa, para estar com quem amava e a amava de volta. Mas não lembrava. Não saberia para a onde ir mesmo se pudesse sair da casa, coisa que aprendeu logo que acordou morta. Estava presa ali ao que parecia, pela eternidade.

E entediada.

Arrependia-se amargamente de ter espantado a última família tão depressa. Agora a casa estava vazia já fazia mais de um ano e ela não tinha mais o que fazer. Conhecia cada prego daquela casa, cada madeira do chão que fazia barulho ao pisar, cada porta que rangia e cada cano que ela poderia usar para fazer barulho nas madrugadas. E ela gostava da última família. Eram dois adultos, pais de uma menina e um menino. Gostava de ver a menina cantando ao frente ao espelho músicas de desenhos animados e do menino fingir dormir para levantar tarde da noite e ligar o videogame escondido. Adorava assistir ao marido tocar o rosto da esposa enquanto ela dormia e beijar suas pálpebras. Era o tipo de amor que sentia já ter experimentado, por isso seu peito doía, e então Alana ficava com raiva e saía batendo portas e acordando todo mundo. A garotinha começava a chorar, o garotinho a gritar e o casal

a discutir. Não se orgulhava de causar sofrimento a uma família tão feliz, mas doía. Uma inveja afiada cortava seu bom senso e ela queria vê-los longe dali o mais rápido possível. Até que conseguiu. Eles saíram sem nunca mais voltar, derrubando roupas e brinquedos pelo caminho até o carro, isso depois de uma noite particularmente ruim em que Alana resolvera jogar todos os copos do armário da cozinha contra a parede. Nem riu quando eles saíram se benzendo e rezando em voz alta.

Sentia-se apenas vazia.

E morta.

Estava tocando todos os azulejos do banheiro do quarto principal para testar qual podia cair mais fácil quando ouviu a porta da entrada da casa ser aberta e ouviu passos. Correu animada para conhecer com quem dividiria a casa, torcendo para que fosse uma família grande, prometendo a si mesma que dessa vez seria boazinha e não os assustaria tanto, pois estava cansada de ficar sozinha naquela casa enorme.

Estacou na ponta da escada, decepcionada por ser apenas um cara. Era muito sem graça ter uma pessoa só para assustar, sem contar que pessoas que moravam sozinhas tinham hábitos esquisitos que ela preferia não ver. Decidiu que esperaria mais alguns dias para assustá-lo, ele poderia trazer a família depois, quem sabe estivesse ali apenas para organizar tudo antes dos outros chegarem.

Ele era bonito, percebeu de maneira desinteressada, ainda que parecesse meio *sujo* com um cabelo escuro quase oleoso que gritava por um corte e roupas amassadas. As botas com certeza já tinham visto dias melhores e a jaqueta de couro não podia estar mais empoeirada ou puída. Notou que ele carregava um enorme crucifixo no pescoço, contrastando com a camiseta preta e estragando totalmente a imagem de *bad boy* que ele desejava causar porque agora ele parecia apenas um padre malvestido e rebelde.

Mesmo que ele não trouxesse alguma família, seria divertido atormentá-lo, ela decidiu sorrindo, porque ele parecia aquele tipo de homem que fingiria não ter medo, mas que ligaria para a mãe de madrugada ou que começaria a chorar no banho quando ela descobrisse o azulejo frágil. Mal esperava para ouvi-lo gritar bravo toda vez que ela ligasse a luz do cômodo de onde ele acabasse de sair.

Alana estava tão acostumada a analisar sem nunca ser vista que demorou para se dar conta que desde que ele entrara na casa, o homem não se movera.

Porque estava olhando para ela.

Diretamente para ela.

E a via.

Alana fez a única coisa que imaginou ser possível: saiu correndo de volta ao seu sótão. Ela não podia atravessar paredes nem se teletransportar como os espíritos dos filmes, ela era apenas invisível... Pelo menos até agora.

Como aquilo era possível? Estava invisível há dez anos, como aquele cara surgido do nada era capaz de vê-la? E, pior ainda, como conseguiria ignorar aquilo?

Ouviu os passos firmes dele enquanto ele subia a escada de madeira que levava ao sótão. Era óbvio que ele viria atrás dela, pensou Alana querendo revirar os olhos. Por que ele não podia ter medo como as outras famílias? Por que ele não tinha saído correndo quando a viu ou perguntou quem era ela como teria feito qualquer outra pessoa?

Será que aquele homem sabia o que era ela?

Ficou parada onde estava enquanto ele subia os últimos degraus. Talvez, se pensasse em si mesma como invisível, ele não a veria. Talvez...

Mas não, lá estava ele novamente, encarando-a sem medo ou expressão alguma no rosto. Apenas a olhava.

Ela podia muito bem fingir que não percebia, mas havia algo nele, profundo e desconhecido, que a fazia querer falar com ele. Não falava com ninguém há dez anos, tinha esquecido como era bom ser vista.

Tinha esquecido como era existir.

Ficaram parados um de frente para o outro por algum tempo. Alana jamais saberia o que dizer se tivesse que falar primeiro, mas não foi preciso.

— Ah, então você existe mesmo — ele falou e ficou esperando alguma resposta de Alana, mas como ela responderia aquilo?

— Geralmente eu chego nas casas e é tudo imaginação dos moradores — ele seguiu depois de um tempo.

— Quem é você? — Alana perguntou, finalmente com coragem, então assistiu ao homem sentando-se ao chão empoeirado e cruzando as pernas. Nunca antes vira alguém que parecesse tão relaxado na presença de um fantasma. Não que tivesse visto muita gente tendo que lidar com situações como aquela, mas a atitude dele era, no mínimo, admirável.

— Meu nome é Sebastian — o homem respondeu. Alana percebeu que ele a analisava, talvez se perguntando por que ela não era transparente ou por que parecesse tão

viva? — Escrevo sobre, você sabe, espíritos... Geralmente alguém que sente uma presença incômoda em sua casa me chama para que eu mande embora...

— Você é exorcista? — ela conhecia mais a palavra do que ela significava realmente, pois já ouvira outros moradores gritarem sobre terem que contratar um exorcista para “limpar” a casa.

O homem sorriu, fazendo que Alana percebesse o quanto ele era bonito e do pior tipo de homem bonito, o que sabia disso.

— Para ser bem sincero, eu sou um charlatão.

— O que seria isso? — Alana agora havia se aproximado. Como era estranha a sensação de perguntar e ser respondida! De ser vista!

— Eu nunca vi nenhum fantasma, sabe? — ele riu mais uma vez, mais abertamente — Eu sempre chego nas casas, jogo fora as correntes que os moradores escutam ser arrastadas e aproveito para escrever em casarões sem precisar pagar aluguel.

— Você engana as pessoas?

— Eu só falo o que elas querem ouvir: que está tudo bem agora, que podem dormir em paz.

— E elas acreditam em você?

Sebastian deu de ombros:

— Nunca houve reclamação.

Ficaram em silêncio por algum tempo, como há alguns minutos no andar de baixo, um analisando ao outro. Eram de mundos opostos coabitando uma mesma realidade. Algo que não deveria ser possível, mas era. Alana chegou a acreditar que estaria para sempre presa nesse limbo silêncio e perturbador do não ser vista, não ser ouvida ou não ser sentida. E agora ali estava ela, falando com alguém vivo.

— Você é real? — Sebastian perguntou, talvez finalmente entendendo o que acontecia.

— Eu não sei, o que é a sua definição de real?

— Vivo.

— Ah, não. Então não sou,

— Você lembra de alguma coisa?

— Não, eu só acordei... Assim. Não sei nem por que nesta casa, só sei que eu não morava aqui. É apenas uma sensação.

— E o que mais?

— Sei que alguma coisa horrível aconteceu comigo...

— Isso eu já podia adivinhar, você morreu.

Alana se pegou rindo do absurdo daquilo tudo. Será que aquele cara despreocupado, com roupas gastas, era sua chance de ir para... seja lá onde fosse para onde as pessoas iam depois de morrerem?

Será que ele traria sua liberdade?

Ela desejava aquilo?

— Lembro do meu nome — ela disse, quase animada. Uma sensação quente se espalhou por seu ventre; sentia seu nome como uma troca íntima, um segredo que vinha guardando há mais de dez anos. Sebastian sorriu, incentivando-a a dizê-lo — Parece bobagem, mas lembro de alguém me chamando de “Alana” como se me amasse”.

— Alguém como um filho? Um marido?

— Eu não sei...

— Vamos tentar uma coisa — Sebastian se levantou e logo estavam muito próximos. Alana conteve a vontade de se afastar, pois não estava acostumada com aproximação. Estava acostumada a não existir para ninguém mais além dela.

— Prazer, Alana — ele disse e estendeu a mão. Ela titubeou mais uma vez. Uma coisa era ser vista, outra era ser tocada. Aquilo seria possível?

Mais uma vez: ela desejava aquilo?

Estendeu a mão na direção da dele, sentindo todos seus dedos tremerem. Então uma coisa estranha aconteceu, mas que um fantasma e um caçador de fantasmas fajuto estarem conversando durante uma tarde qualquer: As mãos não conseguiam se tocar. Havia uma força, uma estática entre as peles, fazendo possível sentir proximidade, o quase toque, mas não era toque realmente.

Sebastian recolheu a mão como se tivesse levado um choque. Alana também sentia a mão formigar. *Sem toques*, então, decidiram em um acordo silencioso.

— Você acha que pode me ajudar mesmo não ajudando ninguém de verdade? — ela pediu, esperando que seu pedido não soasse grosseiro ou invasivo. Teriam que lidar um com o outro por algum tempo, não teriam? E, querendo ou não, ele havia sido contratado para se livrar dela.

Sebastian olhou da própria mão, que havia quase tocado na dela, e de volta para o rosto dela, tomando uma decisão silenciosa como o acordo de sem-toque.

— Você, Alana, será minha primeira personagem verdadeira.

QUINZE

A cidade lá embaixo brilhava em dourado e azul dos carros que passavam. Alguma ou uma outra janela indicava que nem todo mundo dormia, e eu era capaz de ouvir Raul mesmo estando ali sozinha. Vínhamos para o último andar do estacionamento do shopping desde que sua obra havia terminado, nos escapando dos seguranças e dos torcedores que estacionavam seus carros ali quando tinha jogo, por ser tão perto assim do Beira-Rio. Foram poucas as vezes em que fomos pegos, mas sempre acabávamos voltando, mesmo não sendo tão perto de casa.

“Será que eles acham que a gente vem pra cá fumar maconha?”, Raul me perguntara uma vez, enquanto descíamos os muitos lances de escada correndo, com o segurança da vez gritando para que parássemos. Nossos rostos deveriam aparecer nas câmeras de segurança, mas como nunca fizemos nada de errado além de entornar garrafas de vinho ou cerveja baratos, nos deixavam quase que em paz.

“Já teríamos caído dessa escada se estivéssemos chapados”, eu havia respondido, mas ria, tentando recuperar o fôlego apesar do sedentarismo. Os degraus em ziguezague me tonteavam, mas era um dos meus momentos favoritos. Me sentia em uma das aventuras de Alana.

Raul pulava os degraus de três em três, de magro e alto que era. Se eu fosse como Alana, conseguiria nos tirar dali com algum passe de mágica, ela sempre foi mais ágil que eu.

Depois de sair do apartamento de Raul, senti que precisava visitar aquele lugar mais uma vez, pois já não ia ali há algum tempo. Todos os lugares em que eu fui, eram regados à lembranças tristes ou amargas. No nosso estacionamento, não.

Dessa vez, eu não tinha trazido nenhuma garrafa porque queria estar lúcida para quando ela aparecesse, como eu acreditava que faria, pois já não haviam mais desculpas nem lugares a visitar e eu já estava cansada de andar pela cidade atrás de qualquer vestígio de que um dia ela ou Sebastian ou Gabriel tivessem sido reais. Era tão estranho estar ali sozinha já que meu irmão sempre me acompanhava e parecia não fazer sentido vir sem ele, mas eu precisava encontrar meus personagens por mim mesma e, por mais que amasse Porto Alegre e todos os seus prédios antigos do centro, a correria da Voluntários, o trânsito da Ipiranga às seis horas, todo o vermelho e azul em domingos de Gre-Nal, e o verde de todas as praças, eu não queria mais zanzar por aí como inseto envenenado.

Sentei no chão de cimento e abracei os joelhos para encarar as luzes e as estrelas. Não havia lua naquela noite de setembro; Raul comentaria que estaria tudo bem, que não era para eu me preocupar, que essa noite ele não viraria lobisomem. Que eu estava a salvo.

Eu sinto falta de estar a salvo.

— Por que tu acha que consegue escrever e eu não? — ele me perguntou uma outra vez, quando já tínhamos bebido duas garrafas de vinho de plástico.

— Tu já tentou?

— Não realmente, mas tu sempre soube o que queria fazer, sabe? Desde quando era criança. Foi sempre isso, escrever. Falar da Alana.

— Na verdade, Raul, não. — Mas era mentira. Eu era quem era por causa de três personagens.

— É aquela coisa de irmão mais novo, acho, ser meio perdido mesmo — Ele mal tinha completado vinte e dois anos e já achava que era o fim do mundo. Era um feixe de escuridão na personalidade tão solar de Raul que me incomodou.

— Mas não há cobrança da mãe para que tu seja qualquer coisa. A esquisita da família sou eu.

— Até isso tu tirou de mim.

Fiquei em silêncio porque nunca me pareceu que eu tirava alguma coisa de alguém, ainda mais de Raul. Sempre senti que *dava* algo para a vida dele, luz, cor, *magia*. Porra, ele era o primeiro a saber de cada novidade de Alana, eu *compartilhava* isso com ele. Eu esticava meu mundo para que ele também entrasse porque é isso que irmãs mais velhas fazem.

— Por que fantasia?

— Quê? Acho que tu bebeu demais.

— Não, sério, Luisa, por que fantasia? Por que sempre Alana, Sebastian e Gabriel?

— Já parou pra pensar que talvez eu só seja péssima em escolher nomes?

— Também, porque Sebastian é o nome mais brega de todos.

O Sebastian em questão estava a poucos metros de nós, segurando um velho livro aberto nas mãos, e falando palavras em alguma língua que eu teria que escutar melhor depois. Na frente dele, Alana brilhava, algo em seu peito era dourado como as luzes da cidade e um portal para outra realidade se abria para eles.

Não consegui ouvir o que meu irmão me perguntava então me virei de volta para ele e sorri pedindo desculpas, um gesto tão meu como encarar o nada.

— Isso que tu faz!

— Do que tu tá falando?

— Isso que tu faz é estranho pra cacete, sabe?

Era a primeira vez que ele me dizia algo assim e eu fiquei sóbria na hora. Eu podia ouvir aquilo de todo mundo, mas não dele. Não quando tudo que eu escrevia era *para ele*.

Mas era mesmo?

Se Raul não estivesse lá para ouvir minhas histórias, eu pararia de escrevê-las? Eu pararia de ver Alana?

— Por que tu tá fazendo isso?

Raul sorriu com seus dentes tortos, o mesmo sorriso que me deu ao me ouvir contando histórias a primeira vez, a única diferença era a barba emaranhada e que agora ele tinha todos os dentes.

— Tu sabe quem é, Luisa? Sem tuas histórias?

“Sou a irmã mais velha e bêbada do Raul, o cara mais insuportável da face da terra. Eu devia ter convencido a mãe a te dar pra adoção quando eu tive a chance.

— Sabe, Lui-ii-sa, sem mim, tuas histórias não existiriam.

A última vez que tínhamos estado ali fazia um pouco mais de um ano e Alana, Sebastian e Gabriel ainda apareciam, mas aquela pergunta de Raul ficou comigo mesmo depois da bebedeira passar, “Tu sabe quem é, Luisa? Sem tuas histórias?”. Foi quando passei a me questionar se eu era capaz de escrever outras coisas, sozinha. Se eu era capaz de ser qualquer outra coisa além da guria, agora mulher, que via coisas e escrevia sobre elas depois.

Se eu saberia viver sem Alana. Se eu teria coragem.

Foi quando percebi que eu queria tentar.

Sinto o tempo mudar a minha volta e estremeço de frio. O céu, antes escuro e estrelado, agora é rosa como todo o vinho bagaceiro que eu e Raul compartilhamos tantas e tantas vezes. É o setembro gaúcho, inconstante e úmido e eu me esforço para não fazer uma analogia horrível à minha alma.

Eu quero culpar meu irmão por ter me feito titubear sobre quem eu era, sobre minha devoção aos meus personagens, sobre o que eu queria da vida. Eu queria culpá-lo por não estar ali.

Quando os primeiros pingos de chuva começam a cair, eu tiro as botas e as meias, me levanto e caminho até à beirada do estacionamento. O parapeito de proteção foi feito para

carros, não para pessoas metidas à aventureiras. Estou do lado de trás do prédio, ninguém é capaz de me ver lá de baixo, nem os poucos carros que passam riscando o asfalto já molhado. Talvez um segurança noturno me veja em alguma câmera, mas eu me arrisco e subo no parapeito de qualquer maneira.

A pele dos meus pés é pálida contra a noite e a chuva gela meu corpo como o mar a havia gelado há poucos dias. Não faço ideia de que dia seja hoje. Eu perdi a noção de tempo quando eles foram embora. Encaro meus pés, as unhas com um esmalte descascado, já pela metade. Não lembro bem da cor, se café ou roxo, já faz tanto tempo que parei para prestar atenção em qualquer detalhe de mim.

Desde que eles se foram, essa é a primeira vez que me sinto na beira do mundo e é aqui que eu vivo. É aqui a que eu pertença. No meio-fio, corda-bamba, linha divisória. Não estou exatamente em dois lugares ao mesmo tempo, estou bem no meio, no limite.

Naquela noite, Raul também tinha ficado ali em cima e aberto os braços. Nós dois ríamos como os jovens indestrutíveis que éramos.

— Se tu disser que é o rei do mundo, eu te atiro lá embaixo — eu brincara e Raul, como todo irmão mais novo, se equilibrou com apenas uma perna, apenas para me desafiar.

— Se eu cair, tu vai colocar isso em alguma história tua?

Meu sorriso morre na hora. Porque eu queria tanto contar para ele como funcionava, mas tinha medo. Era coisa minha. Ainda que eu compartilhasse meus personagens com ele, eles eram meus. Meu segredo. Eu tinha tanto medo de fazer com que eles se esvanecessem no ar quando eu falasse deles.

— Não é assim que funciona — foi tudo que respondi.

— Vamos, me diz que criatura fantástica Alana se transformaria pra me salvar?

— Não é assim que funciona, Raul, agora desce daí.

Escuto a voz de Raul como se no meu ouvido, “desde daí”, mas algo me trava bem ali, bem na ponta.

Se eu pular, invado o mundo de Alana, eu penso. Se eu pular, invado a realidade de Alana, Sebastian, Gabriel. Se eu pular, será que invado também a realidade de Raul? A realidade em que ainda estamos todos juntos, como há um ano? Como quando eu acreditava saber quem eu era?

Quando ter Alana me bastava?

Quando viver assim, à beira, era tudo que eu queria?

Se eu pular, eu penso, eu pulei, e acaba tudo isso.

A chuva molha meu corpo, mas não tremo. Eu sequer respiro, suspensa entre as realidades, flanando sem pender para lado nenhum. Apenas ali.

Eu existo.

Me permito respirar e desço do parapeito sem olhar para baixo de novo. Não posso pular porque agora eu sei:

Alana não está lá para me salvar e talvez ela nunca tenha estado.

LUISA GONÇALVES

AO AMANHECER, LEVAVA
CONSIGO DUAS COISAS:
UM SEGREDO E UM AMOR

ALANA

E A PROMESSA DA LOBA

Para Raul,
Que sempre cumpre suas promessas (menos a de parar de fumar!).

I

Tinha sido ensinada a correr sempre que sentisse aquele cheiro, algo como sangue doce e pólvora. Os pés obedeciam ao instinto, cravando em folhas secas e galhos pelo caminho. Pulava as raízes das árvores sem sequer pensar nelas. A terra era fofa e levemente úmida por entre seus dedos. Trancou o sorriso que sempre ganhava seu rosto quando corria livre assim — seu pai não aprovaria ver o quão bem se sentia, ainda mais com *humanos* por perto. Mas era tão bom... Era apenas o cheiro da terra, do sereno e do sol entrando por seus pelos até penetrar na carne quente. Isso é vida, pensava, isso sim é vida.

Até que ouviu o primeiro estalo, *tiro*. Os pássaros voaram para ainda mais alto, cantando apavorados, avisando a todos para se manterem à distância do invasor. Ouviu outros animais também dispararem, mas ela acabou congelando, indo contra a qualquer treinamento que já tivera. Tinha sido vista? Por que atiravam? Era apenas um caçador normal ou caçavam a ela?

Escondeu-se atrás de uma árvore e esperou, ouvidos afiados. Botas na terra, machucando o solo. Era tudo tão errado. O olfato também era capaz de sentir o cheiro sobre o qual foi alertada a vida toda: sangue doce, pólvora... mas havia outro ali, como suor e verão, quase como água limpa.

A curiosidade ainda iria matá-la, sabia, mas Alana não podia se conter. Era mais forte que ela, nunca havia visto um tão de perto. E o cheiro de água limpa, de rio, era tão tentador... Não poderia ser tão ruim, poderia? Sentia que podia se esconder qualquer coisa... Sabia que era mais rápido que ele.

Espiou por detrás da árvore e teve que trancar a respiração. Que criatura mais esquisita que era um humano, foi o primeiro pensamento. Depois, desejou ter aquela pele lisa durante o tempo todo... As mãos, os dentes, os olhos. Queria ser sempre daquela forma. O tempo todo, pediu, o tempo todo.

Talvez seu choramigo lupino tenha a denunciado, pois agora o humano olhava diretamente para seus olhos. Sabia que, se corresse, ele atiraria. Se tentasse atacá-lo, ele atiraria. Se ficasse parada, ele atiraria. Era o que seu pai e os mais velhos do bando contavam. *Os humanos, diziam, atiram por qualquer coisa.*

O que ela poderia fazer?

Os olhos do humano eram tão escuros quanto seu cabelo, dando-lhe certo contraste com a pele clara. Ela pensou que ele seria mais claro ainda, todo dourado, pelo cheiro de verão que emanava. Mas agora, ele simplesmente parecia uma noite de verão, escura, perigosa e que logo iria embora.

Se encaram por muito tempo, ao que Alana acreditou, ouvindo os batimentos cardíacos do humano que, ao contrário do que esperava ouvir de uma presa, estavam tranquilos. Ele parecia mais admirá-la que temê-la. Sentiu-se meio boba por estar ali sendo admirada por um humano, quando tinha sido treinada para atacar o primeiro que visse, mas se pegou o admirando também.

Ele usava roupas, trancando o corpo dentro de grossos tecidos e ela, sem querer, percebeu que queria ver como ele era sem elas. Como era um humano totalmente humano. Não como ela e seu bando, humanos apenas uma semana por mês, tendo que aprender a andar em duas pernas toda vez, feito filhotinhos de qualquer mamífero, desengonçados. Sem contar as mãos, aprender a usar o polegar, como caçar e os dentes, os frágeis dentes dos humanos... Quando finalmente seus corpos se acostumavam com a nova forma, a lua cheia ia embora e eles voltavam a serem lobos.

— O que você é? — ele perguntou e Alana deu um pulo de susto por ouvir a cadência daquela voz. Não era nada como ela esperava, mas não sabia dizer o que esperava. Conhecia as palavras, o bando falava aquele idioma quando humanos, não com tanta fluência e naturalidade, mas conhecia as palavras.

Com assombro, viu o homem se aproximar, passos firmes, ainda que a postura de seu corpo indicasse cautela. Ele também era treinado, percebeu, para lidar com feras como ela. Sentiu-se, então, em pé de igualdade com aquele humano.

O homem aproximou-se ainda mais e Alana acabou rosnando, mais por instinto que por medo. Ele congelou no lugar como ela o fizera ao ouvir o disparo minutos antes. Seus olhos escuros eram tão bondosos, notou. Profundos como a noite de verão que ele emanava.

— Tá tudo bem — ele disse, levantando as mãos, rendendo-se ao que quer que Alana planejasse fazer. Havia algo naquele homem que a impedia de sair correndo e não era apenas a arma de fogo — Você vai me atacar? — perguntou.

Ela não sabia como responder, como ele a entenderia? Então ele fez algo que Alana nunca esperou de um humano: ele largou a espingarda no chão e a olhou bem fundo nos olhos, a escuridão no amarelo, indicando que a não a machucaria.

— Eu sei que você não é um lobo normal — o homem falou e mais uma vez ela se sobressaltou, todos os pelos dourados de seu corpo arrepiaram-se — Mas eu não vim para machucá-la.

Foi a vez de Alana de se aproximar, com pegadas leves na terra, tão leves que mal faziam barulho. Passos de uma predadora. Foi a primeira vez que ele demonstrou medo desde que a vira. O coração finalmente batia acelerado e suor brilhava em seu lábio superior. Ela gostou de perceber que estava no poder.

Com o focinho, rabiscou no chão a palavra “sim”. Não tinha certeza se escrevera certo, o cérebro, quando humano, parecia entender e captar as coisas de maneira diferente. O corpo de lobo não compreendia, não sabia fazer alguns movimentos, não se lembrava. Só o que mantinha dos dias humanos era um eco... Como se o que se lembrasse de tudo fosse a alma.

O coração do humano bateu ainda mais rápido. Alana era capaz de ouvir o sangue correndo pelas veias dele. O suor aumentava. Não era mais medo, percebeu, era fascínio. Ele abriu um sorriso tão grande que ela se viu refletida ali, como havia sorrido um pouco antes de encontrá-lo. Isso sim era vida.

— Eu sabia que vocês existiam — ele exclamou, levantando-se da posição curvada em que estava, assustando-a um pouco pelo entusiasmo — Eu sabia!

Alana ficou parada, contendo um sorriso ela mesma, enquanto ele andava de um lado a outro, exclamando baixinho palavras que ela não conseguia entender de tão rápido.

— Você se importa de eu me sentar? — ele perguntou, indicando a raiz da árvore em que ela havia se escondido. Alana acenou com a cabeça, esperando que ele entendesse como positivo.

— Me chamo Sebastian — o homem disse ao sentar-se. Estavam próximos agora e ela *realmente* sentia o cheiro do suor dele que ainda a fazia pensar em verão.

Então ele contou a ela, com a voz cadenciada de um sonhador, que a sua família vinha há gerações pesquisando e explorando sobre os tais lobos que viviam na floresta, atrás da casa deles. Alana não deveria conhecer a casa, pois ficava a alguns quilômetros do parâmetro que o bando permitia, mas ela sempre foi uma rebelde. Observa a casa desde que era pequena, uma grande construção em pedra e vidro, mas que nunca pareceu nada além de aconchegante, com a chaminé sempre soltando fumaça. Nas suas próprias explorações, ela

tomava cuidado para não ser vista e não ver ninguém. Havia algo no seu coração que sabia, assim que sentiu o cheiro e ouviu o batimento de Sebastian, que ele pertencia àquela casa.

A casa para qual desejava fugir uma vez por mês.

Fez outro aceno com a cabeça, incentivando o humano a continuar falando. Percebia, pelos raios de sol que entravam pelas frestas das árvores, que logo teria que ir embora, voltar ao bando, antes que seu pai viesse buscá-la.

— Talvez você se pergunte por que o interesse da minha família na sua família — gostou de como ele não falou “espécie” ou algo assim, deixando-os, mais uma vez, próximos — Meu avô encontrou o diário do avô dele e de como ele havia desistido da lua para se casar com a minha avó. A princípio, parecia um conto de fadas, quase como uma poesia... Acreditávamos que ele estava apenas romantizando a história deles... Você consegue me entender?

Sebastian voltou a olhá-la nos olhos, tão intensamente que, mesmo se ela não estivesse entendendo, passaria a entender como se lesse a mente dele. O que havia de escuridão naquele olhar, havia de profundidade, mas também de gentileza.

Alana assentiu mais uma vez. Só queria ouvir o final daquela história, antes que seu pai chegasse, antes que fosse arrastada para longe... Nem queria imaginar o que sua família faria com aquele humano tão entranhado na floresta.

— Mas, indo mais a fundo na história, ficamos com a impressão de que aquilo tudo era verdade... O avô do meu avô tinha sido lobo antes de ser humano.

Foi a vez dela de exclamar baixinho e andar de um lado para o outro. Aquilo era impossível. Se fosse verdade, o bando passaria a história de geração para geração, como a família dele tinha feito. Se fosse verdade... A maioria escolheria não mais se transformar depois de ser humano, pois a dor era terrível. Era fogo nas articulações, agulhas na carne e pancadas nos ossos.

Ninguém gostava de passar por aquilo.

Mas era apenas uma história idiota. Se houvesse escolha, todos seriam capazes de escolher.

— Você acha que é mentira? — Sebastian perguntou ao ver a agitação dela — Eu também não acreditava de todo coração, mas agora, aqui, vendo você... — então ele esticou o braço e roçou a ponta dos dedos na pelagem do rosto dela, tão perto dos dentes, e sem medo algum. Apenas um leve roçar que significava entrega definitiva; o homem se despindo à fera.

Alana não teve escolha senão se apaixonar por ele.

Mais uma vez, desenhou na terra, agora um grande círculo, e pediu aos antepassados, os seus e os dele, que Sebastian entendesse o que ela tentava lhe dizer. Apontou para o círculo, apontou para ele, apontou para si mesma. Fez gestos para o céu. Por favor, pedia, por favor, me entenda.

Talvez ele apenas tenha entendido por já conhecer a lenda de seu povo e o poder da lua sobre cada um deles.

— Lua cheia, você diz? — ele esperou que ela confirmasse assentindo, o que Alana fez, enfática, e voltou a apontar para si e para ele — Você quer que eu volte na lua cheia? — os olhos do humano brilhavam contra o entardecer e ela desejou que fosse com a ideia de voltar a vê-la — O que acontece na lua cheia? Achei que fosse quando vocês se tornavam lobos...

Alana balançou a cabeça, negando, ansiosa. Estava escurecendo, precisava ir embora. Os dois corriam perigo e ela queria manter aquele homem, aquela tarde, aquele sentimento, apenas para ela, tanto quanto fosse possível.

Ao lado da lua cheia, desenhou o símbolo de uma lemniscata. Um dos poucos símbolos que o bando guardava da vida humana. Mais uma vez, esperou que ele entendesse.

— A lua cheia para sempre? *Infinita*? — Sebastian a encarou por vários minutos até entender e sorrir, meio assombrado, meio fascinado. Percebeu que gostava de como ele era transparente, ainda mais em uma conversa difícil como aquela — Você quer ficar na lua cheia para sempre?

Alana confirmou e deu uns pulinhos, sentindo-se leve. Queria que ele percebesse que aquela careta lupina que fazia também era um sorriso.

— No diário do meu avô há instruções de como fazer, ninguém nunca parou para prestar atenção... — ele se calou, deixando o pensamento levá-lo para longe. Alana deu um rugido para que voltasse, precisava ir embora.

— Em duas semanas, eu volto, e sem *isso* — prometeu Sebastian, colocando a arma esquecida no ombro. O objeto parecia agora lhe causar certa repulsa. Antes de ir, tocou-lhe mais uma vez os pelos da face, contornando agora os olhos amarelos de lobo.

O coração de Alana era leve quando correu de volta ao seu bando. Levava com ela duas coisas que não tinha ao sair aquela manhã para caçar: um segredo e um amor.

DEZESSEIS

Depois do episódio do estacionamento, eu me tranquei em casa. Tomei banhos demorados e cafés quentes. Joguei garrafas e latas vazias fora. Limpei cada superfície empoeirada e mofada do meu apartamento. Cortei e lixei cada unha, e arranquei cada pelo do meu corpo. Avisei meu editor que não entregaria nada naquele ano e ele entendeu, “estamos sabendo por tudo que você tem passado, obrigado por finalmente ter entrado em contato! Estamos torcendo para que tudo fique bem”. Minha relação com o pessoal do mundo literário era quase de família; eles me conheciam desde que eu era muito nova e eu tinha acompanhado cada contrato novo, casamento e divórcio com um entusiasmo quase genuíno que durante os eventos era representado por abraços e muitas poses em fotos, todos equilibrando seus livros contra o peito, desejando que a capa fosse mais chamativa para aparecer mais que a dos outros.

Paro e olho ao redor. A limpeza deveria me incomodar, pois não parece casa, pelo menos não aquela em que eu vinha vivendo nos últimos meses. Mas eu me encontro satisfeita, como se desse para riscar um item de uma lista invisível de afazeres de uma vida adulta. Consigo imaginar Raul orgulhoso com a cena, me dando tapinhas no topo da cabeça, tal qual faria com um cachorro, dizendo que eu finalmente cresci, como se eu não tivesse passado os últimos meses feito uma adolescente recém-saída de casa, com altas tendências ao alcoolismo e sem noção nenhuma de autopreservação.

O problema, Alana, é que crescer sempre foi me separar de ti. Não sei onde essa lei está escrita nem qual homem a inventou, mas é o que me perguntavam, meio afirmavam, a cada ano e a cada livro publicado: “Você não acha que agora que já tem vinte anos vai parar de escrever fantasia?”, “Você não acha que está na hora de escrever sobre alguma outra coisa?”, “Com até que idade você pretende continuar escrevendo sobre fadas, vampiros e essas coisas?”. Todos viam meu crescimento como uma divisão do meu ser em que eu teria que largar e deixar para trás essa parte de mim e eu que me virasse sem ela. Eu que me virasse. Me pergunto o que diriam então se soubessem que eu não apenas escrevia “sobre essas coisas”, mas também era capaz de vê-las. Me mandariam parar de sonhar? Me trancariam em alguma clínica onde espetariam cada centímetro meu tentando algum diagnóstico? Matariam meus amigos imaginários jogando na minha cara cada conta que eu

não consegui pagar, cada fruta que deixei apodrecer na geladeira, cada louça que não lavei, os impostos que não declarei?

Me pergunto se vocês sumiram porque eu fiz vinte e cinco anos, como meu útero me lembrando de gerar uma criança. “O relógio está correndo”. Talvez seja como em histórias e profecias de heróis. Ao invés de receber uma carta aos onze anos me mandando para uma escola de bruxaria, ou um anel capaz de me deixar invisível, eu ganhasse outra coisa para escrever que não fosse fantasia. Meus personagens sumiram para que eu passasse a escrever sobre quão miserável é a minha vida sem eles.

Percebo que me tornei o clichê do qual sempre fugi: o artista incompreendido, olhando o vazio sem ver nada, caneca de café esfriando na mesa ou uma taça de vinho com marca de batom. Só me faltou um cigarro entre os dedos e o olhar misterioso que é apenas insônia.

Deus, como eu sou patética.

Queria que a casa limpa refletisse minha cabeça. Queria que a paz da rua existisse também dentro de mim, se já me joguei no clichê mesmo.

Preciso admitir que estou apenas enrolando. Eu sei aonde devo ir. Eu sei o que devo fazer. Soube disso desde o primeiro dia quando acordei e me dei conta que estava sozinha. Quando encarei por horas uma parede branca que era da mesma cor da página que me encarava de volta.

Minha jornada não acabou só porque estou cansada de andar. Eu deveria ter aprendido alguma coisa com Alana. Eu deveria ter aprendido *alguma coisa* durante todo esse tempo.

Mas eu sempre me escondi, não é mesmo? Eu sempre me esquivei, escorregadia feito a pele de um dragão sem garras e sem poder de fogo.

Foi como me deixaram: sem armas para lutar.

É nisso que uma contadora de histórias se torna quando não tem mais histórias para contar? Um guerreiro sem espada? Uma feiticeira sem poder mexer os dedos mágicos e falar palavras esquisitas? É nisso que me tornei? Pegaram de volta minha carta de aprovação na escola de magia e bruxaria? Tiraram meu nome da urna que me indicava como tributo e me jogaram para fora da arena? Não sou mais filha de um anjo, nem o maior desejo de um vampiro que não se alimenta de sangue? Meu tio não tem aventura nenhuma esperando por mim?

Se no alto daquele prédio eu descobri que não poderia voar, o que pode ser óbvio para todos, eu também descobri onde tudo acabaria, qual seria meu último vilão em um jogo que nunca quis jogar.

Ai, Alana, não me faça dizer que eu precisava da tua mão agora, do abraço forte do Sebastian e de algum conselho sábio do Gabriel.

Todos sabem como todas histórias terminam.

DEZESSETE

Eu sabia que estava exatamente onde deveria estar, exatamente o lugar que vinha evitando há vários meses, mas eu não queria estar ali, não quando meu peito doía a ponto de me fazer andar curvada, segurando a barriga e sufocando um grito na garganta. Cada passo naquele gramado, que não deveria ser bonito mas era, me fazia querer sair correndo na direção contrária. Tudo que me segurava era o desejo de colocar um ponto final naquela história, na minha história.

Eu precisava acabar com aquilo.

Passava pelos nomes escritos em pedra e metal sem ler nenhum deles, ignorando o vento que parecia me perseguir, jogando meu cabelo contra meu rosto e tornando-se uma desculpa perfeita para minhas lágrimas.

Se eu gritasse, percebi de maneira quase extracorpórea, não haveria ninguém ali para me ouvir. Eu estava sozinha e constatar isso não era o que doía, não dessa vez. Eu vinha me acostumando com a ideia da solidão, do silêncio, mesmo que isso fizesse de mim uma traidora. Mas eu também havia percebido que não queria gritar. Eu estava apenas cansada, prestes a bater no chão do ringue e pedir por água ou abraço de mãe.

As lápides continuavam a passar por mim em borrão e a última vez que eu tinha estado ali pinicava na minha memória, um inseto querendo entrar pelo vidro sujo da janela fechada.

E eu lembro apenas da minha mãe chorando, nossas mãos juntas como nunca antes, e eu tocando na pele dela com quase repulsa porque havia algo pegajoso ali, mas ela era minha mãe e era isso. Era tudo que eu tinha, eu me dera conta. Ela era tudo que eu teria até não ter mais.

Da mesma forma que eu tivera Alana, Sebastian, Gabriel... Da mesma forma que eu tivera Raul.

Paro diante da lápide que traz o nome do meu irmão escrito em letra pequena e brilhante. Ele odiaria aquilo, tenho certeza absoluta disso. Odiaria a polpa, o dourado feito de latão que vai desbotar, o “amado filho e irmão” como se ele não tivesse sido mais nada da vida além de filho e irmão, além de meu e de minha mãe, quando Raul sempre foi tão dele próprio, quase impenetrável, quase visível apenas para mim da mesma maneira que Alana.

Por muito tempo depois que meu irmão morreu, eu me pegava me perguntando se não o tinha inventado também, se ele não era personagem meu, um amigo imaginário criado pela minha imaginação infantil para não ter que lidar com a separação dos meus pais sozinha. Por quase uma semana inteira, eu evitei ver ou falar com minha mãe ou qualquer amigo de Raul, queria guardar essa esperança de que ele era inventado, porque se fosse, eu podia inventá-lo de novo, colocar no papel que ele ainda estava vivo. Se ele fosse invenção minha, ainda estaria vivo, ainda estaria aqui, comigo, me dizendo com voz pequena e frágil de cinco anos, “vamos, Lui-ii-sa, vamos, me conta uma história”. Mas Raul sempre foi a parte real da minha vida e agora tinha se ido.

O cemitério vazio de vida não me incomoda como acreditei que incomodaria. É apenas dor que trago em mim e não uma dor ardida, não mais. É quase, quase aceitação.

No enterro de Raul, cada amigo dele que também era meu me abraçava e dizia “você não está sozinha, viu?”, mas eu tinha ficado sozinha desde então, e não apenas por que Raul tinha morrido, mas porque ali, entre aquele amontoado de osso e roupa puída embaixo da terra, havia sido a última vez que Alana, Gabriel e Sebastian haviam aparecido.

Lembro de Alana parada atrás de mim, falando algo sobre estar também morta e ser invisível e era tudo que eu não queria ouvir. Então Sebastian apareceu vestido todo de preto como se soubesse que deveria estar vestido assim, com um crucifixo no pescoço, e tão próximo de Alana que eu só queria que eles sumissem. Eles tinham um ao outro, sempre tiveram, sendo vampiros, fantasmas, fadas, sereias ou enfrentando um fim do mundo. Eles tinham um ao outro e eu poderia falar a respeito disso um dia inteiro, do quão forte era a relação deles, a ligação entre almas, e seja lá o que qualquer um queira dizer antes de me lembrar que são personagens, então, talvez, seja possível que não tenham alma. Se eles, que me acompanharam por tanto tempo, não eram reais o suficiente para possuírem uma alma, então quem seria? Raul? Minha mãe?

Eu lembro de odiar esses três, Alana, Gabriel e Sebastian, pela primeira vez de forma genuína. Eu não os queria perto de mim, não naquele momento, e, se Deus me ajudasse, não os queria perto de mim nunca mais porque eles eram um pedaço da minha vida da qual eu egoistamente me orgulhava por ser só meu e por não precisar compartilhar com Raul do jeito que era certo, pois ele não os via, apenas eu, apenas eu... E eu já não os queria.

Não quando Raul não estaria mais lá para ouvir a história antes de todos. Não quando eu não queria contar mais história nenhuma.

Me ajoelho ao lado da lápide do meu irmão, a calça jeans molhando na grama ainda com sereno, o que me faz perceber o quão cedo é. Minha noção de horário, ou qualquer coisa que aconteça no mundo fora de mim, foi perdida desde que Raul se foi, e eu me dou conta disso agora, do perigo de estar sozinha ali naquele momento, um cemitério vazio, e eu posso gritar, percebo, eu posso gritar até doer cada músculo do meu corpo que já não dói mais, que ninguém estará ali para me ouvir, para me socorrer, me salvar. Ou, eu posso gritar até Raul voltar à vida e me mandar parar de drama, como muito já fizera, apesar de mais novo, e seguir em frente.

É isso.

Seguir em frente.

Antes que eu me pergunte “mas seguir em frente para onde?”, fecho os olhos e descanso a testa nos joelhos; respiro fundo. É isso.

Eu preciso acordar.

Sei qual é o próximo lugar a ser visitado da minha lista e sei também que não vou encontrar ninguém lá, porque eles se foram, realmente se foram. Então eu os deixo ir.

Me despeço da lápide de Raul como me despeço de Alana, de Sebastian, de Gabriel, dessa parte da minha vida. Meu maior problema, durante todo esse tempo, foi ter acreditado que eles, meus personagens, eram toda a minha vida. Eu já existia antes deles.

Eu sigo existindo depois.

Com Raul a mesma coisa.

Fora dessa história eu existo.

Eu existia antes da escrita e preciso aprender a existir sem ela. Eu preciso aprender a existir sem que seja inventada. Uma vida minha. Preciso voltar para a minha realidade, realidade que existia antes de Alana, antes de me ver com canetas entre os dedos e rabiscando cadernos. Eu preciso pular para a minha realidade e me encontrar de volta lá ou criar uma totalmente nova.

Tenho medo.

Não quero.

Mas a realidade em que Raul já não existe é dura demais para suportar e, infelizmente, ele compartilha da mesma realidade de Alana e os outros — é uma realidade que eu não quero mais.

Levanto do chão e passo os dedos sobre o nome de Raul e o metal é frio contra minha pele, me despertando ainda mais. Não sei se ele sabia o quanto era amado. Não sei se eu sabia o quanto ele me amava também. Espero um dia poder reler cada história que criei e pensar da mesma forma, com o mesmo sentimento agri-doce com o qual encaro seu nome ali. Quem saiba eu consiga até sorrir com uma saudade boa, coisa que nem sei se existe, mas eu quero saber...

Eu saio do cemitério sabendo que vou chegar em casa, ligar o computador e escrever. Sozinha. E não vai ter ninguém lá para ouvir essa história primeiro. Mas eu não me importo mais com isso.

Não.

Eu só quero escrever. Criar uma nova realidade. Uma que doa menos. Uma com a qual eu saiba conviver. Beber da fonte que verte, eu sinto agora, jorrando de mim mil palavras, páginas inteiras, com magia ou sem. Nunca é a seco. Verte. Se espalha feito fogo molhado, lambendo pernas, dedos e lábios. Só quero chegar em casa e escrever. Quero contar essa história, para que nela Raul viva para sempre.

E, talvez, Alana, você seja a primeira a ouvi-la.

Essa história é para ti e começa assim:

“A primeira vez que eles apareceram eu tinha dez anos e meu irmão não parava de chorar. Eu o amava muito, mas, naquela noite, desejei matá-lo com uma de suas meias de super-herói enfiada na boca até que tudo ficasse em silêncio...”.

A DESCONSTRUÇÃO DE LUISA

1. Te dou um nome, te faço real então

Antes de mais nada, é preciso ressaltar que este romance demorou muito tempo até conseguir receber um nome *definitivo*. Sem nome, levava no título “Projeto Luisa”, vazio de profundidade e nada criativo, ainda que eu o considerasse espirituoso, moderno, na tentativa de não precisar voltar a pensar no assunto. “Projeto” é algo sem forma definida, aquilo do qual temos apenas uma ideia, sem noção certa de como acabará. Tudo que temos é um querer, um anseio que precisa ser saciado. Assim como Luisa, o meu objetivo era apenas um: escrever. Acredito que seja esse o objetivo de todo escritor, acadêmico ou não.

Entretanto, a minha ideia para “Projeto Luisa” falava mais sobre a formação de Luisa como escritora, formação como humana, não uma formação acadêmica. Pensava se tratar de uma “grande sacada”: a narradora passa o romance inteiro atrás de seus personagens, mas o projeto ali é ela; quem está sendo formado a cada lugar revisitado é ela. Genial.

Logo, minha autoestima foi posta em seu devido lugar e eu passei a sentir a necessidade de nomear o livro com “um nome de verdade”, até porque me vi desejando fugir da ideia de Romance de Formação, *Bildungsroman*, que trata justamente sobre a evolução do personagem central, que Arnold Hauser (1972) declara que pode se tornar a história da formação de um mundo no qual a cultura individual passa a ser a fonte mais importante da cultura e da perspectiva social.

Há, evidentemente, evolução em Luisa, mas não é o esperado em todos os personagens centrais em quaisquer obras? O foco em *Eu vivo à beira* seria outro, decidi, na condição arbitrária de escritora, ainda que não soubesse exatamente que foco seria esse.

Eu vivo à beira é mais que isso, pensei, com a autoestima sendo elevada novamente. Era preciso um foco, um objetivo. Foi quando recorri à Clarice Lispector, como sempre, obedecendo sem pestanejar ao primeiro dos dez mandamentos de Horacio Quiroga em *O Decálogo do perfeito contista* (2009, p. 12): “Crê num mestre como na própria divindade”. *Eu creio, eu creio*.

Pensando, então, nas palavras de Clarice e em como nome é algo importante, ainda mais para ela que foi roubada do seu, tendo que abandonar o Chaya e apertuguesá-lo para Clarice quando sua família migrou para o Brasil – “Me deram um nome e me alienaram de

mim.” (LISPECTOR, 1978, p. 09) – e toda a sua busca pela essência das coisas físicas e metafísicas, o tal do inominável *it*, me vi sendo obrigada a admitir que nome é fator importante, senão decisivo, na construção de um romance.

E não querendo negar meu lado pretensioso, percebi que faria como Clarice: nomearia o livro com uma frase de um outro livro, como fizera ela aos dezenove anos ao chamar seu primeiro romance de *Perto do coração selvagem* (1943), citação direta da obra de James Joyce, *Retrato do artista quando jovem* (1916), “Ele estava só. Estava abandonado, feliz, perto do selvagem coração da vida.” (JOYCE, 1926, p. 121). Peguei, então, meu livro favorito de Clarice, *Água viva* (1973), e dele puxei o título do livro de Luisa, de um dos trechos que mais me marcaram em toda a obra de Clarice:

Também tenho que te escrever porque tua seara é a das palavras discursivas e não o direto de minha pintura. Sei que são primárias as minhas frases, escrevo com amor demais por elas e esse amor supre as faltas, mas amor demais prejudica os trabalhos. Este não é um livro porque não é assim que se escreve. O que escrevo é um só clímax? Meus dias são um só clímax: vivo à beira. (LISPECTOR, 1973, p. 07)

Foi como se um mar estivesse sendo aberto diante de meus olhos e eu enfim percebesse, encontrasse o foco que procurava, a minha fuga do Romance de Formação, tudo isso na palavra *beira*. Beira é quase abismo, é um quase-cair-mas-continuar-aqui, e é exatamente isso que faz Luisa durante todo o livro: ela pende entre realidade e fantasia. Estava aí o tema que eu procurava: beira, porque há invasão da fantasia no real através da metalepse narrativa, assim como há também a fantasia invadindo e ocupando espaço do real com uma narração impossível. Não posso negar, ainda, que eu mesma, na condição de escritora, viva à beira entre ficção e realidade, bem na divisa onde eu termino e começa Luisa. Aqui temos uma obra fronteira, em que, talvez, o objetivo seja exatamente subverter tanto realidade quanto fantasia, fantasiar uma realidade bem na beirada do abismo.

2. A realidade de Luisa

Para se pensar em elementos fantásticos ou sobrenaturais pulando a linha imaginária do real, é preciso, antes de qualquer coisa, delimitar a realidade, mesmo que pareça impossível fazê-lo em uma obra de ficção. Qual a realidade de Luisa e por que tal realidade é

invadida por algo que não é *real*? A realidade de Luisa jamais será a mesma realidade do leitor por ela já ser ficcionalizada?

David Roas (2001) falará que a realidade é uma construção fictícia, uma invenção simples. Ele chega a essa conclusão em suas *Teorías de lo fantástico* após analisar alguns escritos de Jorge Luis Borges e perceber que o que pretendia o escritor argentino em seus textos fantásticos era demonstrar que o mundo lógico em que a humanidade acredita viver, esse é governado pela razão e por categorias imutáveis, não é real.

La realidad es incomprendible para la inteligencia humana, pero eso no ha impedido al hombre elaborar multitud de esquemas que intentan explicarla (filosofía, metafísica, religión, ciencia). Y el resultado de la aplicación de dichos esquemas de pensamiento no es la explicación del universo sino la creación de una nueva realidad: el ser humano, incapaz de conocer el mundo, crea uno a la medida de su mente. (ROAS, 2001, p.38)

Clarice Lispector (1973) também falará que escrever é esse inventar realidade. E, enquanto escritoras, tanto eu quanto Luisa, é isso mesmo que fazemos: criamos uma realidade para que possa ser aceitável uma vida nela. A realidade de Luisa é extensível e acaba por comportar também Alana, Sebastian e Gabriel, assim como dragões, sereias e fadas.

Para Borges (1957, p. 69), a imprecisão (no caso, elementos fantásticos em uma narrativa), apenas é aceita ou verossímil na literatura porque sempre pendemos para a realidade. Mesmo com tais elementos, ao lermos alguma obra, o que nos prende de maneira inconsciente, instantânea, são os fatores “não interessantes”, os comuns, naturais ao ser humano.

Vemos y oímos a través de recuerdos, de temores, de previsiones. En lo corporal, la incoscienza es una necesidad de los actos físicos. Nuestro cuerpo [...] sabe tratar con escaleras, con nudos, con pasos a nivel, con ciudades, con rios correntosos, con perros, [...] sabe tal vez matar: nuestro cuerpo, no nuestra inteligencia. Nuestro vivir es una serie de adaptaciones, vale decir, una educación del olvido. (BORGES, 1957, p. 69-70)

A realidade de Luisa, enquanto território, é uma Porto Alegre invernososa de 2018 ou 2019. Ainda com os *flashbacks* da narradora, temos todos os elementos de realidade dos quais Borges falou que conhecemos, os comuns: temos uma cozinha amarelada bem no início do romance, a tela do computador de Luisa que brilha com o cursor do mouse se

movimentando, gritando o silêncio da sua não escrita, uma suja rodoviária como em toda cidade, assim como uma praça ou a escola de sua infância.

Elementos de realidade mais fortes durante a história são os de sinestesia em relação a aromas: a pipoca em contraste com o sangue de dragão que Luisa vê pela primeira vez, o cheiro do mar e os tapetes de seu apartamento que emanam as taças de vinho derrubadas.

É sempre na normalidade que Luisa é invadida por Alana, Sebastian ou Gabriel. Os artifícios fantásticos adentram quando o real parece real demais, lugar-comum para o leitor.

Meu desejo, enquanto realidade para a história, era essa urbanização dos passos de Luisa: queria mostrar a cidade, ainda que sem citar bairros ou ruas, mas queria que houvesse no leitor um certo reconhecimento, “ah, consigo me ver aqui”, para que, quando Luisa enxergasse seus personagens, essa normalidade fosse realmente quebrada, abalada. Quanto mais banal fosse o ao redor de Luisa, mais mágicas seriam as aparições dos personagens.

Tais passagens em que, de maneira simultânea, se desenvolvem cenas de realidade e fantasia, acabaram por se tornar as cenas mais divertidas de escrever, porque a *beira* estava bem ali: a beira era Luisa e seu lápis rabiscando papel, tentando captar com a maior honestidade o que apenas ela era capaz de ver.

Há uma passagem em *Eu vivo à beira* que retrata tal contraste de realidades, quando Luisa se recorda de andar na chuva com seu irmão Raul e ver Alana por perto. Ao contrário dela própria, que estava ensopada, Alana não tinha nem o cabelo úmido: “Era quando eu lembrava, assim, quando chovia no meu mundo e no dela fazia sol, é que eu lembrava que ela não era real.”.

3. A fantasia de Luisa

Igualmente à Luisa, eu cresci em volta da fantasia, assim como toda criança, que consome fantasia sem perceber. Nos desenhos animados, não há quem não tenha algum superpoder ou saiba fazer magia. Há meninas poderosas que, com seus bastões, fazem personagens de cartas saírem do papel e virarem seres corpóreos prontos para ajudá-las a salvar o mundo. Há algum gato que sempre está disposto a conversar e a julgar cada uma das ações da mocinha. Têm crianças que capturam criaturas fantásticas para obterem insígnias, e sempre há algum portal em algum lugar que brilha e leva o herói para uma terra em ruínas.

Da mesma maneira, em todos os filmes aos quais eu assistia, sempre havia algum mistério sobrenatural para ser resolvido: cavaleiros sem cabeça, garotos com mãos de tesoura ou estrelas cadentes que são mulheres de longos cabelos prateados e que podem salvar o mocinho que passou a amar de verdade, do fundo do coração. Cresci crendo que, se você acreditasse muito e tivesse apenas pensamentos felizes, você seria capaz de voar e, mais tarde, aprendi com Douglas Adams (2009) que, na verdade, para voar, tudo que você precisa fazer é enganar a gravidade, não deixá-la perceber que você está no alto.

A ideia da fada-madrinha nunca me chamou atenção porque quem possuía o poder não era a garota que contava história. Não era das mãos dela que saía a mágica, e logo descobri que podem existir escolas em que se aprende a fazer poções, encantar criaturas e salvar o mundo mágico de um terrível vilão, assim como conheci homenzinhos de pés peludos que vivem em casas ainda menores e tentam proteger um anel. Também conheci um armário pelo qual eu poderia atravessar e virar a rainha de um mundo encantado em que leões falam e o gelo tenta predominar. Enquanto crescia, meu maior medo ao deixar a infância para trás era que eu perdesse a ideia de fantasia no mundo, que eu parasse de acreditar que as sombras nos cantos do quarto são criaturas de dedos feito garras me observando dormir e não apenas ilusão de ótica. Tive muito medo de que meus desejos feitos às estrelas cadentes não fossem acontecer porque eu havia parado de acreditar ou, que, quando os planetas se alinhassem, no meu completar de dezoito anos, não surgisse uma luz sobre a minha cabeça me dando uma missão de vida ou morte para salvar a todos que eu conheço.

Talvez seja essa a resposta para quando me perguntam “por que escrever fantasia?” – para continuar acreditando que é possível voar para explorar outros mundos. Para Luisa, os motivos podem ser outros (ela escreve apenas o que vê. Acredito que se ela fosse capaz de ver outro tipo de história, escreveria sobre isso também).

A estudiosa de literatura fantástica Rosemary Jackson (1981) afirma que, ao apresentar aquilo que não pode ser, mas é, a fantasia expõe a definição de uma cultura daquilo que *pode ser*: traça os limites de seu quadro epistemológico e ontológico. Luisa, ao se deparar com Alana pela primeira vez, tem sua realidade violada e acaba exposta justamente a essa fresta no real que é o “não pode ser, mas é” e se vê simplesmente aceitando os elementos não-reais.

A fantasia incorpora uma “subjetividade negativa” – isto é, fantasia é fantasia porque contraria o real e o viola. O mundo atual está constantemente presente na fantasia, pela negação ... fantasia é o que não

poderia ter acontecido; o que não pode acontecer, que não pode existir ... a subjetiva negativa, a não pode ou não pode, constitui de fato o principal prazer da fantasia. A fantasia viola o real, o contraria, nega e insiste nessa negação por toda parte. (JACKSON, 1981, p. 22. Tradução minha)

Fantasy embodies a “negative subjectivity” – that is, fantasy is fantasy because it contravenes the real and violates it. The actual world is constantly present in fantasy, by negation... fantasy is what could not have happened; i. e. what cannot happen, that cannot exist... the negative subjectivity, the cannot or could not, constitutes in fact the chief pleasure of fantasy. Fantasy violates the real, contravenes it, denies it, and insists on this denial throughout. (JACKSON, 1981, p. 22)

Nessa primeira vez, quando Luisa está fazendo pipoca para assistir a um filme com seu irmão no quarto e Alana aparece, “como um furacão”, arrebatando a realidade conhecida até então, a primeira reação de Luisa é encantamento, fascínio: “Ela era a criatura mais linda que eu já tinha visto e parecia tão de carne e osso ali no meio dos nossos azulejos engordurados e armários um de cada cor que nem tive coragem de me mexer para não quebrar o encanto.”.

Porém, logo depois, um elemento da realidade corta a cena: o micro-ondas apita e Luisa chega a pular de susto. É quando precisa confrontar, de maneira racional, sem o véu do fascínio, o que está acontecendo. “Antes que Raul viesse correndo para queimar os dedos no saco de pipoca quente e desse de cara com toda aquela cena, ou pior: antes que ele aparecesse e não visse nada e eu apenas confirmasse que estava imaginando tudo”. Colocada entre as duas opções, uma em que é real o que acontece e a outra em que é apenas imaginação, Luisa coloca o leitor justamente no que Todorov chamaria de cerne do fantástico.

Em um mundo que é o nosso, que conhecemos, sem diabos, sílfides, nem vampiros se produz um acontecimento impossível de explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. Quem percebe o acontecimento deve optar por uma das duas soluções possíveis: ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto de imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos. Ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário, ou existe realmente, como outros seres, com a diferença de que rara vez o encontra. (TODOROV, 1980 p. 15)

Logo a seguir, ainda no transcorrer desse primeiro contato, Luisa se encontra mais uma vez nessa vacilação (ou hesitação), ao perceber que Raul, seu irmão, não é capaz de ver o que ela vê, que, no momento, é Alana, em roupa de amazona, conversando com um velho bem aos pés da cama em que os irmãos estão deitados. “*Você não está vendo nada disso?*”

Como você não vê? Como???, eu quis sacudir meu irmão pelos ombros, agarrar a cabeça dele em direção à guerreira na capa e ao homem velho com quem ela conversava agora. Como você pode simplesmente não ver?'. Tal necessidade de Luisa, em ratificar como real o que vê, aumenta a hesitação do leitor:

O fantástico implica, pois, uma integração do leitor com o mundo dos personagens; define-se pela percepção ambígua que o próprio leitor tem dos acontecimentos relatados. Terá que advertir imediatamente que, com isso, temos presente não tal ou qual leitor particular, real, a não ser uma “função” de leitor, implícita ao texto (assim como também está implícita a função do narrador). A percepção desse leitor implícito se inscreve no texto com a mesma precisão com que o estão os movimentos dos personagens. (TODOROV, 1980 p. 17)

Cabe, portanto, à Luisa sair da beira e optar por alguma solução lógica sobre o que acontece com ela. Quando, ao sentir que tinha, pela primeira vez desde o nascimento do irmão, uma coisa que pertencia somente a ela, no caso, a visão de Alana, e resolve guardar para si e apenas partilhar de maneira arbitrária o que vê – através de um contar histórias – Luisa transforma, então, aquele elemento de fantasia como pertencente à realidade. Aquela torna-se a realidade aceita e verossímil em seu mundo. Logo, Luisa vive em uma “maravilha”, que Todorov (1980, p. 22) explica ser, justamente, quando a escolha acontece, quando se admite que o fantástico exista no real: “o fantástico não existe nem para o personagem, que não considera suas visões como produto da loucura mas sim, como uma imagem mais lúcida do mundo”.

A mesma vacilação seguida de comprovação de que algo sobrenatural está ocorrendo acontece nos primeiros capítulos de fantasia também, os capítulos de livros escritos por Luisa.

No primeiro, por exemplo, *Alana e a maldição dos dragões*, quando a princesa Alana é acordada com o calor do fogo e os gritos de seu povoado para deparar-se com a cena do reino em chamas, pergunta ao seu amigo Sebastian o que está acontecendo:

— Dragões — respondeu seu amigo, as feições ruivas ainda mais vermelhas contra o calor azul das chamas — Estão destruindo o povoado, comendo nossas ovelhas e matando nossos homens.

Alana não pode fazer nada além de rir. Aquilo era impossível, e os dois já não eram crianças para esse tipo de brincadeira.

— Isso não existe.

Mas seus olhos lhe provaram que existia.

A primeira reação com o contato ali é seguida de descrença, enquanto a de Luisa havia sido fascínio, mas logo é comprovado que tudo ao redor está mesmo acontecendo: com Alana, quando ela tira a espada para lutar e, com Luisa, quando ela pega os personagens que vê para si e os toma como sua própria realidade (e ofício para a vida). São as escolhas que as personagens fazem que denotam o fantástico, e Luisa opta por acreditar no que vê e nunca mais duvida que aquilo seja o seu real.

Ao voltarmos para Rosemary Jackson (1981), ela afirma que a fantasia (*Fantasy*), quando artifício de escape da realidade, torna-se “domesticada”, humanizada, transformando explorações transcendentais em transcrições de uma condição humana. Nesse sentido, a fantasia assume sua função própria: transformar esse mundo. No caso de *Eu vivo à beira*, a fantasia serve para transformar o mundo de Luisa; dá a ela uma profissão, escritora, assim como parece dar também um sentido para a sua vida, tanto que, ao se ver impedida de escrever, impedida de compartilhar o mundo real com o de Alana, percebe-se perdida, sem saber o que fazer com ela mesma, pois não se conhece mais sem a fantasia – que se tornara elemento real e fundamental de sua vida.

Fantasy ou fantasia, não é um termo, dentro do gênero fantástico, muito estudado, ainda que nos últimos anos uma grande variedade de material com elementos fantasiosos passou a ser disseminado na cultura popular, tanto em livros, quanto em filmes, desenhos animados e videogames. Assim como dito anteriormente, tanto eu quanto Luisa crescemos submersas na fantasia. Rose Jackson indica que, por muito tempo, classificou-se como *Fantasy* tudo aquilo que não cabia nas categorias do fantástico de Todorov.

Ao tentar definir a fantasia de alguma maneira, Jackson chamará de *literatura de subversão*, pois, assim como a antiga menipeia, move-se facilmente no espaço entre este mundo, um submundo e um mundo superior. E, ao citar Bakhtin, traz o conceito de que a excentricidade destrói a integridade épica e trágica do mundo, em que se é formada uma brecha no estável, no curso normal dos assuntos humanos e comportamento humano livre de normas predeterminantes e motivações. É subversiva porque dá voz ao submundo, às criaturas que vivem à margem da sociedade. Ou seja, a fantasia trata de elementos que convivem com a realidade do mundo humano, mas à espreita, na escuridão, como os vampiros, ou nas montanhas, como dragões. O mundo segue humano, mas é um mundo compartilhado.

Exatamente por definir a fantasia como voz dada aos seres à margem, que foi como acabei escolhendo as criaturas fantásticas que colocaria como personagens de Luisa, queria criaturas que pudessem ser encontradas no mundo da realidade, mas que estiveram sempre escondidas, à beira, e que, logo no início de cada história – até porque escreveria apenas um primeiro capítulo de cada – essa criatura fantástica se chocaria com a realidade ali retratada, transformando vidas ordinárias em *algo* mágico, exatamente da mesma forma como acontecera com Luisa quando Alana subverte seu mundo comum em *algo a mais*. Ou, nas palavras de Jackson, no “que não pode ser, mas é”.

4. A invasão no mundo da Luisa

Já era do meu conhecimento o conceito de metalinguagem, recurso em que se escreve sobre e como o que se escreve, recorrente na literatura em geral, que Samira Chalhub (2005) define a como a perda da aura, uma vez que dessacraliza o mito da criação, colocando a nu o processo de produção. Genette (2010, p.17) também falará da metaficção, em seu ensaio sobre os cinco tipos de transtextualidades, mas chamará de metatextualidade: “O terceiro tipo de transcendência textual, [...] é a relação, chamada mais correntemente de “comentário”, que une um texto a outro texto do qual ele fala, sem necessariamente citá-lo (convocá-lo), até mesmo, em último caso, sem nomeá-lo”.

É um assunto que sempre me interessou muito, ainda mais quando decidi que gostaria de escrever uma história em que o narrador seria também escritor, na minha necessidade de falar sobre o ato de escrever (ou, como na maioria das páginas de *Eu vivo à beira*, da não escrita).

Contudo, ao trazer uma personagem para o mundo real da narradora e escritora Luisa, percebi que vinha fazendo mais que apenas escrever sobre escrever (ou não escrever). Havia níveis ali sendo ultrapassados, barreiras sendo quebradas. Me vi à beira de alguma coisa que não conhecia. Foi quando me deparei com o conceito de Metalepse e fiquei muito feliz em descobrir que havia um nome para o que eu vinha tentando fazer com Luisa e Alana, algo que ratificasse a minha realidade e não me deixasse à mão da esquizofrenia que é a criação às cegas.

Carlos Reis (2016, p. 20) puxa o conceito de Metalepse de Genette, explicando que, ao analisar, na ficção e na construção de certos universos ficcionais, que a metalepse são

esses movimentos de transposição das fronteiras da ficção, dos limites convencionalmente (e rigidamente) estabelecidos para a esfera de ação do autor e das personagens. São intrusões do narrador ou do narratário no universo narrativo; é quando, por exemplo, com Luisa e Alana, o personagem sobre o qual o narrador-escritor escreve “pula” para o mesmo campo de realidade do narrador-escritor. Personagem e escritor passam a compartilhar do mesmo mundo.

A construção do sujeito regida pela metalepse ficcional é, então, verdadeiramente uma subversão da personagem narrativa (e também do narrador) convencional, remetendo para efeitos sociopolíticos transliterários e transficcionais que induzem, a partir da ficção, novas formas de experimentar o real e novos modos de ser sociais. (REIS, 2016, p. 18)

Reis ainda discorre sobre como esse artifício literário aparece regularmente em universos cinematográficos, em que tal fronteira pode demarcar-se com nitidez, como limite físico e convencionando entre ficção e realidade, é quando a quarta parede do drama é quebrada, assim como a tela do cinema. Um bom exemplo de metalepse ocorrida no mundo cinematográfico, e Reis (2016, p. 21) também cita, é o filme *A rosa púrpura do Cairo*, de Wood Allen, quando realidades se fundem e acabamos com um filme dentro de filme, em que personagens se tornam reais dentro de um mundo de personagens.

O salto do ecrã para a plateia, que a personagem Tom Baxter ousa dar, é tão surpreendente como são os termos em que Fernando Pessoa vacila, quanto à natureza – real ou ficcional – das figuras de que se foi povoando o seu universo pessoal: “Não sei, bem entendido, se realmente não existiram, ou se sou eu que não existo. Nestas coisas, como em todas, não devemos ser dogmáticos” (Pessoa, s.d:199) (REIS, 2016, p. 21)

Além do filme de Woody Allen, também podemos exemplificar metalepse no filme *O Show de Truman*, de Peter Weir, em que o personagem de Jim Carrey se descobre personagem de sua própria vida e tenta desesperadamente sair da condição de personagem do *reality show* em que fora protagonista sem saber a vida inteira e que é assistido no país inteiro.

Mais um exemplo de filme, dessa vez até mais próximo de Luisa e Alana, é *Mais Estranho que a Ficção*, de Marc Forster, em que, numa quarta-feira aparentemente normal, Will Ferrell passa a ouvir sua vida sendo narrada pela voz de uma mulher que descobre ser, mais tarde, a escritora que o criou. Compartilham da mesma realidade, pois Ferrel percorre a

cidade atrás de sua criadora que vive um bloqueio criativo, já que o personagem “criou vida sozinho”.

Entretanto, nem Alana nem Sebastian ou Gabriel sabem que são personagens de Luisa. Meu objetivo era que ela apenas os visse e esse seria o único contato que teriam; não haveria interação entre eles, mesmo que Luisa lhes escreva diretamente, rogando por atenção. Compartilham, sim, por alguns instantes a mesma realidade, mas são intocáveis, ainda que Luisa consiga sentir cheiros e ser invadida por sensações na realidade dos personagens. Os personagens estão à parte, do outro lado da beira. A única interferência que fazem na realidade de Luisa é psicológica, porque quem perde instantes da própria realidade é apenas ela. Assim como Luisa parece também não ser capaz de interferir no que vê. É uma mera espectadora, como ela mesma diz, não uma criadora. Torna-se escritora apenas quando passa para o papel, e a arbitrariedade será apenas a escolha das palavras que usará para descrever ao que assistiu.

5. Com quem Luisa Fala

Não foi difícil encontrar uma voz narrativa para *Eu vivo à beira*: a voz de Luisa surgiu sem que eu pensasse muito, logo no início, quando a primeira frase da história, “A primeira vez que eles apareceram eu tinha dez anos e meu irmão não parava de chorar.”, pulsou em mim produzindo o que Manuel Bandeira chamará de “deslumbramento” ou que Luiz Antonio de Assis Brasil classifica como “big bang”, “a circunstância de surgir do nada uma ideia pronta para uma narrativa com começo, meio e fim, relatada por vários ficcionistas” (BRASIL, 2019, p. 25). A história de Luisa não “veio” assim tão inteira, mas eu já a conhecia antes mesmo de pô-la no papel, assim como ela percebe quem é Alana antes de ouvir alguém chamá-la por seu nome.

Enquanto escrevia a história de Luisa sob um narrador em primeira pessoa, fazendo uso uma focalização interna, “quando a história é vista, sentida e ‘vivida’ pelo personagem” (BRASIL, 2019, p. 209), meu maior receio era no quanto de informação eu passaria ao futuro leitor, pois desejava que a profundidade no conhecimento da história de Luisa fosse crescente no decorrer dos capítulos e seus respectivos *flashbacks*, quase com em um desbravamento por sua vida.

Assis Brasil (2019, p. 208) falará que uma das peculiaridades desse tipo de focalização é que “nem sempre é interessante que o leitor conheça todos os eventos da história”, exatamente o elemento que eu procurava explorar. Há na busca de Luisa um descobrimento acerca de si mesma que eu desejava que fosse feito de mãos dadas com o leitor.

[...] irá para a narrativa apenas o que o personagem vê, sente, experimenta, pensa. O resto dos elementos terá de ser imaginado pelo personagem e, junto, pelo leitor. Em contrapartida, pode ser uma vantagem se quero escrever uma história com uma visão unilateral dos fatos. (BRASIL, 2019, p. 211)

Enquanto escrevia, ainda lá no primeiro capítulo, percebi que a aproximação entre Luisa e Alana precisava ser maior; precisava haver mais intimidade, já que elas pareciam tão intrincadas uma na outra. Tal aproximação só aconteceria se Luisa falasse diretamente com Alana e com os outros personagens, Sebastian e Gabriel, porque são eles a causa de seu desespero. É a eles a quem ela sempre recorreu e é a eles a quem ela chama quando pergunta várias vezes “Onde vocês estão?”.

Essa mudança de narratário, quando Luisa deixa de apenas “contar” sua história, mas se dirigir diretamente à Alana, é o que Brian Richardson chamará de “Narração multipessoal”, quando há mais de uma voz narrativa e elas “competem entre si”.

[os textos multipessoais] Podem ajudar um escritor a reproduzir com mais precisão as fissuras retalhadas de uma subjetividade única; eles também podem fornecer ferramentas alternativas para definir de forma mais clara – ou implodir com mais eficiência – distinções convencionais entre diferentes personagens, mundos narrativos que competem entre si ou narrativas dentro da narrativa.¹ (RICHARDSON, 2018, p. 130)

Nesse mesmo capítulo, Richardson cita que, dentro da narração múltipla, há uma categoria, na qual *Eu vivo à beira* se encaixa, que é a narração impossível: consiste em “textos metalépticos que [...] envolvem uma espécie de quebra ontológica de estruturas que é típica de obras pós-modernas”. Richardson fala nesse trecho exatamente dessa troca de uma pessoa narrativa por outra, mas, principalmente, no âmbito de criador e criatura, autor e

¹ Tradução de Nicole Didio do capítulo quatro (“I, etcetera: Multiperson narration and the range of contemporary narrators”) do livro *Unnatural Voices: Extreme Narration in Modern and Contemporary Fiction*, de Brian Richardson (Ohio University Press, 2006). - Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará - UEPA Jul-Set 2018 ISSN Eletrônico: 2318-9746

personagem, “a voz narrativa frequentemente se refere a outras personagens e vozes que ela então revela como sendo ficções inventadas por ela mesma”.

No capítulo em que Luisa volta à escola onde ela e o irmão estudaram, por exemplo, duas narrativas acontecem ao mesmo tempo: temos uma cena externa, em que Luisa interage com uma das professoras, e pergunta se existe algum problema em ficar pelo pátio para “pesquisa” de um novo livro (toda a cena se passando com um narrador em primeira pessoa; e uma cena interna, em que Luisa conversa diretamente com Alana e ainda respondendo à questões que se passam externamente):

“Eu devo estar com uma cara horrível, pois a primeira coisa que ela me diz ao me ver é o quanto eu pareço cansada.

Mas eu estou cansada, Alana, estou cansada o tempo todo”.

Tais quebras continuam permeando a história, pois eu queria que o diálogo (ainda que ocorra apenas do lado de Luisa, já que os personagens nunca respondem) se mantivesse, mesmo que nem Alana nem os outros permanecessem com ela. Não queria que a ligação entre eles fosse totalmente anulada com o “sumiço” dos personagens.

Brian Richardson (2006)² trará um nome para esse diálogo que ocorre de um lado só em uma narrativa: interlocutor, “uma voz impessoal que postula questões que a narrativa irá responder. [...] O narrador articula prováveis ou apropriadas questões que tanto a narrativa quando os públicos podem ter”. Dentro desse conceito, classificará justamente essa prática discursiva que tem forma de diálogo, embora seja monológico, como “catecismo impessoal”.

Luisa, seria, então, essa interlocutora em seu catecismo impessoal, usando Alana, Sebastian e Gabriel apenas como instrumento para discorrer e questionar sobre elementos que ou a história responderá mais tarde ou que um possível leitor poderá vir a fazer, ou, ainda, talvez esteja ela apenas colocando em “voz alta” os seus pensamentos.

Enquanto um narrador em terceira pessoa, ainda que em discurso indireto livre, dê certo distanciamento e impessoalidade na narrativa, o que eu poderia ter feito, minha ideia era, ao mudar a voz de Luisa para uma fala direta a seus personagens, era mais que tudo aproximar Luisa desses personagens e, em certa passagem, também de Raul, quando ela visita a casa do pai e percebe que ele não pretende deixá-la entrar: “Não temos o que fazer

² Texto encontrado em “Tree extreme forms of narration and a note on Postmodern Unreliability”. In: *Unnatural Voices*. Traduzido por Paulo Ricardo Kralik Angelini. Revisão Michele Carilo. Disponibilizado na disciplina Teorias da Narrativa I, Prof. Paulo Ricardo Kralik, no PPGL PUCRS, Segundo semestre de 2018.

aqui, Raul. Não temos o que fazer aqui, Alana”, puxando uma figura do *flashback* (quando Raul, ainda menino, fugira para a casa de seu pai) para o presente narrado, misturando, mais uma vez, as narrativas.

6. Luisa, tu também és personagem

Um dos primeiros conselhos que qualquer pessoa que deseja escrever ficção recebe, acredito eu, seja “escreva sobre o que você conhece”, o que dirá Luiz Antonio de Assis Brasil com muito mais classe: “O melhor é escrever sobre o que conhecemos a partir de nossas vivências e infatigáveis leituras” (ASSIS, 2019, p. 19). Mas haverá um limite que o escritor possa ultrapassar? O quanto eu ultrapassei ao criar Luisa? Ou não ultrapassei limite algum?

Ao escolher escrever *Eu vivo à beira* em primeira pessoa, na focalização interna de Luisa, eu sabia que esbarraria em sua personalidade. Não há como se distanciar tanto assim de um personagem, não quando se precisa estar imerso em seu mundo por, pelo menos, dois anos, da mesma forma que ela esteve imersa em Alana durante toda a vida.

Antes de qualquer história, quem apareceu primeiro foi Luisa: eu sabia seu nome, sabia que escreveria fantasia desde nova, sabia sua faixa etária e que moraria em Porto Alegre, características que compartilhamos e que, portanto, me deixariam num ambiente confortável por estar escrevendo “sobre o que eu conheço”, seguindo à risca o conselho de Assis Brasil.

Quando essa focalização interna em primeira pessoa se torna *muito próxima* do escritor, passa a se ser vista como autoficção, “e ainda quando o autor não se julga no dever – o ficcionista, aliás, não tem dever algum – de explicar se aquela história aconteceu ou não com ele” (ASSIS, 2019, p. 19). Entretanto, durante o processo de escrita, percebi que não era o caso de autoficção em *Eu vivo à beira*; mesmo que haja elementos dos quais eu não posso negar semelhança (o mais forte deles, possivelmente, esteja no nome da personagem, Luisa, nome que já compartilho com mais duas pessoas na família e, por isso, talvez, ao contrário de me aproximar da personagem, me distancie, pois não pertença a mim), são apenas elementos que compartilhamos, características da personagem e é tudo. Acredito que a *beira* esteja exatamente aí: onde começa Luisa e eu termino, em uma beira bem delimitada.

Vicente Colonna (2014, p. 39) também falará de autoficção, trazendo um conceito próximo do que foi feito em *Eu vivo à beira*, porém, ainda refutando o que eu acreditava estar

fazendo quando pensava tratar-se de autoficção: “Diferentemente da postura biográfica, esta não se limita a acomodar existência, mas vai, antes, inventá-la; a distância entre a vida e o escrito é irreduzível, a confusão impossível, a ficção de si total”.

Como Luisa, invento uma realidade muito próxima à minha, mas *diferente*, ainda que as vozes se fundam, até como Luisa e Alana: “Talvez se, naquela época, eu já conseguisse admitir que há em Alana tudo que eu gostaria de ser, fosse mais fácil deixá-la para trás. Ela é uma guerreira. Uma bruxa. Enfrenta dragões e mata bandidos. Tudo que eu tenho é medo”, as vozes se fundem, mas não são a mesma – é apenas um paralelo entre criador e criatura.

E tal relação entre escritor e personagem é algo que sempre me interessou e que ocorre em muitos livros, mas citarei *Um sopro de vida – Pulsações* (1978), de Clarice Lispector, em que há um diálogo, também direto, entre o personagem “Autor” e “Ângela”, quando o autor se pergunta o que Ângela seria, se ela sabe que é personagem:

Ou é a metade viva de mim? Ângela é mais do que eu mesmo. Ângela não sabe que é personagem. Aliás eu também talvez seja o personagem de mim mesmo. Será que Ângela sente que é um personagem? Porque, quanto a mim, sinto de vez em quando que sou o personagem de alguém. É incômodo ser dois: eu para mim e eu para os outros. (LISPECTOR, 1978, p. 14)

Percebo, então, que formamos uma relação triangular, eu, Luisa e Alana. Cada camada inventada, ficcionalizada; eu sei de Luisa que sabe de Alana. Cada camada traz traços autoficcionalizados, ou não, e eu e Luisa estamos aqui para inventar realidades, não explicá-las.

7. A jornada de Luisa

Em 1949, o antropólogo norte-americano Joseph Campbell lançava seu livro *O herói de mil faces* em que discorria sobre a percepção que chegara ao analisar centenas de contos e histórias: todas elas possuíam elementos comuns em sua narrativa, o que chamou de “monomito”, elementos que faziam, em sua maioria, referência a rituais de passagens experimentados pelo herói da história.³

³ Informações retiradas do site: <https://medium.com/@zepds/em-1949-joseph-campbell-escritor-norte-americano-nascido-em-1904-escrevera-uma-obra-sobre-a9294b0f74cc> Acessado em: 05/01/2020, às 17:00

A função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás. Com efeito, pode ser que a incidência tão grande de neuroses em nosso meio decorra do declínio, entre nós, desse auxílio espiritual efetivo. Mantemo-nos ligados às imagens não exorcizadas da nossa infância, razão pela qual não nos inclinamos a fazer as passagens necessárias da nossa vida adulta. (CAMPBELL, 1949, p. 22)

Campbell (1904) elencou em dezessete o número de fases que o herói de uma história costuma passar para ter sua jornada completa. Tal estudo acabou por se tornar modelo de narração das histórias modernas encontradas em várias mídias, sejam elas na literatura, no cinema e em videogames: “As ideias que Campbell expressa em seu livro estão tendo um grande impacto nas narrativas. Os escritores estão cada vez mais cientes dos eternos padrões que Campbell identifica, e enriquecem seu trabalho com eles” (VOGLER, 2006, p. 24).

Os exemplos mais famosos que fizeram uso do modelo de Campbell (1949) são citados no livro *A jornada do escritor* (2006), lançado pelo escritor e cineasta Christopher Vogler (1949), são eles: *A saga Star Wars*, o filme *E.T.*, *Mágico de Oz*, de Victor Fleming, e assim por diante.

Na literatura de fantasia, encontramos muitos heróis passando pelas fases elencadas de Campbell, como em *Senhor dos Anéis* (2000) de J. R. R. Tolkien, *Harry Potter* (1997), de J. K. Rowling e *Jogos Vorazes*, de Suzanne Collins (2008).

Em seu livro *A jornada do escritor* (2006), Christopher Vogler (1949) corta para doze o número de fases experimentadas/sofridas pelos heróis das histórias e faz de sua obra um modelo a ser seguido por escritores e roteiristas:

A Jornada do Herói é uma armação, um esqueleto, que deve ser preenchido com os detalhes e surpresas de cada história individual. A estrutura não deve chamar a atenção, nem deve ser seguida com rigidez demais. A ordem dos estágios que citamos aqui é apenas uma das variações possíveis. Alguns podem ser eliminados, outros podem ser acrescentados. Podem ser embaralhados. Nada disso faz com que percam seu poder. (VOGLER, 2006, p. 38)

Na criação de *Eu vivo à beira*, como muitos escritores, também fiz uso dos passos elencados por Vogler (1949), principalmente nos primeiros capítulos das obras de fantasia escritas por Luisa. Desejei que cada capítulo tivesse o suficiente para chamar a atenção de um possível leitor (de Luisa e meu) e que tivessem os elementos encontrados nas fases iniciais de uma Jornada do herói: “O mundo comum” e “O chamado à aventura”, com este último sendo

a parte final do capítulo, como por exemplo em *Alana e a maldição dos dragões*, cuja história inicia com a apresentação do mundo em que ela vive – uma realidade que comporta tais criaturas sobrenaturais – e com uma missão sendo dada à heroína: ela precisa encontrar Sebastian, que foi levado por eles.

Acredito que foi inevitável, então, fazer que Luisa também passasse por sua própria aventura, tirando-a de seu confortável papel de espectadora e jogando-a no protagonismo da heroína.

Ela tanto quis ser como Alana que conseguiu sem perceber.

Mas a jornada de Luisa começa lá no início, quando ela se encontra de frente ao elemento sobrenatural, que aqui é Alana guerreira matando dragões, enquanto a menina está em sua cozinha fazendo pipoca para o irmão, ou é quando ela acorda e percebe que seus personagens não estão mais lá?

De maneira arbitrária, decido aqui que a jornada de Luisa começa quando ela se vê sozinha pela primeira vez, pois a fase inicial da Jornada do Herói é a apresentação do “Mundo Comum”, e o mundo comum de Luisa é ela enxergar Alana, Sebastian e Gabriel. É justamente a perda desse elemento que a faz sair de casa na missão que é encontrá-los.

Quando Luisa diz: “Há três dias eu acordo e não há no meu quarto nem amazona, nem dragão, nem nada. É a primeira vez que estou sozinha.”, é quando vemos esse mundo comum ruir.

O segundo passo da jornada é o “Chamado à aventura” e vimos isso acontecer quando Luisa se levanta “no sétimo dia como em um ato bíblico, disposta a resolver tudo aquilo, a achar alguma explicação para Alana ter sumido.”, porque é quando acontece o primeiro movimento da parte da heroína; seu mundo comum foi destruído e agora ela precisa fazer algo a respeito. É o que Luisa faz ao se dirigir para a casa da sua infância, pois acredita que visitar lugares em que foi “visitada” pelos três personagens é a saída mais lógica para a sua aflição; acredita que é ali que possa reencontrá-los.

Vogler (1949) explica esse segundo passo como aquele que “estabelece o objetivo do jogo, e deixa claro qual é o objetivo do herói: conquistar o tesouro ou o amor, executar vingança ou obter justiça, realizar um sonho, enfrentar um desafio ou mudar uma vida” (2006, p. 29). No caso da Luisa, o objetivo é reencontrar seus personagens para assim, e, acreditando ela, *somente* assim, voltar a escrever.

Na mesma cena em que Luisa está na casa da mãe, relembrando sua trajetória como escritora publicada e a primeira vez que viu Alana, acontece o terceiro passo da Jornada do Herói, que é a “A recusa do Chamado”, como ilustra Vogler (1949): “Agora é a hora do medo. Com frequência, o herói hesita logo antes de partir em sua aventura, Recusando o Chamado, ou exprimindo relutância. Afinal de contas, está enfrentando o maior dos medos — o terror do desconhecido.” (2006, p. 30). Vimos essa relutância acontecer em Luisa na cena citada quando ela diz que imaginava que “talvez Alana estivesse escondida no primeiro lugar em que apareceu, mas ao chegar na casa da minha mãe, quis desistir daquela palhaçada, dar meia-volta e esquecer”.

Mais para frente na história, já no capítulo cinco, temos novamente essa relutância de Luisa em ir atrás dos personagens, pois agora se encontra com raiva deles: “Eu já odiava Alana, Sebastian e Gabriel, e queria mais era que eles se fodessem e nunca mais voltassem mesmo, me deixassem viver em paz, me devolvessem todo o tempo perdido em função deles”.

Vogler (1949) diz que, então, que é “É necessário que surja alguma outra influência para que vença essa encruzilhada do medo — uma mudança nas circunstâncias, uma nova ofensa à ordem natural das coisas, ou o encorajamento de um Mentor” (2006, p. 30). Essa nova influência que convence Luisa a entrar de vez em sua aventura é dar-se de conta que não saberá escrever sem ver o que os personagens sempre apresentaram a ela. Percebe que não entende, sem eles, por que ainda existe: “Eu existia por causa de vocês, nunca foi o contrário, mesmo vocês vindo depois de mim”. Ao dar-se conta disso, que não sabe dizer quem é sem os personagens ou sobre escrever a respeito deles, é quando Luisa, enfim, aceita sua missão e passa a visitar outros lugares de sua infância, ainda que a contragosto e que lhe causam dor, como acontece com o local a seguir, que é a escola em que ela e o irmão estudaram.

A próxima fase é aquela em que acontece um encontro com a figura de um “Mentor”, que Vogler (1949) resume ao dizer que a função de tal figura é preparar o herói para enfrentar o desconhecido (p. 30).

Vejo em Luisa, no capítulo em que ela vai até a casa do pai, um desejo de encontrar nele essa figura de mentor, ainda que diga que “Não preciso de respostas dele. Eu e Raul nunca precisamos de nada dele. Ou foi o que nos obrigamos a acreditar”, ela sai de casa e vai em busca do pai, relembrando da vez que Raul, quando criança, fugiu e foi se esconder com

ele, e nem ela nem a mãe lembraram de procurar pelo garoto lá, de tão distante que era a realidade deles em que o pai ainda era uma presença.

Luisa vai em busca do pai porque se sente “pequena de novo e só quer um colo quente e uma mão desenredando seus cabelos”; ela procura aconchego e simpatia. Entretanto, ao perceber que o pai não é capaz de lhe dar nenhuma resposta, ela se revolta e o culpa por tudo que tem acontecido em sua vida, principalmente por ter parado de escrever, mostrando ao leitor que a figura dele de mentor não se sustenta, pois ele está longe de ser o que Luisa precisa.

Em contrapartida, temos Alana como uma figura invisível de Mentora de Luisa: é nela que a escritora se espelha, é como ela que Luisa deseja ser, pois “há em Alana tudo que eu gostaria de ser [...] Ela é uma guerreira. Uma bruxa. Enfrenta dragões e mata bandidos. Tudo que eu tenho é medo”. Durante toda a trajetória de Luisa, a vimos se espalhando na coragem de Alana para não desistir e enfrentar os percalços que surgem, e, até mesmo mais para o final da história, quando já se encontra cansada de ainda buscar por seus personagens, Luisa usa a imagem da força de Alana como comparação com a sua: “Minha jornada não acabou só porque estou cansada de andar. Eu deveria ter aprendido alguma coisa com Alana”.

Há com Luisa outra figura de Mentor, também invisível, que para mim está em Raul. É para *ele* que ela conta as histórias primeiro e são as lembranças compartilhadas com *ele* que ela acaba redescobrendo no decorrer da história ao visitar cada local importante na infância dos dois, motivada, o que descobrimos no final ao ser revelado que o irmão de Luisa faleceu, por seu luto.

Enquanto temos a figura de Alana como Mentora, pois é alguém a se espelhar, temos em Raul uma motivação, algo que Luisa também busca sem perceber, ou sem querer admitir, pois tudo que a move é o pedido do irmão de “Vamos, me conte uma história”.

A fase seguinte na jornada é a “Travessia do Primeiro Limiar”, que nada mais é que quando o Herói “Dispõe-se a enfrentar as consequências de lidar com o problema ou o desafio apresentado pelo Chamado à Aventura. Este é o momento em que a história decola e a aventura realmente se inicia” (VOGLER, 2006, p. 31). Em *Eu vivo à beira* temos essa parte bem delimitada e ela ocorre logo que Luisa sai da casa do pai e se vê na rodoviária ansiando para ir ao litoral, onde passava as férias de verão com o irmão na casa de uma tia, isso já adolescente. Inclusive, Luisa chega a dizer que percebe que não consegue voltar para a casa e que precisa ir mais longe dessa vez: “Meu corpo jamais se locomoveria para lá, havia algo

em mim me bloqueando, me impedindo, e eu sabia que era a casa vazia, que era o silêncio sanguessuga e as páginas em branco”.

Tal decisão de ir cada vez para mais longe de casa é o que nos leva à próxima fase da jornada, “Testes, aliados e inimigos”, que é quando o herói “encontra novos desafios e Testes, faz Aliados e Inimigos, e começa a aprender as regras do Mundo Especial” (VOGLER, 2006, p. 32). É nessa fase de *Eu vivo à beira* que conhecemos com maior profundidade a relação de Luisa com o irmão Raul, quando após uma decepção amorosa, ela busca conforto no irmão:

Ele já era maior que eu e me abraçou, me colocou deitada com ele e ficou falando sem parar que tudo ficaria bem, que tudo ficaria bem, que tudo ficaria bem... Exatamente como eu fizera toda noite de pesadelo dele, sem me importar de acordar com a cama molhada e ranho no travesseiro.

Percebemos, ali, que Raul é um Aliado de Luisa, sempre fora e, como vimos antes, uma motivação para continuar.

Por outro lado, em meio às provações, conhecemos uma figura de possível Inimigo de Luisa ao sermos levados ao encontro com um ex-namorado da escritora. Podemos vê-lo dessa maneira, pois ela mesma diz que o encontro lhe causa dor: “Meu corpo podia se lembrar da dor, mas a queria”.

Da mesma forma, é possível fazer uma leitura em que consideramos os próprios personagens de Luisa como seus maiores inimigos, pois eles a privaram de muitas coisas no decorrer da vida. Como, por exemplo, na cena citada acima, no encontro com o ex-companheiro de Luisa:

Alana, ele foi o único homem que eu amei e o abandonei por ti. Eu não fiz nada na minha vida além de te esperar aparecer e posso seguir com isso o que me resta dela. Apenas não entendo por que quer me causar tanta dor, como se eu já não tivesse o bastante.

Seguindo em *Eu vivo à beira*, podemos inserir aqui a fase seguinte da jornada, que consiste na “Aproximação da Caverna Oculta”, que é quando o Herói “chega à fronteira de um lugar perigoso, às vezes subterrâneo e profundo, onde está escondido o objeto de sua busca” (VOGLER, 2006, p. 33). Temos tal representação na passagem em que Luisa vai até à igreja em que seu irmão fez catequese por um tempo na infância. Ao descobrirmos mais tarde que Raul está morto, a imagem da igreja como lugar que Luisa busca para “pedir por milagres” ganha mais peso sentimental.

Na mitologia, a Caverna Oculta pode representar a terra dos mortos. O herói pode ter que descer aos infernos para salvar a amada (Orfeu) ou a uma caverna para enfrentar um dragão e ganhar um tesouro (Sigurd, nos mitos noruegueses), ou a um labirinto para se defrontar com um monstro (Teseu e o Minotauro) (VOGLER, 2006, p. 34).

É na igreja, também, que Luisa percebe que já não pensa em Alana há algumas horas, pois está relembrando do irmão e questionando a própria fé, dando a entender que talvez o que ela busque não seja a volta dos personagens em si, mas a volta de como as coisas eram antes, de quando seu irmão estava vivo, o verdadeiro “objeto de sua busca”: “Então me ajoelho, fecho os olhos, junto as mãos, e peço que nada, nada daquilo tenha acontecido e espero, quando abrir os olhos, ver todos ali na minha volta”.

A fase seguinte dos passos citados por Vogler (1949) é o de “Provação”, em que “se joga a sorte do herói, num confronto direto com seu maior medo. Ele enfrenta a possibilidade da morte e é levado ao extremo numa batalha contra uma força hostil” (VOGLER, 2006, p. 35). Vejo Luisa enfrentar vários momentos de Provação na reta final de *Eu vivo à beira*, mas os mais marcantes são aqueles em que ela se depara com a realidade de que o irmão está morto, mesmo que não fique claro ao leitor na hora da leitura. Como, por exemplo, nas duas passagens em que ela pega o telefone para ligar para Raul e então se dá conta do que está fazendo:

É quando a realidade me bate, é quando me vejo, quase como se fora de mim, me jogando no sofá e me colocando em posição fetal, meio grito meio choro mudo trancado na garganta, com força de me quebrar ao meio. É assim então que me sinto, quebrada.

Nesses momentos, percebemos que Luisa vem sofrendo por algo ainda mais profundo que apenas o desaparecimento de seus personagens e seu bloqueio criativo. Mas é quando ela vai até o apartamento de Raul que isso fica mais claro, pois ela o descreve como vazio. Por que o apartamento de Raul estaria vazio? Por que ele não aparece em nenhum momento durante a história senão em memórias e *flashbacks*?

Entretanto, o momento de maior Provação que Luisa passa durante a história é quando sobe no parapeito do prédio de estacionamento em que ela e o irmão iam para ver as estrelas e beber. Na passagem, é possível imaginar que Luisa pulará: “Se eu pular, eu penso, eu pulei, e acaba tudo isso”. Porém, lá no alto, a narradora se dá conta de outra coisa: ela existe. A

realidade em que vive é aquela e é isso que ela precisa aceitar. Percebe, também, que caso decida pular, “Alana não está lá para me salvar e talvez ela nunca tenha estado”.

Após passar pela “Provação”, o Herói finalmente chega à fase da “Recompensa (Apanhando a Espada), que se trata do momento em que

O herói, então, pode se apossar do tesouro que veio buscar, sua Recompensa. Pode ser uma arma especial, como uma espada mágica, ou um símbolo, como o Santo Graal, ou um elixir que irá curar a terra ferida. Por vezes a "espada" é o conhecimento e a experiência que conduzem a uma compreensão maior e a uma reconciliação com as forças hostis. (2006, p. 35)

A Recompensa de Luisa parece ser ela finalmente ter entendido que Alana não está *realmente* ao seu lado para ajudá-la, que não fazem parte da mesma realidade; é quando ela volta para seu apartamento decidida a mudar tudo; limpa a casa, toma um banho demorado, responde aos e-mails atrasados. Coloca sua vida em ordem. Sua espada aqui é seu entendimento sobre como será sua vida a partir daquele momento.

Entretanto, Luisa também sabe que ainda não acabou: “Se no alto daquele prédio eu descobri que não poderia voar, o que pode ser óbvio para todos, eu também descobri onde tudo acabaria, qual seria meu último vilão em um jogo que nunca quis jogar”. E são nessas fases finais que elas se entrelaçam e deixam de ter uma delimitação bastante clara como vinha acontecendo. Como as realidades de Luisa e Alana sempre se misturaram, as fases de sua trajetória também entram em simbiose: as próximas fases da Trajetória do Herói são: “Caminho de Volta”, “Ressurreição” e “Retorno com Elixir”.

Como a cena exemplificada acima, em que Luisa está no seu apartamento após o episódio no parapeito do prédio, podemos colocá-la na categoria de “Caminho de Volta”, juntamente com “Recompensa”, pois é nessa fase “em que marca a decisão de voltar ao Mundo Comum. O herói compreende que, em algum momento, vai ter que deixar para trás o Mundo Especial, e que ainda há perigos, tentações e testes à sua frente” (VOGLER, 2006, p. 36), que é justamente o que a narradora Luisa diz ao perceber que sua história ainda não acabou, pois falta ainda lidar com “um último vilão”, que descobrimos tratar-se de sua ida ao cemitério para, finalmente, lidar e aceitar a morte do irmão.

Podemos pensar em “Ressurreição” como a cena em que Luisa, já no cemitério, lidando por fim com o fato de Raul estar morto, senta-se ao lado da lápide do irmão e percebe que é isso, que ela precisa “Seguir em frente. Antes que eu me pergunte ‘mas seguir em

frente para onde?”, fecho os olhos e descanso a testa nos joelhos; respiro fundo. É isso. Eu preciso acordar”. É o momento em que, assim como aconteceu no alto do prédio quando estava pensando em pular, Luisa percebe que ela existe fora da realidade em que Alana e os outros existiram. Que ela já existia antes deles e continuará existindo, assim como existia antes de seu irmão.

Vogler (1949) explica essa penúltima fase como sendo:

Muitas vezes, este é um segundo momento de vida-ou-morte, quase uma repetição da morte e renascimento da Provação. A morte e a escuridão fazem um último esforço desesperado, antes de serem finalmente derrotadas. É uma espécie de exame final do herói, que deve ser posto à prova, ainda uma vez, para ver se realmente aprendeu as lições da Provação. O herói se transforma, graças a esses momentos de morte-e-renascimento, e assim pode voltar à vida comum como um novo ser, com um novo entendimento (2006, p. 36)

Já na última fase, temos o “Retorno com Elixir”, que se trata de trazer para casa algo aprendido ou conquistado durante a missão, como um tesouro ou uma poção capaz de curar. “Algumas vezes, o Elixir é o tesouro conquistado na busca, mas pode ser o amor, a liberdade, a sabedoria, ou o conhecimento de que o Mundo Especial existe, mas se pode sobreviver a ele. Outras vezes, o Elixir é apenas uma volta para casa, com uma boa história para contar” (VOGLER, 2006, p. 37). O elixir de Luisa é a sua aceitação pela morte de Raul e sua despedida final de Alana, Sebastian e Gabriel. O que Luisa leva para casa é o desejo de escrever redescoberto, de criar realidades, de contar histórias. Cena que ocorre também no capítulo em que visitamos o cemitério, quando ela por fim levanta-se do chão ao lado da lápide de Raul, ansiando ir para a casa escrever: “Só quero chegar em casa e escrever. Quero contar essa história, para que nela Raul viva para sempre. E, talvez, Alana, tu sejas a primeira a ouvi-la”.

O elixir de Luisa é a sua própria jornada, pois é a história que ela passa a escrever nas linhas finais de *Eu vivo à beira*.

8. O passado de Luisa

Durante o processo de criação de *Eu vivo à beira*, um cuidado que almejei ter foi que pudéssemos acompanhar o crescimento de Luisa a partir das lembranças que ela apresentava em cada lugar que visitava. Quis que houvesse um padrão nessas lembranças: era sempre

algum momento compartilhado com o irmão Raul, exceto pela ida da narradora ao apartamento de um ex-namorado, pois desejei que ali representasse o quão sozinha ela se sentia e o quão perdida estava em sua busca. É o único lugar que ela vai por si mesma: “É quando eu percebo que não foi Alana nem Sebastian nem ninguém que me mandara ali. Meus pés haviam me traído depois de tanto tempo. Meu corpo podia se lembrar da dor, mas a queria”. Na tentativa de sentir *alguma coisa*, ela escolhe a dor.

É também a única vez no decorrer da história em que Luisa acredita estar tocando Sebastian, quebrando a distância das realidades entre eles: “Acabo esbarrando nele, que segue de costas. E congelo. Isso nunca antes tinha acontecido. O toque. A invasão, a fusão dos mundos”, mas não era Sebastian, apenas um homem qualquer. Meu desejo em fazer essa cena diferente da do restante foi para criar um ápice dentro das memórias revisitadas de Luisa; aqui ela não sabe mais o que é real e o que não é, por isso busca conforto e toque em uma pessoa do seu passado - a única que ela sabe estar viva, portanto, a única figura ao seu alcance, como descobrimos depois, já que nem Raul nem seus personagens estão mais lá. Ela mistura presente e passado porque está pendendo entre os dois tempos por não querer, ou não ser capaz de, aceitar o que aconteceu com Raul e/ou Alana, ao mesmo tempo que busca no presente resquícios de uma realidade que existiu para que, assim, possa seguir em frente para o futuro. É como se, ao dizer e nos mostrar que “‘Eu estava lá’, o imperfeito gramatical marcasse o tempo, ao tempo que o advérbio marcasse o espaço” (RICOEUR, 2007, 156).

Paul Ricoeur (1913), em sua obra *A memória, a história e o esquecimento* (2007), nos apresenta um conceito encaixável ao que eu pretendi fazer na história de Luisa:

É um conjunto que o aqui e o lá do espaço vivido da percepção e da ação e o antes do tempo vivido da memória se reencontram enquadrados em um sistema de lugares e datas do qual é eliminada a referência ao aqui e ao agora absoluto da experiência viva (RICOEUR, 2007, p. 157)

Enquanto esse capítulo joga com a ideia de temporalidade, com os outros, segui uma linha temporal crescente: no primeiro capítulo, conhecemos Luisa e Raul crianças e assim segue quando entramos na praça em que ela quebrara o braço ou durante a escola e a visita ao pai deles, momentos que já servem como ambientes de transição para a adolescência de Luisa, retratada durante as férias na praia na casa da tia ou quando costumavam subir no último andar do prédio do estacionamento de um shopping na cidade. Tudo isso culmina com

a passagem de Luisa no apartamento vazio de Raul, quando eles, já adultos, bebem e têm questionamentos mais profundos a respeito de suas próprias vidas.

É também quando Luisa, no presente, se pergunta se seus personagens sumiram por ter “ficado velha”, já que a fantasia é geralmente lembrada como uma literatura feita para jovens e crianças. Como se ao ter completado vinte e cinco anos, ela não pudesse mais pertencer àquele mundo: o da fantasia, o da imaginação e do lúdico - aspectos considerados infantis: “Me pergunto se vocês sumiram porque eu fiz vinte e cinco anos, como meu útero me lembrando de gerar uma criança. ‘O relógio está correndo’”.

Para que a linha temporal do crescimento de Luisa e Raul ficasse mais organizada, escolhi lugares que pudessem servir de dispositivos para as lembranças compartilhadas entre os irmãos e que tivessem como pano de fundo a história que Luisa escreveria depois, pois sempre há a presença de Alana, Sebastian ou Gabriel flanando ao redor deles.

Cada lugar desencadeia lembranças para que o presente seja discutido e para que um possível leitor pudesse tentar conhecer e entender melhor Luisa - suas aflições, anseios e medo. Eu, no meu papel de escritora, precisava criar Luisa para que ela não fosse apenas a contadora de histórias da Alana ou a irmã de Raul (que é exatamente como ela se vê). Eu precisava de elementos na história que a humanizassem e usei o recurso da memória para isso.

Paul Ricoeur (1913) falará de “marcas exteriores adotadas como apoio e escalas para o trabalho da memória” (2007, p. 156), que são esses elementos estratégicos de narrativa que citei.

Lembranças de ter morado em tal casa de tal cidade ou de ter viajado a tal parte do mundo são particularmente eloquentes e preciosas; elas tecem ao mesmo tempo uma memória íntima e uma memória compartilhada entre pessoas próximas: nessas lembranças tipos, o espaço corporal é de imediato vinculado ao espaço do ambiente, fragmento da terra habitável, com suas trilhas mais ou menos praticáveis, seus obstáculos variadamente transponíveis; “é árduo”, teriam dito os Medievais, nosso relacionamento com o espaço aberto à prática tanto quanto à percepção. (RICOEUR, 2007, p. 157)

As lembranças revisitadas por Luisa são agri doces. Ao mesmo tempo que vivia momentos de pura agonia, como quando o irmão foge de casa ou quebra um braço, ou até mesmo quando ela tem seu coração partido na adolescência, Alana estava lá com ela. Ao redor, em realidade fugidia, mas ao lado dela. E é isso que ela busca ao ir a lugares de seu

passado: que alguém esteja lá, pois ela já não aguenta mais estar sozinha: “Não há ninguém aqui além de mim”.

9. A Luisa do subsolo

Rosemary Jackson (1981) vê a literatura de fantasia como subversiva, porque nela se quebram as expectativas e padrões da literatura com a qual estamos acostumados: “as diferenças de gênero entre homem e mulher são subvertidas e as distinções genéricas entre animal, vegetal e mineral são obscurecidas na tentativa da fantasia de ‘tornar’ tais percepções ‘normais’ e minar as maneiras ‘realistas’ de ver” (JACKSON, 1981, p. 49 , tradução minha);⁴ e um dos meus cuidados durante a criação de *Eu vivo à beira* foi trazer esse conceito para a prática ao escolher os “inícios” das histórias escritas por Luisa. Ao colocar Alana em lugar de destaque na maioria dessas histórias, quebrou-se a ideia de um herói retratado pela imponente figura masculina que precisa salvar alguma donzela em perigo, como explicitado por Campbell (1981). Nos livros de Luisa, quem precisa ser salvo, em grande parte das vezes, é justamente a figura masculina, o Sebastian, como em *Alana e a maldição dos dragões*, em que Alana é a guerreira que precisa recuperar Sebastian levado pelos dragões.

A imagem de Alana como salvadora se repete em *Alana e a missão que veio das águas*, em que temos uma personagem central cujas mulheres da família sofrem com uma maldição, que consiste em “aparecerem” grávidas ao completarem dezessete anos de alguma criatura que vem do rio da cidade. Alana entende a maldição, mas já se mostra uma figura subversiva quando pensa nela mesma como imune àquele destino: “seria a primeira mulher da família que correria para bem longe do rio assim que ele brilhasse contra a luz da lua”. Nessa história também temos Alana como a personagem necessária para salvar a todos, pois dependem dela para encontrar seu pai e manter o acordo que une humanos com as criaturas da água. E ela, apesar de se ver em uma situação de perigo imposta para salvar a própria família, é detentora da escolha, pois ela *decide* não engravidar e continuar com o acordo feito há muitos anos na tentativa de manter o povo das águas a salvo.

⁴ “Gender differences of male and of female are subverted and generic distinctions between animal, vegetable and mineral are blurred in fantasy’s attempt to ‘turn over’ ‘normal’ perceptions and undermine ‘realistic’ ways of seeing”. (JACKSON, 1981, p. 49)

Outro elemento de subversão que escolhi representar, em *Alana e a missão que veio das águas*, é a figura fantasiosa de Sebastian que vem ao encontro da real e humana figura de Alana. Ao contrário do que aparece em *Alana e a hora mais escura* ou em *Alana e a música do mar* (em que a mulher é a criatura sobrenatural e o momento em que diz seu nome é retratado com importância, pois nela ocorre o choque entre realidade e fantasia), na história de *A missão que veio das águas* temos justamente o contrário: nela é Sebastian o sobrenatural invadindo o real, ou como Jackson afirma quando diz, já citado acima, que “distinções genéricas entre animal, vegetal e mineral são obscurecidas na tentativa da fantasia de ‘tornar’ tais percepções ‘normais’” (JACKSON, 1981, p. 49⁵). Nas histórias escritas por Luisa tal recurso de eliminar o humano e transformá-lo em criatura é recorrente e, além de subverter a ideia de realidade, também subverte a ideia ao que o conceito de humano se refere, pois as criaturas trazidas, como a Alana sereia, a Alana vampiro ou fantasma, por exemplo, apresentam sentimentos, ou são retratadas de maneira humanizada, como a Alana fada em *Alana e o pó da lua*, quando Sebastian vê no olhar da criaturinha no frasco de vidro *alguma coisa* que o faz acreditar que precisa salvá-la, pois ela não é apenas um souvenir, mas um ser vivo, capaz de pedir socorro com os olhos, demonstrando sentimentos.

Vemos esse exemplo na literatura de fantasia moderna em séries de livros como *Instrumentos Mortais* (2007), da escritora americana Cassandra Clare, em que temos uma protagonista que é uma garota e que tem seu mundo dito até então como real invadido pela fantasia ao se descobrir filha de uma raça composta por meio humanos e meio anjos. Tanto o mundo humano quanto o mundo fantasioso dependem dela, a figura de garota,

Outro exemplo subversivo é a série *Jogos Vorazes* (2008), de Suzanne Collins, em que Katniss Everdeen é a personagem central forte, caçadora, capaz de ser a provedora de sua família em um mundo distópico, lutar contra homens maiores e mais fortes que ela e agir friamente diante de batalhas mortais; e a figura masculina ao seu lado, seu par romântico, Peeta, é quem é retratado como o fragilizado, que depende da garota para enfrentar os obstáculos da arena durante os jogos, papel geralmente imposto às personagens femininas. Temos em Katniss uma jovem mulher detentora do poder, cujas escolhas são as que ditam o que acontece ou não na aventura.

⁵ “[...] generic distinctions between animal, vegetable and mineral are blurred in fantasy’s attempt to ‘turn over’ ‘normal’ perceptions and undermine ‘realistic’ ways of seeing”. (JACKSON, 1981, p. 49)

Foi com esses livros que Luisa cresceu, vendo personagens centrais que são garotas de sua idade em lugar de destaque e que não podem esperar para serem salvas porque elas mesmas precisam salvar o mundo, e isso refletiu em sua escrita. Por isso, Alana é uma personagem tão forte; é Alana a quem até mesmo Raul recorre ao brincar no parapeito do prédio: “Vamos, me diz que criatura fantástica Alana se transformaria pra me salvar?”. A fantasia em que Alana é um ser poderoso reflete na realidade ao esperarmos por ela para que sejamos salvos: ainda que Luisa veja somente Alana como “uma guerreira. Uma bruxa. Enfrenta dragões e mata bandidos. Tudo que eu tenho é medo”, percebemos, no final de *Eu vivo à beira*, que a força de Alana acaba por respingar na escritora e ela, enfim, é capaz de enfrentar seus medos, sejam eles sobre não ser capaz de escrever sozinha ou ter de enfrentar o luto pela morte de seu irmão Raul.

Outro elemento que é insurgente na literatura de fantasia, pela visão de Jackson (1981), é o tempo cronológico, “que é igualmente destruído, com o passado, o presente e o futuro perdendo sua sequência histórica e tendendo a uma suspensão, um presente eterno” (JACKSON, 1981, p. 47, tradução minha)⁶, elemento esse que busquei trazer para *Eu vivo à beira* através da narrativa contada por Luisa, mais precisamente no recurso da “suspensão”, pois, como ela mesma afirma algumas vezes, ela perdeu a noção de tempo desde que Raul morreu e seus personagens desapareceram. Percebemos o tempo passar por breves citações a respeito de “frio”, “agosto”, “setembro”, mas apenas isso. E em cada novo lugar visitado pela escritora, pendemos entre presente e um flashback, pois Luisa enfrenta seu passado apenas ao se deparar com o presente.

Com o tempo, como com o espaço, são os intervalos entre as coisas que têm precedência no fantástico: parte de seu poder transformador reside na mudança radical da visão de unidades, objetos e fixações, para os intervalos entre elas, tentando ver como *coisas* os espaços *entre* as coisas. (JACKSON, 1981, p. 48, Tradução minha)

With time, as with space, it is the intervals between things which come to take precedence in the fantastic: part of its transformative power lies in the radical shift of vision from units, objects, and fixities, to the intervals between them, attempting to see as things the spaces between things. (JACKSON, 1981, p. 48)

⁶ “Chronological time is similarly exploded, with time past, present and future losing their historical sequence and tending towards a suspension, aa eternal present” (JACKSON, 1981, p. 47)

É o que Luisa não nos mostra sobre Alana, sobre Raul ou sobre a própria vida que faz com que a conhecemos de maneira gradual no decorrer do livro. Nada nos é revelado aberta ou rapidamente, muito menos na literatura criada por Luisa, em que temos apenas um primeiro capítulo para capturar o que ela quer nos passar e o quanto ela deseja nos dar de Alana. Aqui, mais uma vez, temos uma personagem, que é também narradora, que tem poder de *escolha*, cujo recurso utilizado Jackson chamará de “vazio na literatura de fantasia”:

O seu vazio corrompe um mundo visível tridimensional, arredondado e completo, traçando, nas ausências, sombras sem objetos. Longe de realizar o desejo, esses espaços perpetuam o desejo, insistindo na ausência, na falta, no não-visto, no invisível. (JACKSON, 1981, p. 45, tradução minha)

Their emptiness vitiates a full, rounded, three-dimensional visible world, by tracing in absences, shadows without objects. Far from fulfilling desire, these spaces perpetuate desire by insisting upon absence, lack, the non-seen, the unseeable. (JACKSON, 1981, p. 45)

Ainda no viés subversivo, Jackson dirá também que a literatura de fantasia “tem a ver com algum tipo de agonia e desconforto existencial⁷” (1981, p. 26, tradução minha), outro recurso que busquei retratar (ou que fiz Luisa retratar em suas histórias), como na já citada *Alana e a missão que veio das águas*, em que a protagonista, ao contrário de seus colegas que também estão para se formar no Ensino Médio, não sabe o que fazer a seguir e “vinha se sentindo deslocada ao ouvir todos os planos e sonhos de seus colegas, mas sabia que a culpa era apenas dela. Nunca foi uma menina mais sonhadora nem cheia de objetivos; vivia cada dia de uma vez, uma confusão por dia e era isso”. Nessa história, fiz com que o elemento sobrenatural (sua missão de salvar o mundo das águas e os dois lados de sua família) fosse justamente o que a trouxesse novamente para o centro, dando-lhe um sentido ou algo no que acreditar.

Por outro lado, em *Alana e a promessa da loba*, temos uma personagem já sobrenatural, uma loba capaz de se tornar humana uma vez por mês, que tudo que deseja é tornar-se humana para sempre. O desconforto existencial dela está no sobrenatural, mas pode ser solucionado com a realidade que Sebastian, o jovem estudioso sobre lobos, está lhe oferecendo.

Em todas as histórias de Luisa, eu tentei trazer para a prática essa ideia de subversão vista por Jackson (1981) na literatura de fantasia, em que acontece uma *virada* na vida do

⁷ “[...] the fantastic was to do with some kind of existential anxiety” (JACKSON, 1981, p. 26).

personagem e ele se vê pendendo entre realidade e fantasia (à beira): “A relação do indivíduo sujeito com o mundo, com os outros, com os objetos, deixa de ser conhecida ou segura, e os problemas de apreensão (no duplo sentido de perceber e de temer) tornam-se centrais no fantástico moderno” (JACKSON, 1981, p. 49, tradução minha)⁸.

Minha escolha em trazer uma Porto Alegre cinzenta e sem seus lugares turísticos também veio de um reflexo da leitura de Jackson (1981) sobre fantasia, ainda que ela use Dostoievski como exemplo, ao dizer que “Suas ficções narram cenas metropolitanas ‘não naturais’, habitadas por sujeitos desintegrados, ‘homens do subsolo’”(JACKSON, 1981, p.17, tradução minha)⁹, a ideia era puxar Luisa de seu subsolo e retratar uma capital pela parte que nem sempre é vista: uma depredada praça de bairro, uma escola com paredes descascadas, um prédio antigo sem elevador, uma lanchonete simples de rodoviária. Até quando trago um cenário mais distante, o litoral gaúcho, é para falar sobre “o mar que nunca antes estivera tão marrom”.

Neil Gaiman, um dos maiores nomes em literatura fantástica da atualidade, no prefácio de seu livro *Lugar Nenhum: edição preferida do autor* (2016), fala a respeito de algo muito parecido ao que Jackson (1981) via na literatura de Dostoievski e na literatura de fantasia no geral: “Queria falar sobre as pessoas que vivem à margem, sobre os desvalidos, usando, para tanto, o espelho da fantasia – capaz de nos fazer ver pela primeira vez aquilo que, de tanto vermos, acabamos nunca enxergando de verdade” (GAIMAN, 2016, p. 10), e ele faz isso usando de cenário uma Londres suja, fazendo a história se passar em boa parte em esgotos, túneis de metrô, lugares escuros e ignorados por turistas.

Minha Luisa de subsolo é uma escritora sem o glamour que a profissão erroneamente invoca: ela nos traz a realidade de ser ignorada ao palestrar em escolas, ao falar de dinheiro, da venda dos livros, da escolha das capas, dos marcadores e brindes que sobraram, de ver seu livro em uma banca de jornal, “Agora eu não passo de nome em branco numa capa preta de um livro esquecido em uma banca na rodoviária. R\$9,90 indica o adesivo vermelho”. Quis refletir no cenário de uma Porto Alegre cinzenta de inverno o declínio da carreira de Luisa,

⁸ “The relation of the individual subject to the world, to others, to objects, ceases to be known or safe, and problems of apprehension (in the double sense of perceiving and fearing) become central to the modern fantastic.” (JACKSON, 1981, p. 49)

⁹ “His fictions narrate metropolitan scenes which are ‘un-natural’, inhabited by disintegrated subjects, ‘underground men.’”(JACKSON, 1981, p.17)

“Minha marca são vários links desativados de blogues que já não existem sobre uma escritora jovem que escrevia livros gigantes e que participou de algumas feiras em cidades pequenas”, a parte *feia* que não falam sobre a vida de um escritor e, principalmente, que trouxesse uma realidade *real demais* perto da fantasia que ela escreveu a vida inteira - o choque, desconforto, a agonia sobre a qual fala Jackson (1981).

10. Os livros de Luisa

Desde o início da idealização de *Eu vivo à beira* senti a necessidade de algo mais visual para complementar as histórias trazidas por Luisa. Primeiramente, pensei em um jogo de tabuleiro que trouxesse mais detalhes a respeito de cada uma das nove histórias, pois só temos o primeiro capítulo de cada uma e um ou outro detalhe da narrativa espalhados pelas memórias de Luisa, mas logo a ideia foi descartada como a maioria das ideias de um escritor depois que se organiza o que Assis Brasil chama de “geleia geral” (2019, p. 26), momento em que todas as pretensões e ideias estão misturadas na cabeça daquele que escreve. Entretanto, a necessidade de expor mais detalhes dos livros metaficcionalizados ainda era latente, pois eles foram importantes para Luisa; cada uma dessas histórias faz parte do que minha narradora se tornou. Todas elas fizeram que Luisa se apaixonasse por Alana, Sebastian e Gabriel e, ainda que esse amor fique explícito, nós só temos o que Luisa decide nos mostrar, que são apenas fragmentos, que são apenas os primeiros capítulos.

Se minha ideia de primeiros capítulos de livros diferentes intercalados com a história “principal” vinha de uma leitura deslumbrada de *Se um viajante numa noite de inverno* (1979), de Ítalo Calvino, em que somos jogados para dentro de dez livros diferentes cujo personagem central somos nós, o “Leitor”, eu me vi precisando ser mais organizada, desejando deixar cada história bem delimitada e que sua ordem cronológica ficasse minimamente clara, nem que fosse apenas para mim. O que tem de Luisa de ousada em criar vários mundos distintos em cada história nova, ainda que com os mesmos personagens, eu tenho de cautelosa, e me encontro precisando sempre dar um passo atrás e organizar minhas experiências de escrita.

Sendo assim, casando minha necessidade de organização dentro da escrita com minha vontade de mostrar mais da carreira de Luisa, resolvi me aventurar na criação de capas para

os livros citados durante *Eu vivo à beira*. Busquei as figuras em banco de imagens gratuitos, e montei capas genéricas através do aplicativo Canva¹⁰, apenas para dividir cada história da narrativa do presente de Luisa, já que não via mais como suficiente fazer uso do título em negrito separando capítulo.

Acredito que tenha sido uma tentativa de puxar para fora de mim (e de Luisa) uma realidade em que Alana existiu ou, ainda, uma tentativa de me fazer ficar mais tempo no mundo de Luisa.

É difícil dizer adeus.

11. A despedida de Luisa

É um trabalho muito difícil me separar de Luisa e, ao fazê-lo, me vejo entendendo-a melhor, assim como sua relação de dependência com Alana. Da mesma forma que Luisa, me encontrei tentando me espelhar na própria personagem, como ela acaba por fazer no final de *Eu vivo à beira*, ao despedir-se de Raul e de Alana no cemitério, simplesmente os deixando ir, “Sei qual é o próximo lugar a ser visitado da minha lista e sei também que não vou encontrar ninguém lá, porque eles se foram, realmente se foram. Então eu os deixo ir”.

Acreditei que seria menos doloroso deixá-la ir. Não cheguei ainda a procurá-la por lugares que visitei durante esses dois anos que compartilhamos uma jornada, mas me vejo encarando a página vazia e me perguntando se ela quer dizer mais alguma coisa, se, como eu, ela também não está pronta para dizer adeus ainda.

Usando palavras de Luisa, “Eu deveria saber lidar hoje com despedidas porque, no final, todo mundo vai embora”. Soa ridiculamente pessimista, mas é como tenho me sentido. Ninguém prepara um escritor para se despedir de seus personagens, então eu te entendo, Luisa. Entendo teu desespero. Entendo a tristeza de Rodrigo S.M. ao matar Macabéa e dizer que “Ela estava enfim livre de si e de nós” (LISPECTOR, 2006, p. 69). Entender não é exatamente aceitar.

¹⁰ O Canva é uma ferramenta simplificada de design gráfico, fundada em 2012. Ele usa um formato de arrastar e soltar e fornece acesso a fotografias, imagens vetoriais, gráficos e fontes. É usado por não designers e profissionais. As ferramentas podem ser usadas para design e gráficos da Web e da mídia de impressão (fonte <https://en.wikipedia.org/wiki/Canva>, acessado em 13/01/2020, às 13h50min)

Elisabeth Kubler-Ross (1926), uma psiquiatra suíça, criou, a partir de anos de pesquisa e estudo com pacientes terminais e parentes que haviam perdido seus entes queridos, um esquema com cinco estágios pelos quais essas pessoas passam, ou tendem a passar, após o falecimento de alguém, ou tentando entender a morte eminente, ou até mesmo uma separação e o chamou de “Os cinco estágios do luto”, retratados em seu livro *Sobre a morte e o morrer* (1981).

Eu fiz Luisa passar pelos doze passos da Jornada de Herói, mas também a fiz passar pelos cinco estágios do luto e agora quem passa por eles sou eu.

O primeiro estágio é chamado de “negação e isolamento”, e Kubler-Ross o explica como sendo “A negação funciona como um para-choque depois de notícias inesperadas e chocantes, deixando que o paciente se recupere com o tempo, mobilizando outras medidas menos radicais” (ROSS, 1981, p. 36). É exatamente o que Luisa faz durante toda sua história: ela se nega a admitir que Raul está morto e que Alana, Sebastian e Gabriel foram embora. Ela fica repetindo que “[...] mas eu não posso escrever sozinha, Alana, não posso...” e por isso sai na sua aventura, tentando encontrar uma maneira de trazê-los de volta.

Na casa de sua mãe, onde passou a infância, Luisa passa direto pela porta do irmão morto, ignorando, negando sua morte: “Caminhei pelo corredor recém-pintado, ignorando a porta que não abrimos mais, e fui direto ao meu antigo quarto”.

Mais à frente na história, quando Luisa visita sua antiga escola, a professora tenta puxar o assunto do falecimento, e ela mesma admite que não quer ouvir aquilo:

— Nós sabemos o que aconteceu — ela prossegue e eu balanço a cabeça, não querendo ouvir aquilo, não agora, me desvencilhando mais uma vez — Sei que vocês devem estar sofrendo, mas fica tudo bem, sabe? Uma hora fica.

— Eu não sei do que a senhora está falando.

Da mesma forma acontece no capítulo em que a narradora vai ao encontro de seu ex-namorado. Um diálogo muito semelhante acontece e, mais uma vez, Luisa ignora:

— Eu fiquei sabendo — ele segue, colocando as mãos no bolso da jaqueta. Quero saber aonde ele pretendia ir àquela hora, quem pretendia encontrar.... Um ciúme antigo é a única coisa que consegue me aquecer — Eu nem sei o que falar, que merda.

“Que merda”, sim, que merda, isso poderia resumir tudo.

Porém, o momento mais claro de sua negação e isolamento em respeito à morte do irmão vem no final da história, quando finalmente sabemos que ele faleceu, quando ela admite ao leitor: “Por quase uma semana inteira, eu evitei ver ou falar com minha mãe ou qualquer amigo de Raul, queria guardar essa esperança de que ele era inventado, porque se fosse, eu podia inventá-lo de novo, colocar no papel que ele ainda estava vivo”.

Já o segundo estágio, segundo Kubler-Ross (1926), é o da “raiva”, que ocorre “Quando não é mais possível manter firme o primeiro estágio de negação, ele é substituído por sentimentos de raiva, de revolta, de inveja e de ressentimento” (ROSS, 1981, p. 42). Luisa, quando percebe que não consegue escrever sozinha e que os personagens talvez nunca mais apareçam, torna-se ressentida com aqueles que amou durante a vida: “tudo que eu sentia agora era uma raiva que fazia doer todo meu corpo pela parte de dentro, que queimava como se eu tivesse jogado ácido em cada um dos meus órgãos na tentativa de curar uma coceira que picava e me fazia gritar”. Ela chega a admitir que os odeia e que não deseja mais a volta deles: “Mas agora eu os odiava com toda a força que podia conter em mim, uma força que eu acreditava existir só porque eles existiam”.

Kubler-Ross (1926) diz que o estágio da raiva acontece geralmente com aquele que “é o acostumado a controlar tudo a vida inteira, que reage com raiva e fúria ao se ver forçado a abandonar os controles” (1981, p. 45). E Luisa sempre acreditou estar no controle, pois ela era a única capaz de ver Alana e os outros. Ela não esperava que eles sumissem e, como irmã mais velha, não esperava durar mais que Raul, seguir em um mundo sem ele.

Indo para o terceiro estágio, temos o da “barganha”, “que, na realidade, é uma tentativa de adiamento; tem que incluir um prêmio oferecido ‘por bom comportamento’, estabelece também uma “meta” auto-imposta [...] e inclui uma promessa implícita de que o paciente não pedirá outro adiamento, caso o primeiro seja concedido” (ROSS, 1981, p. 64). Vemos Luisa implorar por Alana a cada fim de capítulo, alegando que precisa deles para escrever, que não pode seguir sozinha, que não é tão forte quanto eles, que não sabe *ser* sozinha.

Entretanto, a barganha de Luisa dirigida à Alana fica mais evidente quando, ao ir para a praça onde seu irmão quebrara o braço, ela relembra que, em razão do acidente, acabou esquecendo ali um caderno que nunca mais encontrou: “Aquela história havia se perdido e eu me sentia como se tivesse traído Sebastian, Alana e Gabriel, porque eu os tinha deixado para trás”. É então que, ao procurar desesperada e inutilmente pelo caderno, quinze anos depois,

ela pergunta: “Se eu encontrar esse caderno, vocês voltam?”, prometendo em silêncio que nunca mais os deixaria para trás.

O quarto estágio é o da “depressão”, “Seu alheamento ou estoicismo, sua revolta e raiva cederão lugar a um sentimento de grande perda” (ROSS, 1981, p.66). Durante toda a história, o sentimento de perda é exatamente o que move Luisa: tem parte dela faltando e ela precisa preencher e essa perda é expressada através da página em branco que ela encara, do apartamento vazio de Raul, assim como todos os lugares que ela visitou: é a percepção de estar e ser sozinha.

Luisa é uma personagem deprimida que passa as noites insone, abusa do álcool e que perde a noção de tempo e autopreservação, mas demoramos a descobrir o motivo de sua tristeza profunda, ao acreditarmos tratar-se apenas do bloqueio da escrita e da perda de Alana e dos outros personagens. Porém, ela perdeu também seu irmão.

No ápice de sua estado desalento e confusão, ela se dirige até o apartamento do ex-namorado, é quando ela admite a falta, a perda:

Eu precisava me sentir em casa depois de tanto tempo. Me sentir habitada. Cessar o silêncio nos meus ouvidos. Eu precisava me sentir encontrada porque já tinha cansado de ser perdida ou de ter perdido. Não queria perder mais ninguém nem que ninguém se perdesse.

Já o último estágio é o da “aceitação”, que é quando, depois de um tempo necessário, a pessoa passa a compreender que precisa lidar com o que vem acontecendo: “Não é um desânimo resignado e sem esperança, um senso de ‘o que adianta?’ ou ‘não aguento mais lutar’, [...] Não se confunda aceitação com um estágio de felicidade” (ROSS, 1981, p. 88).

Há duas passagens em *Eu vivo à beira* que gosto de pensar que se encaixam nessa afirmação de “aceitação” e são elas: a cena em que Luisa está prestes a pular do parapeito do prédio e ela se permite, então, respirar, e desce dali ao perceber que Alana não estará para salvá-la, que, na realidade humana dela, ela não pode pular, não como Alana pularia e sobreviveria.

Já a segunda passagem é o capítulo todo que acontece no cemitério e quando descobrimos que o irmão de Luisa faleceu. A forma como ela entra no lugar, “Tudo que me segurava era o desejo de colocar um ponto final naquela história, na minha história. Eu precisava acabar com aquilo”, é porque ela finalmente aceita o que aconteceu e sabe que precisa lidar com aquilo agora. Então, mais à frente, quando ela se senta ao lado da lápide do

irmão, chora e então para, pensa “Eu preciso acordar”, e acorda, saindo do estupor em que se colocou durante os outros quatro estágios.

Ela acorda e então, agora, se encontra querendo escrever novamente, acreditando ser capaz de fazê-lo sozinha, “E não vai ter ninguém lá para ouvir essa história primeiro. Mas eu não me importo mais com isso”.

É quando Luisa aceita que acabou. Quando ela se despede de seus personagens, do irmão, da fantasia, e se descobre como real, porque “Fora dessa história eu existo”.

E eu, Luisa, eu estou prestes a barganhar e te pedir mais tempo, que me conte outra história como Raul te pedia antes de dormir. Eu estou prestes a prometer que te tratarei melhor e não te farei sofrer tanto.

Mas nos separamos aqui, Luisa, apenas porque aceito que tu também precisas ser livre.

Eu te deixo ir.

REFERÊNCIAS

A ROSA Púrpura do Cairo. Direção de **Woody Allen**. Estados Unidos da América: Orion Pictures Corporation, 1985. (81min).

ADAMS, Douglas. **Até mais, e obrigado pelos peixes!** São Paulo. Editora Arqueiro. 2009.

BORGES, Jorge Luis, **Discusión**. Emecé Editores. Buenos Aires. 1957.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. **Escrever ficção: Um manual de criação literária**. Companhia Das Letras. São Paulo. 2019.

CALVINO, Italo. **Se um viajante numa noite de inverno**. Companhia das Letras. São Paulo. 1999.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo. Pensamento, 1989.

CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. 11. ed. São Paulo. Ática, 2002.

CLARE, Cassandra. **Cidade dos ossos: Os instrumentos mortais**. Tradução: Rita Sussekind. Rio de Janeiro. Galera Record. 2011.

COLLINS, Suzanne. **Jogos vorazes I**. Rio de Janeiro. Rocco Jovens Leitores. 2012.

E.T.: O Extraterrestre. Direção de Steven Spielberg. Estados Unidos da América: Universal Pictures, 1982. (114).

GAIMAN, Neil. **Lugar Nenhum**: edição preferida do autor. Tradução: Fábio Barreto. Rio de Janeiro. Intrínseca. 2016.

GENETTE, Gérard. **Figures III**. Paris. Du Seuil. 1972.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Minas Gerais: Edições Viva Voz, 2010.

HAUSER, A. **História social da literatura e da arte**. Tradução de Walter H. Geenen. São Paulo: Mestre Jou, 1972. 2 v.

JACKSON, Rosemary. **Fantasy: The Literature of Subversion**. Routledge, 1981.

JOYCE, James. **Retrato do artista quando jovem**. Irlanda. 1916.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo. Martins Fontes, 1981.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1977.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1973.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida – Pulsações**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1978.

O MÁGICO de Oz. Direção de **Victor Fleming**. Estados Unidos da América: MGM, 1939. (101min).

QUIROGA, Horacio. **Decálogo do perfeito contista**. São Paulo. L & PM Editores, 2009.

REIS, Carlos (coordenador). **Figuras da Ficção**. 1. ed. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, 2006.

RICHARDSON, Brian. Três Formas Extremas de Narração e uma Nota sobre a Não Confibilidade Pós-Moderna (excertos). in: **Unnatural Voices: Extreme Narration in Modern and Contemporary Fiction**, Ohio University Press, 2006 – tradução disponibilizada na disciplina Teorias da Narrativa I, Prof. Paulo Ricardo Kralik, no PPGL PUCRS, Segundo semestre de 2018.

RICHARDSON, Brian. **Unnatural Voices: Extreme Narration in Modern and Contemporary Fiction**. Ohio University Press, 2006. Tradução de Nicole Didio do capítulo quatro (“I, etcetera: Multiperson narration and the range of contemporary narrators”), in: **Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará - UEPA Jul-Set 2018**.

Disponível

em:

<https://paginas.uepa.br/seer/index.php/ribanceira/article/download/2116/1047>

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas. UNICAMP. 2007.

ROAS, David (Org.). **Teorías de lo fantástico**. Madrid: Arco Libros, 2001.

ROWLING, J. K., **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco. 1997.

STAR Wars: Episódio IV – Uma Nova Esperança. Direção de **George Lucas**. Estados Unidos da América: 20th Century Fox, 1977. (2h5min.).

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

TOLKIEN, J. R. R., **A Sociedade do Anel**. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores**. 3. ed. São Paulo. Aleph, 2015.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br